



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

ANTONIO VAGNER RIBEIRO LIMA

**SANTO REIS MANDOU DIZER PRA VOCÊ ME PAGAR:
uma etnografia do pagamento no ritual do Reisado do Mutirão**

TERESINA
2017

ANTONIO VAGNER RIBEIRO LIMA

SANTO REIS MANDOU DIZER PRA VOCÊ ME PAGAR:
uma etnografia do pagamento no ritual do Reisado do Mutirão

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Antropologia da Universidade
Federal do Piauí como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. João Miguel Manzolillo
Sautchuk

TERESINA
2017

Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

B732s Lima, Antonio Vagner Ribeiro.

Santo Reis mandou dizer pra você me pagar: uma etnografia do pagamento no ritual do Reisado do Mutirão / Antonio Vagner Ribeiro Lima. – 2017.
155 f.: il.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia,
Universidade Federal do Piauí, 2017.

“Orientação: Prof. Dr. João Miguel Manzolillo Sautchuk”.

1. Etnografia. 2. Reisado. 3. Pagamento. I. Título.

CDD 306.45

ANTONIO VAGNER RIBEIRO LIMA

SANTO REIS MANDOU DIZER PRA VOCÊ ME PAGAR:
uma etnografia do pagamento no ritual do Reisado do Mutirão

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovado em: _____/_____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Miguel Manzollilo Sautchuck – UnB
Presidente

Prof. Dr. Luzimar Paulo Pereira - UFJF
Membro externo

Profa. Dra. Márcia Leila Castro Pereira - UFPI
Membro interno

Profa. Dra. Maria Lídia de Medeiros Noronha Pessoa – UFPI
Suplente

*Aos que tiram Reis sem viola
nos sertões de dentro,
de meu pai Ribeiro,
de meu avô Coitim,
de meu bisavô Ibiapina.*

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo apoio e viabilização da pesquisa.

Ao professor João Miguel pela confiança e pela sábia orientação. À professora Márcia Leila e professor Luciano Melo pelas valiosas contribuições no processo de qualificação. Aos professores Luzimar Pereira e Márcia Leila pela participação na Banca de apresentação.

Ao mestre Pedro da Rabeca, tirador de Reis, por ter sido o primeiro a me ensinar sobre cantigas de reisado.

A Cecília Mendes pelo carinho com que me ensina sobre cultura popular. Muita gratidão pelo material sobre reisado que você sempre me proporcionou.

Ao professor Cineas Santos por ter guardado no coração os versos e melodias do Reisado de Manuel Antonio e posteriormente compartilhado comigo e uma trupe de amigos em registro fonográfico, apresentações e outras produções que o reisado tem me proporcionado.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí pela partilha do conhecimento, pela disposição ao diálogo, pelo incentivo à pesquisa. Todos fazem parte deste trabalho. Obrigado a Lídia Noronha, Alejandro Labale, Verônica Cavalcante, Carmen Silva, Raimundo Nonato e Márcia Leila – essa é a terceira vez em que você aparece aqui, mas por mim chegaria a dez, porque é isso que você é: nota 10! Sou muito grato pela sua disponibilidade e precioso trabalho. Muito obrigado!

Agradeço à professora Raimunda Gomes de Carvalho Belini pelas leituras (mais de duas) e preciosas contribuições a este trabalho.

À professora Salânia Melo pela amizade, pelas dicas na pesquisa, pelo café e pelo hipocampo das conversas com o Antonio Amaral.

A Natanael Oliveira, um profissional dedicado e atencioso. Sua disponibilidade e presteza sempre me transmitiram tranquilidade junto à secretaria do mestrado. Aos colegas de curso, especialmente a Kelly, L'Hosana e Nayra Sousa, lindas e competentes antropólogas.

Ao casal Dona Toinha e Chico Porva, do Reisado do Mutirão, por me permitirem fazer parte de suas vidas, tornando possíveis as reflexões que aqui exponho. Mais do que isso, por me receberem na cozinha, compartilhando café, pão, peixe, memórias, dúvidas e alegrias.

Aos caretas Chikin, Chechéu e Odílio pela alegria e disposição com que encaram a brincadeira de Reis. A Dodô, Macambira e Gol pela magia de dar animação aos bichos artefatos do reisado. A Dona Ana, rezadeira do reisado e de muitos outros festejos, pelos

ensinamentos sobre fé, devoção e penitência. Muito obrigado pelos benditos cantados durante a romaria.

Aos amigos Luciano Klaus e Maurício Sipaúba pelas conversas, pelas fotografias e pelas reinvenções do cotidiano a partir de uma câmera ou não. Aos amigos da Colônia Gonzagueana, em especial Wilson Seraine, Reginaldo Silva e Wilson Neto pelas presenças. A Beto Boreno, Wânia Sales, Marcelo Lipi e toda a família Valor de Pi pelo carinho e apoio.

Ao historiador Kevin Moraes Campelo pelas muitas informações compartilhadas sobre o Reisado do Mutirão, objeto também de sua pesquisa. Morrinhense ilustre, eu sou muito grato ao que você me ensinou com competência, simpatia e disponibilidade.

À pesquisadora e amiga Laila Caddah pelo empenho e dedicação com que me ajudou desde o projeto deste estudo. Sempre com alegria, olhar etnográfico, sensibilidade poética e sabedoria popular. Eu também me sinto neto de Fontes Ibiapina.

A Assunção Leal pela amizade e indicação de Ilza Cardoso para ser minha revisora. Confesso que tive muita sorte. Por tudo e mais três tantos, obrigado, Ilza Cardoso, pela paciência em ver sentido no desarranjar de minhas palavras. A você, minha gratidão.

Aos meus familiares todos, ao meu pai Elias e minha mãe Francinete. Muito obrigado pelo apoio. Perdão pelas ausências em Piripiri. À minha esposa Silvana, obrigado pela paciência. Às minhas filhas Tainá e Talita, perdão pelas ausências no Parque Estação Cidadania. Valeu pela compreensão. Ao Lindão, Lindim e Lobim, que me esperam pacientemente para passear.

Por fim, a todos aqueles que colaboraram de alguma forma na construção deste trabalho.

Muito obrigado! Graças a Deus!

*Minha Divina Santa Cruz
Santo Reis chegou agora
Ele veio lhe visitar
E amanhã nós vamo embora.*

(Cantiga do Reis – Reisado do Mutirão)

RESUMO

Este trabalho analisou o pagamento no ritual do Reisado do Mutirão, em Demerval Lobão, no Piauí. Para tanto, utilizei-me de pesquisa de campo, através de abordagem etnográfica e do método da história oral, no sentido de atingir o objetivo maior de investigar o pagamento em suas variadas dimensões simbólicas e seus desdobramentos na *brincadeira* do reisado. O Reisado do Mutirão se constitui em um fenômeno de trocas sociais e simbólicas, que envolve alianças construídas por relações de parentesco, amizade, compadrio e vizinhança, fortalecidas pela ética do campesinato. Como peregrinação, em que atua com dinâmica em processos rituais de retirada (saída, passagem e retorno), o reisado sai do cotidiano, movido por relações com o sagrado, em desobriga de diferentes formas de pagamento. Nesse entendimento, o pagamento foi analisado em três dimensões: o pagamento religioso da promessa (obrigação do promesseiro), o pagamento financeiro (contratos informais dos *brincadores* e custos materiais da festa) e o pagamento ritual das esmolas e da apresentação dos *bichos* (negociação com o dono da casa), o que me fez perceber que o pagamento, objeto profano, convive com a religião, objeto sagrado, na realização da *brincadeira* do Reisado do Mutirão, isso porque o pagamento, a princípio visto como elemento profano, ao ser inserido como parte de um ritual, recebe por extensão o significado de um todo cerimonioso, e desse modo seu uso apartado do cotidiano eleva-o à dimensão do sagrado. Nesse sentido, o pagamento que analiso nesta dissertação, embora lide com o dinheiro, a *esmola* em espécime, transcende o caráter de mera troca mercadológica, por sua ação ritual. Dentre os autores que recorri ao diálogo nessa abordagem antropológica, destaco os estudos de Marcel Mauss, Clifford Geertz, Van Gennep, Victor Turner, Klaas Woortmann, Edmund Leach, Luzimar Pereira, Daniel Bitter e Wagner Chaves.

Palavras-chave: Etnografia. Reisado. Pagamento.

ABSTRACT

This work analyzed the payment in the ritual of Reisado do Mutirão, in Demerval Lobão, in Piauí. For that, I used field research, through a qualitative ethnographic approach and the method of oral history, in the sense of reaching the larger goal of investigating the payment in its various symbolic dimensions and its unfolding in the play of reisado. The Reisado do Mutirão is a phenomenon of social and symbolic exchanges, involving alliances built up by relations of kinship, friendship, compadrio and neighborhood, strengthened by the ethics of the peasantry. As a pilgrimage, in which it acts with dynamics in ritual processes of withdrawal (exit, passage and return), reisado leaves the daily, moved by relations with the sacred, in relief of different forms of payment. In this understanding, the payment was analyzed in three dimensions: religious payment of the promise (commitment of the promise), financial payment (informal contracts of gamblers and material costs of the party) and ritual payment of alms and play (negotiation with the owner of the house), which made me realize that payment, a profane object, coexists with religion, a sacred object, in the play of the Reisado do Mutirão, because payment, initially seen as a profane element, when inserted as part of a ritual, receives by extension the meaning of a ceremonial whole, and thus its use away from everyday life, elevates it to the dimension of the sacred. In this sense, the payment that I analyze in this dissertation, although dealing with money, alms in specimen, transcends the character of mere market exchange, for its ritual action. Among the authors of this anthropological approach, I highlight the studies of Marcel Mauss, Clifford Geertz, Van Gennep, Victor Turner, Klaas Woortmann, Edmund Leach, Luzimar Pereira, Daniel Bitter and Wagner Chaves.

Keywords: Ethnography. Epiphany. Payment.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Artefato Burrinha.....	40
Fotografia 2 – Artefato Jaraguá, do Reisado do Mutirão, operado por Douglas (Gol).....	42
Fotografia 3 – Artefato Boi, do Reisado do Mutirão, operado por Dodô	43
Fotografia 4 – Bandeira	48
Fotografia 5 – Máscara do careta com boné acoplado.....	51
Fotografia 6 – Romaria	89
Fotografia 7 – Dona Toinha recebendo pagamento da esmola do santo nas casas	146

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Atores sociais e funções no Reisado do Mutirão (ciclo natalino 2015/2016).....	54
Quadro 2 – Atores sociais e funções no Reisado do Mutirão (ciclo natalino 2016/2017).....	55
Quadro 3 – Festejos de santos com participação do Reisado do Mutirão.....	77
Quadro 4 – Genealogia da família nuclear de Dona Toinha (ordem decrescente de idade)...127	
Quadro 5 – Gastos com pessoal (ciclo natalino 2015-2016).....	142

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização de Demerval Lobão no mapa Piauí / Brasil	31
Mapa 2 – Rota “pelas direitas” da romaria a Juazeiro do Norte e Canindé	78
Mapa 3 – Comunidade Chapadinha Sul, na zona rural, entre Demerval Lobão e Teresina....	94
Mapa 4 – Rota de peregrinação do Reisado do Mutirão em Demerval Lobão.....	99

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O REISADO DO MUTIRÃO	19
1.1 Lugar da <i>brincadeira</i>	30
1.2 Dinâmica do ritual	33
1.2.1 Simbologias do reisado.....	47
1.2.2 Os <i>brincadores</i>	53
1.2.3 O que diz a <i>cantoria</i>	61
2 PEREGRINAÇÃO E PREPARAÇÃO DA FESTA	76
2.1 Romarias e festejos	76
2.2 Visita do reisado às casas	91
2.2.1 Peregrinação na zona rural	93
2.2.2 Peregrinação na zona urbana	98
2.3 A festa do dia seis de janeiro	102
3 “SANTO REIS MANDOU DIZER PRA VOCÊ ME PAGAR”	107
3.1 “Primeiro a obrigação pra depois a devoção”	108
3.2 O pagamento no Reisado do Mutirão	129
3.2.1 O pagamento para os promesseiros	130
3.2.2 O pagamento dos <i>brincadores</i>	135
3.2.3 O pagamento nas casas	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS	152

INTRODUÇÃO

Neste trabalho empreendo de maneira reflexiva e dialógica uma abordagem antropológica em torno do tema reisado, nomeadamente o Reisado do Mutirão, localizado na cidade de Demerval Lobão, no Piauí, detendo-me a investigar a categoria pagamento e seus congêneres insertos no ritual do reisado, em suas variadas dimensões simbólicas.

O reisado é uma tradição popular do catolicismo rural, com rituais profanos e religiosos que envolvem cantos, danças, *brincadeiras*, versos, cortejos, arrecadação de donativos e reciprocidades. Além de envolver negociações de contratos informais, pagamento de promessa, “do santo” e dos *brincadores*¹, dentre outras atividades, é permeado por rezas, peregrinações, festejos, diversão, obrigação, tensões e ambiguidades na festa de Santos Reis. No campo da Antropologia Cultural, o reisado figura como prática social que comporta rituais de trocas sociais e simbólicas que devem ser pesquisados em seus contextos socioculturais, por meio de estudos de casos, discussão, análise e reflexões que transcendem a abordagem exclusivamente descritiva e folclorista e que exige, muitas vezes, um refinamento e delineamento do objeto a ser investigado nesse contexto. Elegi, pois, como objeto deste estudo o pagamento, que contempla os múltiplos sentidos do termo no reisado, a saber: obrigação religiosa (pagamento da promessa) com o santo; remuneração dos contratos informais (troca financeira) com os participantes; esmolas e trocas simbólicas de graças e favores nos rituais.

Sobre as pesquisas de reisado no Brasil, destaco Brantes (2007), Daniel Bitter (2008), Luzimar Pereira (2011) e Wagner Chaves (2013) como estudos analíticos e reflexivos, em que os reisados são significados pelas suas relações sociais. Nessas pesquisas, os reisados constituem rituais de trocas sociais e simbólicas, fundamentados, especialmente, em Marcel Mauss (2003), que permite abordar a festa de Reis como espaço preñado de dádivas, de símbolos, de troca de bens e de serviços. Essa perspectiva de estudo tem abordagem antropológica e possibilita investigar o reisado para além do “campo das sobrevivências culturais traçadas pelo folclore”, como propõe Eloísa Brantes (2007), na proposta de analisar os reisados em seus contextos socioculturais como estudos de caso.

¹ Aqueles que brincam reisado em Demerval Lobão (PI) são chamados *brincadores*. Usarei essa denominação como forma de referência (nativa) ao Reisado do Mutirão.

Importante frisar, no entanto, que os discursos dos participantes² do reisado, em geral, seguem a mesma linha traçada pela “retórica da perda” (GONÇALVES, 2002), cujas expressões de tradição e de cultura³ estariam em constante arrefecimento e, portanto, há a necessidade de serem salvaguardadas por políticas públicas.

No Piauí, ressalto os estudos de Luciano Sousa (2013), Laila Caddah (2014), Kelvin Campelo (2017) e estudos que também serviram de bases teóricas e metodológicas para esta pesquisa. Nesse sentido, Sousa (2013) reflete, a partir da *brincadeira* de Reis do Raimundo Milú, da comunidade Cipó de Baixo, sobre sistemas de redes sociais que extrapolam os limites do cipoal de Milú, o mestre de Reis que se reinventa em novas formas de viver sua *brincadeira*, registrada na memória social de seus participantes e familiares, em movimentos de permanência e transformação, mediações entre o novo e o antigo, como resistência e reinvenção cultural de um espaço social. Destaco também Caddah (2015), que em outra perspectiva, aborda alianças construídas entre a comunidade Boquinha e instituições públicas e culturais, em que analisa vínculos sociais de tradição e invenção como atributo de Raimundo Branquinho, do reisado Boi Estrela. Esse processo dinâmico de inovação mantém a prática social no tempo presente, viva, promovendo trocas, contatos e contratos sociais, elementos antropológicos que trago à discussão em meu estudo.

Escolhi o reisado como ponto de encontro etnográfico dos sujeitos de minha investigação em virtude de seu diálogo ritualístico de religião e de *brincadeira*, de seu contato com a cosmovisão coletiva de pertencimento e trocas sociais, não com um tempo e uma história, mas com novas realidades que se permitem um olhar etnográfico, pressuposto maior desse saber. Busquei o Reisado do Mutirão, em Demerval Lobão, como fonte de estudo por constituir-se como um grupo em atividade, no dizer de muitos, “o último” da cidade e pela aceitação dos atores sociais em participar desta pesquisa. Justifico o recorte teórico sobre as relações de pagamento no ritual desse reisado como elemento que mais me chamou a atenção, como se dá o processo de negociação diante do que se apresenta como sagrado e do que se apresenta como profano, uma vez que envolve decisões não esclarecidas quanto ao modo que

² Em várias oportunidades de minha pesquisa de campo, ouvi discursos equivalentes ao que diz o sanfoneiro do Reisado do Mutirão: “Moço, isso é uma tradição muito bonita, por sinal, cê sabe disso. É uma tradição muito bonita, mas você já pensou que isso vai acabar também? Acabar por quê? Porque nós vêi que tamo num guenta mais o trabalho, até porque é pesado, né? E que na cantiga eu conto esses detalhe tudo. É pesado, ninguém quer mais” (Entrevista concedida por Francisco Cipriano dos Santos, o Chico Sanfoneiro, a Antonio Vagner Ribeiro Lima, no povoado Chapadinha Sul, entre Demerval Lobão e Teresina, em 24/12/2015).

³ Sobre esse ponto, proponho refletir, de acordo com Sahlins (1997, p. 41-44), que “a cultura não tem a menor possibilidade de desaparecer enquanto objeto principal da antropologia”, e que “o trabalho de campo luta por descobrir, sobre as culturas humanas enquanto formas de vida”. Desse modo, demarcando e refletindo a diferença, a pesquisa antropológica que empreendo visa a descobrir padrões inéditos de cultura humana.

se cobra o pagamento do santo e dos *brincadores*, o que influencia diretamente na *performance* do ritual. Nesse entendimento, o questionamento norteador deste estudo é saber como se dá o pagamento do que é sagrado e do que é profano na realização da *brincadeira* do Reisado do Mutirão.

Com base nessa questão norteadora, proponho como objetivo geral investigar o pagamento no Reisado do Mutirão, em suas variadas dimensões simbólicas e seus desdobramentos na *brincadeira* do reisado. Como objetivos específicos busco: caracterizar um panorama para estudo etnográfico do reisado, com foco no pagamento, de acordo com a análise antropológica; abordar as construções sociais e as práticas culturais relacionadas às situações de tensão e os sentidos do que é profano e do que é sagrado para os participantes do reisado; descrever na perspectiva etnográfica os diferentes tipos de pagamento do reisado, a partir dos rituais, das práticas dos promesseiros, dos *brincadores* e donos das casas visitadas.

Para tanto, desenvolvi um estudo de abordagem etnográfica, com inserção no campo de pesquisa, de forma sistemática e regular, por meio de observação participante ou como espectador. Também me utilizei do método da história oral, através de entrevistas individuais e coletivas, semiestruturadas e com perguntas temáticas.

De acordo com Meihy (2007, p. 13), “História Oral é um recurso usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social das pessoas. Ela é sempre uma história do tempo presente e também conhecida como história viva”. Para tanto, é relevante destacar a contribuição dos informantes neste estudo, vendo-os sob as diversas dimensões que envolvem a problemática do pagamento no reisado. Isso me exigiu pensar que os discursos produzidos, expressos por meio dos diálogos, precisam ser vistos a partir das práticas dos próprios informantes.

Procurei usar o diálogo em minha investigação de modo a não absolutizar estudos e conhecimentos. Sigo, nesse caso, a perspectiva de Clifford Geertz (2008, p. 19), para quem “as ideias teóricas não aparecem inteiramente novas a cada estudo; [...] elas são adotadas de outros estudos relacionados e, refinadas durante o processo, aplicadas a novos problemas interpretativos”. Minha investigação (descrever, traduzir, explicar e interpretar) segue os passos da descrição densa geertziana.

Procurei, assim, limpar um pouco o terreno de minhas preocupações teóricas; perceber com acuidade o que há em termos de tensões que envolvem o pagamento do reisado e que seja relevante para os que fazem e vivem a *brincadeira*. Nesse sentido, preferi deixar o campo me guiar com um olhar antropológico; destacar no campo, na realização do reisado, as questões que afloram como relevantes, ambíguas e/ou dramáticas para os próprios

participantes; questionar como a ação do pagamento do reisado conforma um fluxo e perceber os princípios de ordenamento dessas ações. Para isso, foi preciso observar em detalhes as ações e as percepções que os participantes têm delas; ficar atento às funções de cada pessoa e de cada personagem no reisado, entendendo que essas funções não podem ser vistas isoladamente, pois constituem um conjunto de relações que deve ser mapeado e compreendido; entender que os papéis são definidos pelas relações, ou seja, é o todo que define as partes.

Para observar o objeto maior de estudo, que é o pagamento no Reisado do Mutirão, orientei-me por alguns critérios. De acordo com os meios utilizados, através da observação participante, guiei-me em campo ora apenas observando, ora utilizando gravador de voz ou perguntas temáticas. As perguntas foram direcionadas aos *brincadores* e outros sujeitos relacionados ao campo de pesquisa de maneira aberta e respondidas no âmbito de uma conversação, explorando os pontos de interesse (por pautas), com o cuidado de não deixar aos respondentes uma rigidez de informações. Quanto à minha participação como observador, de forma individual, fiz-me ora espectador não participante para registrar livremente e espontaneamente as ocorrências, ora interagi participando com as *brincadeiras* para deixar minha presença menos formal no local e para entender melhor os sentidos pelo olhar dos participantes. A frequência das observações deu-se de forma sistemática, com certa regularidade em relação aos dias de festa do reisado em foco e outros festejos afins. De posse do material coletado, parti para a seleção dos dados e os submeti a uma verificação crítica, a fim de filtrar as informações de maior interesse a este estudo.

Procurei imprimir na minha pesquisa de campo a etnografia como método, baseando-me na proposta de Mariza Peirano (2014) de um fazer etnográfico que é perpassado o tempo todo pela teoria. Para ela, as boas monografias continuam a nos inspirar porque não são retratos fiéis, mas formulações teórico-etnográficas; não são resultado simplesmente de “métodos etnográficos”; elas são formulações teórico-etnográficas. “Etnografia não é método; toda etnografia é também teoria” (PEIRANO, 2014, p. 383). A partir dessa visão, a etnografia enquanto teoria implica fundamentar as informações de campo e embasar interpretações e explicações a partir de elementos externos à situação particular.

Apoiado em registros etnográficos, além de levar meu caderno para anotações no campo, fiz uso de dispositivo de captação de áudio, o que me ajudou a descrever com mais precisão a fala de meus informantes, o conteúdo significado por eles em relação ao pagamento no reisado. Assim, a descrição ganhou mais dinâmica no acesso às memórias coletivas compartilhadas em campo. É a partir dessas memórias, que, de acordo com Jacques Le Goff

(1990), o homem atualiza impressões, informações passadas, como parte de uma seleção de funções psíquicas que permite ao indivíduo vivenciar impressões ou informações passadas ou reinterpretadas como passadas.

Embora eu faça uso da observação participante (MALINOWSKI, 1978) como meio de aprofundar minha etnografia, a que adoto na pesquisa considera a revisão proposta por Clifford Geertz (1983), que reflete sobre a diferença entre os tipos de categorias e a relação delas na etnografia e na escrita etnográfica. Para ele um conceito (categoria, ideia) é inseparável de uma experiência. Geertz entende que a diferença entre as “categorias nativas” e “os conceitos teóricos” é relativa: uma questão de proximidade ou distância relacionada a experiências sociais específicas. Desse modo ele organiza dois tipos de conceitos: “experiência próxima”, em que analiso como os participantes do reisado sentem e pensam a perspectiva de obrigação, devoção e confraternização dos *brincadores*⁴; e o conceito de “experiência distante”, em que posso pensar na minha participação como pesquisador e o entendimento de conceitos como etnógrafo. Para Geertz toda categoria é próxima a alguma experiência. Cultura, estrutura, interpretação e sociedade, como exemplos, são para o antropólogo conceitos de experiência próxima, pois fazem parte de seu estar no mundo, sendo evidentemente conceitos relativamente distantes para muitas outras pessoas. O autor coloca como desafio da etnografia a compreensão de outras experiências e seus conceitos. Para compreender os conceitos e experiências próximos do reisado, só posso me valer da reinterpretação ou adaptação de conceitos próximos a mim e relativamente distantes do contexto analisado.

No ciclo natalino 2015/2016 pude acompanhar o Reisado do Mutirão por várias noites nas peregrinações pela zona rural, na comunidade Chapadinha, município de Teresina e na zona urbana de Demerval Lobão (PI). Essa imersão no campo me proporcionou vivenciar uma polifonia de elementos cosmológicos presentes no Reisado do Mutirão que aqui foram analisados e refletidos antropologicamente, seguindo o fluxo gerado nas relações dos que fazem a festa do reisado, em construção com nosso encontro etnográfico.

As características do ritual, costumes, formulações e *performances* observadas a partir dos *brincadores* foram sendo reveladas e compartilhadas a cada apresentação na sequência das casas visitadas. Foi interessante notar a participação de pessoas que mesmo não fazendo

⁴ *Brincador* é como os participantes do Reisado do Mutirão denominam os que brincam nos *bichos* (Burrinha, Jaraguá e Boi) ou vestem a saia dos *caretas* para sapatear na *brincadeira*. Em outros lugares do Brasil identificamos termos equivalentes, como brincante e folião.

parte do reisado sentiram-se à vontade para contribuir com suas indicações e experiências sobre como se *tira* o reisado, compartilhando conhecimentos sobre essa prática social.

Na tarefa de caracterizar o que foi traçado como plano de pesquisa, esta dissertação está dividida em cinco partes. A seção introdutória insere o tema em um campo de saber maior, que é a Antropologia e, em uma perspectiva de leitura do fenômeno, que é a etnografia; apresenta os fios condutores das metodologias buscadas para o alcance dos objetivos propostos apresentados; e contextualiza e delinea o plano de trabalho. No primeiro capítulo, fiz uma recolha descritiva do Reisado do Mutirão, com enfoques no lugar da *brincadeira* e na dinâmica do ritual, apoiados em estudos sobre o reisado no Brasil e suas expressões culturais e religiosas. No segundo capítulo, fiz uma incursão nas andanças do Reisado do Mutirão, com descrições da peregrinação e preparação da festa em contextos da zona rural e da zona urbana. Patei essa incursão em três momentos: romaria e festejos, visita do reisado às casas e a festa do dia seis de janeiro. No terceiro capítulo, apresento sob a lente etnográfica as análises sobre o pagamento no Reisado do Mutirão, com ênfase na obrigação em relação à devoção e no pagamento da promessa, marcado por comportamentos, valores e carregado de relações simbólicas. Reflito sobre as dádivas e reciprocidades advindas do pagamento no Reisado do Mutirão como objeto deste estudo. Nas considerações finais, sintetizo as análises desta pesquisa, evidenciando os aspectos mais relevantes relacionados ao pagamento no Reisado do Mutirão. Além disso, aponto as principais implicações e contribuições da pesquisa para o estudo etnográfico do ritual do reisado, sinalizando possíveis continuidades e ampliação desta dissertação.

1 O REISADO DO MUTIRÃO

Neste capítulo, apresento descrições e conceituações do reisado, suas expressões culturais e religiosas, fundamentadas nas narrativas recolhidas durante minha permanência no campo de pesquisa e apoiadas em comparações com outros estudos sobre reisado e folia de Reis no Brasil. Com essas descrições procuro oferecer meios de orientar este estudo, no qual investigo o pagamento no ritual do Reisado do Mutirão.

É importante inicialmente destacar que mais do que um fenômeno festivo, de lazer (MAGNANI, 1984), pensado neste estudo menos como desfrute e mais como reflexão sobre seu significado, o reisado aqui é marcado por uma prática social, movido pela religiosidade e pela participação das famílias e das comunidades ligadas por laços de parentesco, compadrio, amizade e vizinhança. Assim como observou Magnani (1984), ao analisar o circo como entretenimento adequado às condições do público e de quem o produz, o reisado segue como festa popular de resistência (SOUSA, 2013) e se constitui também, pois, em um marcador de temporalidade dos participantes e das pessoas que se envolvem para assistir ao evento, representando uma forma de vida social e de experiências coletivas.

Presente em quase todo o Brasil, o reisado, também conhecido como festa, folia, companhia ou terno de reis, tem sua peregrinação e festejo concentrados no ciclo natalino, período compreendido entre 25 de dezembro e 6 de janeiro. No entanto, a depender de cada região, a data de início das atividades pode variar de acordo com os tipos de promessas, as condições financeiras, a disponibilidade de pessoal, dentre outras peculiaridades de cada reisado, mas, em geral, a festa maior, também chamada de “dia da reza”, acontece em 6 de janeiro, dia de Santos Reis. Epifania para o calendário da Igreja Católica e Festa de Reis no universo popular, a data marca o encerramento da peregrinação de vários dias de arrecadação de donativos que se transformam em festejo de retribuição (MAUSS, 2003), atualização de alianças sociais e rituais de múltiplos significados para promesseiros, espectadores e devotos dos Santos Reis.

O termo reisado, de acordo com Câmara Cascudo (2002, p. 581), tem sua origem no medievo português. É “denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera e dia de Reis (6 de janeiro)”. Para o autor, são utilizados os termos “reisada” e “reiseiros”, em referência ao cortejo de pedintes, com versos religiosos ou humorísticos, ou ainda aos autos sacros, com motivos sagrados da história de Cristo.

O auto popular profano-religioso, pertencente ao ciclo natalino, é formado por grupos de músicos, *cantadores* e *dançadores* que vão de porta em porta

anunciar a chegada do Messias e homenagear os três Reis Magos. O Reisado é conhecido também com os nomes de Reis, Folia de Reis, Boi de Reis, e o enredo é **sempre** a Natividade, os Reis Magos e os pastores a caminho de Belém (CASCUDO, 2002, p. 581, grifo meu).

A descrição de Cascudo relaciona o reisado mais predominantemente ao ambiente sagrado, o que pode ser percebido na ênfase “o enredo é sempre a Natividade”, entendimento que não contempla as variações vivenciadas nos reisados hoje, identificados na possibilidade de serem rituais mais sagrados ou mais profanos.

Moraes Filho (1946) utiliza os termos “véspera de reis”, “reisados” e “cheganças” para descrever as festas que operam ações rituais no ciclo natalino. Notei que em *Festas e tradições populares do Brasil* (1946), o autor traz o reisado, juntamente com as cheganças, na seção de “festas populares”, em que figuram outras comemorações de traço secular e não em “festas religiosas”, em que figuram outras expressões de cunho profano-religioso, pertencentes ao âmbito do sagrado, embora com alguma laicidade em suas ações.

Entendo que, diferentemente do que sustenta Cascudo, Moraes Filho (1946) descreve o reisado dentro de uma ambiência menos religiosa ao enquadrar o termo propositadamente como “festa popular” e não como “festa religiosa”. E assim, a partir desses dois pressupostos, se acentua a dualidade em torno do tema reisado.

Quero considerar que os reisados no Brasil, grosso modo identificados nas suas ações seculares e religiosas, não guardam contornos fixos na separação desses dois espaços. Tais contornos, se é que existem, dependem de como são construídos (ou inventados) os rituais em cada região ao incorporarem características próprias de situações sociais que levam o referido fenômeno a ser “mais religioso” e “menos profano” em alguns casos, ou “menos religioso” e “mais profano” em outros. Minha experiência de campo junto ao Reisado do Mutirão me despertou para perceber em seus rituais o constante diálogo entre elementos ali considerados sagrados ou profanos.

É nesse entendimento também que as categorias nativas retomam esse sentido ao designar a prática do reisado ora com termos mais profanos e ora com termos mais religiosos. Daí se dizer “*brincadeira*”, “festa”, “*cantoria*”, quando se quer enfatizar o caráter secular; e “promessa”, “obrigação”, “reza”, “devoção”, “festejo”, quando se quer enfatizar o tônus religioso da prática. Em referência às categorias nativas que conotam ação, destaco a expressão “*tirar reis*”⁵, que significa realizar o evento como um todo. Essa ação pode ser

⁵ O termo “*tirar reis*” significa peregrinar em várias casas durante a noite e menor incidência durante o dia. Um grupo de cantadores, tocadores e *brincadores* retira-se em visita a casas da zona rural e urbana, cantando cantigas do reisado, “dançando” os *bichos* (personagens, brinquedos ou passarim), dizendo loas (lodaças, lorotas) e arrecadando “esmolos” (em geral dinheiro) para a festa de Santos Reis no dia 6 de janeiro.

terceirizada, ou seja, o “dono da promessa”⁶ pode “contratar”⁷ “brincadores” para “pagar sua promessa”.

Ressalto ainda que quando me utilizo de nomeações como “prática”, “fenômeno” “manifestação”, “evento”, estou me apropriando de termos já estabelecidos nas discussões acadêmicas. É o caso também das expressões “folia de reis”, “terno de reis”, “reisada” e “folia”, tomadas de empréstimo pelo diálogo com outras pesquisas de reisado no Brasil.

Nesse sentido é preciso atentar para o fato de que, ao nomear essa prática, o participante verbaliza os sentidos por ele construídos. Ressalto que, ao usar um termo ou outro, evoco como dados da pesquisa a variedade de significados que podem estar denominando o mesmo fenômeno. O reisado é *brincadeira* por estar associado a uma série de atividades lúdicas a partir da interação dos *brincadores* com o público. Isso pode ser visto na fala de um sanfoneiro do grupo:

“Hoje, pra vim essa brincadeira pra cá, foi a maior dificuldade, pro cabra arranjar esses companheiros pra trazer pra botar essir brinquedo aí, todo mundo bebendo cachaça na rua [inaudível] porque ninguém quer mais. [É difícil, né?] Fica difícil. Aí, olhe, eu: ao meus treze anos eu já brincava careta pra Santo Reis. E brinquei catorze anos pra Santo Reis. No meus catorze anos eu comecei cantar, já todo mundo me enxergando, aí eu mudei a parceria de [brincar] careta pra cantar pros outro”.⁸

A fala do sanfoneiro se reporta ao reisado como “*brincadeira*”, enfatizando seu lado mais profano. No mesmo sentido, emprega-se também o termo “brinquedos”, referência às personagens que ganham vida na manipulação dos “*brincadores*”, quando dançam debaixo dos *bichos* artefatos: Burrinha, Jaraguá e Boi. O ato de brincar reisado está, pois, relacionado com as seguintes atividades: brincar como miolo⁹ do Boi, da Burrinha ou do Jaraguá; tocar os instrumentos musicais sanfona, triângulo ou pandeiro; sapatear como *careta*. Ressalto, porém, que a ação de portar a bandeira com o santo não é vista como *brincadeira*, uma vez que conota maior noção com o sagrado.

⁶ O dono da promessa é termo nativo para designar aquele que realiza ou contrata *brincadores* para realizar sua promessa.

⁷ Os *brincadores* também chamados de trabalhadores, principalmente quando estão relacionados com o “contrato”, que indica compromisso de pagamento pelo serviço nas atividades do reisado.

⁸ Entrevista concedida por Francisco Cipriano dos Santos (Chico Sanfoneiro), no povoado Chapadinha Sul, Teresina / PI, em 24/12/2015.

⁹ Miolo é a identificação para o *brincador* que dança debaixo de cada *bicho* artefato. Um bom miolo é aquele que anima a plateia ao conseguir movimentos bonitos, em harmonia com a dança e interação com os participantes da *brincadeira*.

Do mesmo modo o reisado também é aludido como festa, isso porque o ato de *tirar Reis* configura uma comemoração, caracterizada pela alegria de representar de casa em casa o anúncio do nascimento do Salvador, na figura dos três Reis Magos. Sobre isso ouvi da *rezadeira* Ana Iva dos Prazeres (Dona Ana), moradora do bairro Mutirão que vivencia efetivamente todo o ciclo anual de festejos e práticas de devoção com os santos católicos.

*“A história do reisado eu vejo contar assim, que o padre sempre... agora, o padre ele sabe... tem os três reis magos, né? A história dos três reis magos. [O Baltazar, o Belchior e o...] Eu sei que um rei... eles contam uma história lá, eu não sei nem contar a história, mas que ele... que começa desses três reis magos. [Tá na Bíblia isso?] Tá. Tem até o livro dos Reis, num tem não?! Eu num sei, eu num sei qual é o livro, mas de ter tem”.*¹⁰

Apesar de não ser exatamente no livro dos Reis, Dona Ana tem certeza desse conhecimento e se refere à passagem bíblica difundida pela tradição cristã, que pode ser encontrada no texto atribuído ao evangelista Mateus, no Novo Testamento da Bíblia:

Tendo, pois, Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que magos [que a tradição popular chama de reis] vieram do oriente a Jerusalém. [...] Entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram. Depois, abrindo seus tesouros, ofereceram-lhe como presentes: ouro, incenso e mirra (Mt 2,1.11).

Dona Ana me falou da intenção do rei Herodes, do desvio dos magos que voltaram por outro caminho e do *sistema* de dar presentes aos recém-nascidos.

*“Aí, nesse tempo tinha isso. Ah, tinha os presentes... eles levaram como presente pro menino. [E por que que era ouro?] Ouro por causa que ele era um rei... ia ser rei. E aí os reis magos, que era rei também tinham que levar... ouro”.*¹¹

Dona Ana segue o entendimento de acordo com a tradição católica, em que na interpretação e divulgação dos padres, os presentes que os magos ofereceram são referências simbólicas à natureza trina do menino Deus: ouro representando a realeza (poder); incenso para o espírito (divindade); e a mirra para o humano (fragilidade). Essas dimensões simbólicas que hoje ocupam destaque no fenômeno do reisado nos remetem a elementos das trocas sociais e da tríplice obrigação de dar-receber-retribuir (MAUSS, 2003), que aqui

¹⁰ Entrevista concedida por Ana Iva dos Prazeres (Dona Ana) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), no dia 25/05/2017.

¹¹ Entrevista concedida por Ana Iva dos Prazeres (Dona Ana) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), no dia 25/05/2017.

podem ser pensadas como prática da dádiva, uma chave de entendimento para o social em que a lógica é simbólica e opera processos de reciprocidades. Essas ações simultâneas de trocas também estão nas relações de pagamento, objeto maior deste trabalho.

Refiro-me ainda ao reisado como ritual porque a ação de *tirar reis* remete a uma peregrinação (jornadas) com saída-passagem-retorno ao modo dos rituais de passagem descritos e analisados por Van Gennep (2013, p. 30). Para o autor, os rituais se caracterizam por ritos de separação (preliminares), como observei junto ao Reisado do Mutirão o momento em que o grupo se prepara para sair às ruas, ritual marcado quando entoam a *cantiga do Reis* como forma de licença dos Santos Reis e pedidos de bênção e proteção para retirada. Além de caracterizar-se por ritos de margem (liminares), reisado em retirada, o giro, que, nas palavras de Pereira (2011, p. 15), “seria a essência dos deslocamentos, o ‘estado marginal’ no sentido estrito, em que encontramos a noção do sagrado em plena atuação”. E, por último, há os ritos de agregação (pós-liminares), quando o grupo chega a casa e canta novamente a *cantiga do Reis* para agradecer a volta e entregar o santo¹².

Nos dois ciclos natalinos, em que acompanhei o Reisado do Mutirão, não houve dormida em rancho¹³ e todas as noites de peregrinação foram encerradas em tempo de o grupo dormir em casa. Muito cansados, os *brincadores*, tarde da noite, não se mostravam dispostos a cantar o Reis na volta, como estabelecido pela tradição, segundo o careta mais velho, mestre Odílio Bezerra¹⁴. A agregação como ritual mais completo só aconteceu na última noite, nomeadamente na festa de Santos Reis, quando se realiza procissão, *cantoria* em casas pré-estabelecidas, rezas, leilão, dança dos *bichos* com morte e repartição do Boi, a satisfação de “retorno renovado dos indivíduos e de toda uma sociedade ao fluxo ordinário de suas existências” (PEREIRA, 2011, p. 16). O Reisado do Mutirão, nos seus variados momentos de passagens e processos rituais, cumpre assim sua função mediadora de aproximar simbolicamente a casa e a rua, o cotidiano e a festa, o trabalho e a devoção, o sagrado e o profano. Assim, a casa, o cotidiano e o trabalho são construtos sociais, mas particularmente e individualmente anteriores às *performances* liminares da rua e da festa, e por isso mesmo as modificam.

¹² Ressalto que, em alguns momentos que acompanhei o cortejo, não foi cantada a Cantiga do Reis na chegada de volta à casa de Dona Toinha, o que é reprovado pelos mais velhos.

¹³ Rancho se refere ao tipo de acomodação simples, geralmente por cortesia do dono da casa, que acolhe um grupo de pessoas que dividem um espaço, por uma temporada de passagem. No caso de um grupo de reisado, o rancho resumia-se em um local para armar uma rede de descanso, um lugar para tomar banho e apoio para fazer comida.

¹⁴ Odílio ressalta que antigamente se cantava na saída e na chegada do grupo em peregrinação.

A peregrinação do reisado de casa em casa enquanto ritual, assim como nas romarias (STEIL, 1996, p. 109), também “pode ser classificada como um ato performático, aquele que produz resultados em virtude de ser realizado”. O deslocamento da própria viagem também pode ser pensado como parte desse ato performático, processo referente ao que se entende por eficácia simbólica¹⁵. Uso o termo “performático”, a partir do que explicita Steil, com o mesmo entendimento de “performativo” no dizer compartilhado de Peirano (2014), a partir de abordagem antológica de alguns filósofos da linguagem, a exemplo do “performative utterance” de Austin (1962). Na dimensão ritual e performática da romaria, assim como na peregrinação do reisado, surgem variadas possibilidades de purificação, desobriga e renovação na simples ação de movimento e busca. Steil (1996, p. 110) assim destaca:

Pecado e sofrimento estão intimamente interconectados na tradição cristã, e a romaria traz para a cena esta conexão, fazendo com que cada peregrinação seja vivida como uma *performance* do drama escatológico da salvação. Este sentido penitencial, associado ao perdão dos pecados, pode ser observado nas atitudes dos romeiros durante a própria romaria. A seriedade da ida pode sempre ser confrontada com a descontração da volta, quando os romeiros se sentem mais leves e libertos de seus pecados.

Nesse sentido, a noção de sagrado associa-se com *brincadeira* e com festa sem causar espanto. No Reisado do Mutirão, quando mestre Odílio recita versos humorísticos ou canta estrofes de vaquejada, tudo é mediado (PEREIRA, 2011, p. 19) pela articulação do sagrado e do profano, que ameniza as fronteiras da “diversão” e da “permissividade”.

*“As mulheres de hoje em dia
São quente que só pimenta
Quando avista um rapaz
O seu rebolado aumenta
Mulher da canela fina
Toda ela é ciumenta*

*Casa de palha é tapera
Se eu fosse um fogo eu queimava
Mulher magra ciumenta
Se eu fosse a morte eu matava
Moça gorda e formosa
Se eu fosse Jesus criava”*¹⁶

¹⁵ O conceito de eficácia simbólica que pensamos segue os estudos de Lévi-Strauss. “Trata-se de suscitar uma experiência e, mecanismos situados fora do controle do sujeito se ajustam espontaneamente para chegar a um funcionamento ordenado” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 229).

¹⁶ Entrevista concedida por Odílio Bezerra Lima a Antonio Vagner Ribeiro Lima, durante apresentação do Reisado do Mutirão na comunidade Buriti Alegre, em Beneditinos (PI), no dia 27/06/2015.

Os versos recitados por Odílio têm conteúdo jocoso e, na ocasião, são utilizados para provocar riso. O público se diverte e o *careta* tem aí uma das suas funções mais tradicionais ao fazer *brincadeiras* e criar situações engraçadas ou inusitadas. Essa parte do reisado se aproxima da arte circense (MAGNANI, 1984) protagonizada pelo palhaço. É costume haver interação da plateia, que solicita esse ou aquele verso, no intuito de fazer o povo rir¹⁷. Observe-se que nas estrofes supracitadas as intenções cômicas se articulam no jogo de palavras como “pimenta”, “ciumenta”, “mulher magra”, “moça gorda”, em elaboração de versos ambíguos e humorados chamam a atenção das pessoas nem tanto pelo conteúdo, mas também pelo trocadilho dos versos, as rimas e a interpretação do *careta*. Note-se que neste ponto o papel de Odílio se sobressai em relação aos demais porque nem todos conseguem a precisão rítmica e o tempo próprio do improvisado que a *performance* exige. A perspicácia de empreender os versos oportunos a cada situação implica essa capacidade de percepção lúdica e mágica que seduz o público ao invés de ridicularizá-lo. O verso “se fosse a morte eu matava” traz o objetivo tão somente de diversão da plateia. A ideia é do caráter da comédia tratar de temas polêmicos, ameaçadores ou complexos de forma banal e corriqueira. Tanto é que ao ouvirem esses versos as mulheres riem, mesmo sendo alvo das provocações. É possível que o efeito humorístico se sobressaia em relação ao possível descontentamento da plateia pela habilidade performática do *careta*. No que tange à relação da *brincadeira* com o que é sagrado, ressalto a relação mística presente nas palavras como “morte”, “Jesus” e suas ações. São versos que acompanham a cena cotidiana também de antagonismos e multifaces culturais, de homens e mulheres afeitos ao improvisado, ao improvável. Odílio representa o papel satírico do *careta*, o que é reproduzido pelos outros *caretas*, tanto pelos mais novos do Reisado do Mutirão quanto pelos *brincadores* da região do entorno. Percebi em vários momentos a repetição dos versos de cumprimento pelos *caretas* mais novos, sendo que o *careta* decano, ao ficar por último, precisa mostrar habilidade de inovação ao recitar seus versos.

Não se trata, nesses contextos, de acentuar as diferenças ou de questionar a sua tolerância e aceitação. Tudo pode ser motivo de *brincadeira* nos versos dos *caretas*, até a menor atitude que foge ao padrão social. Os diálogos envolvem ludicidade, descontração e trocas diárias de construções humorísticas. Percebi que a dualidade carregada na fala de

¹⁷ Sobre flexibilidade de texto e contato direto com a plateia, o Reisado do Mutirão, pela ação dos *caretas*, tem sua *performance* próxima ao universo do circo. Magnani (1984, p. 64) atribui essa característica à *Commedia dell'Arte*, da Itália do século XVI, que está presente no Brasil como representações cômicas encontradas nas formas teatrais populares, como o bumba-meu-boi e nesse ponto eu incluo a parte do reisado protagonizada pelos *caretas*, por guardarem analogias com o jogo peculiar da comédia.

Odílio é uma constante nas apresentações ou deslocamentos do grupo, foco de ambiguidade, tensões, diversões presentes no cotidiano dos que participam do reisado.

Ao penetrar nesse campo de atuação do Reisado do Mutirão, enveredei-me em sua complexa “teia de significados”, termo emprestado de Geertz (2008) para expressar os sentidos amarrados ao homem e por ele construídos. O grupo atua em Demerval Lobão, no Piauí, desde os anos 90, sob o comando de Antonia Bezerra Lima, a Dona Toinha, e o marido Francisco Martins de Sousa, o Chico Porva. O casal considera o grupo de reisado uma herança do pai de Dona Toinha, José Bezerra Lima, também conhecido como José Mariano, Zé Balseiro ou Bobô, que foi *careta* e *dono* do reisado na primeira metade do século 20. “Desde 1993 nós vem pelejando com essa *brincadeira*”, diz Dona Toinha ao se referir a essa prática que ela desenvolve com esforço para manter seu compromisso e devoção.

É inevitável pensar no reisado como uma tradição. E para entender como os seus participantes significam esse conceito, começo minha análise a partir do entendimento do que me relatou Chico Sanfoneiro:

*“Eu conheço da **tradição** era uns quatro. [E passando o rio?] Passando do outro lado do rio, o João Erundino. [E aquele lá do Boquinha, o Raimundo Branquim?] Raimundo Branquim sempre trabalha mais João Erundino. [Você não conheceu o pai do Raimundo Branquim não?] Não, conheci não. [Desses cantadores morreu só o Raimundo Ribeiro?] O Raimundo Ribeiro morreu. [Mas os outros tão tudo vivo...] Tão. Agora o Bacatuba não tira mais. [Por quê?] Acabou a **tradição**. Tá veím demais mais a véia. E os fi... é uns quarenta fi entre home e muié, mais ninguém quer a **tradição**. [Por quê?] Porque num querem. Moço, isso é uma **tradição** muito bonita, por sinal, cê sabe disso. É uma **tradição** muito bonita, mas você já pensou que isso vai acabar também? Acabar por quê? Porque nós véi que tamo num guenta mais o trabalho, até porque é pesado, né?”¹⁸ (grifos meus).*

Observe-se que o termo “tradição” para o participante do reisado remete-se ao patrimônio imaterial construído ao longo da história dos reisados que são mantidos por herança familiar, incluindo a possibilidade de descontinuidade, evidenciada na expressão “acabou a tradição”, em que a insistência de transmissão familiar configura-se como o mais importante meio de permanência da prática social.

Vale lembrar ainda que esta categoria tradição pode ter outra acepção, mesmo em comunidades próximas, como é o caso do Reisado do Boquinha, em que Raimundo Branquinho (CADDAH, 2014, p. 82) entende tradição como prática não devocional, e assim diferencia o reisado de seu pai, realizado por “promessa”, do seu, realizado por “tradição”. A

¹⁸ Entrevista concedida por Francisco Cipriano dos Santos (Chico Sanfoneiro) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, no povoado Chapadinha Sul, Teresina-PI, em 24/12/2015.

diferença é que o que orienta o reisado por tradição não é a motivação de pagar uma promessa, de dívida religiosa, de obrigatoriedade, de comprometimento místico, e o que motiva a *brincadeira* por tradição é a continuidade e a preservação de um evento valorizado pelas instituições culturais, que agrega valor social aos seus participantes, mediante a apresentação das *performances* tanto da reprodução dos rituais quanto das invenções.

Laila Caddah (2014, p. 82-83) observou que

No Reisado Boi Estrela, à ideia de *tradição* une-se à de *invenção*. A noção de invenção, por sua vez, liga-se aqui ao ineditismo e à inovação no povoado. O termo refere-se ainda à ideia de indivíduo criador, atribuída à figura de Raimundo Branquinho, que nos remete a categorias como *arte*, *artista*, *dom* e *criatividade*, proeminentes em seu discurso [...].

A ideia de invenção nesse contexto não parte exatamente do novo vanguardista, mas de inovar nas possibilidades de sustentar uma tradição, seja por adaptações gradativas, seja por recriações e dados de pertencimento que necessitam ser reconhecidos como um todo por suas partes. Na prática, isso quer dizer que vários rituais se juntam para significar o que se chama reisado. Percebi, como exemplo, que a *cantiga do Reis* é parte do ritual que se faz presente em todos os reisados, portanto é inerente à ação de *tirar reis*, diferentemente dos *bichos* que podem ou não se apresentar com todas as figuras. Pela dificuldade de andar com tantos personagens, os grupos priorizam a dança do Boi, em geral tida como a mais animada entre as danças. Daí, com menor ocorrência, apresentam-se a Burrinha, o Jaraguá, a Ema, o casal de velhos etc. No entanto, há reisados que nem mesmo usam Boi e *caretas* nas suas peregrinações, mantendo apenas o *santo*. Nesses casos nota-se que a imagem dos Santos Reis é também parte essencial da *brincadeira*. Nesses termos, é possível dizer que a tradição do reisado está sustentada pela interação de um fluxo de elementos essenciais e outros que se fazem eventuais.

Nesse entendimento, Eric Hobsbawm (1984) expõe que a tradição, expressa por ele como “tradição inventada”, é um conjunto de práticas rituais e simbólicas orientadas por regras que têm o propósito de instituir e manter certos valores e normas de conduta já incorporadas e aceitas pela sociedade. O que sustenta a tradição, no caso, é a parte invariável dessas manifestações, ou seja, a presença da imagem do santo e a *cantiga* de chegada, conforme observei no campo. Mas as variações geradas pela entrada do novo nas sociedades são importantes, diante das constantes mudanças no tempo, espaço e, conseqüentemente, comportamentos. Não somente no Reisado do Mutirão, mas em outras manifestações de

reisado e em outros rituais, além da parte instituída e preservada, inclui-se ainda a parte adquirida, inventada e também permitida.

É nesse sentido das coisas aprendidas e repassadas pela tradição que o reisado é adquirido como herança familiar, pois a família é o outro social mais próximo de nós. Nesse contexto, Sousa (2011, p. 152) destaca:

Em comunidades rurais, tudo é pequeno e grande. Pequeno, pois começa em família, entre parentes; grande, pois é pleno de significados. O reisado opera sobre essa *lógica do pequeno-grande*. Em família, aprende-se a *brincadeira*; desenvolve-se o gosto pela mesma. Nenhum papel é de ninguém: a *brincadeira* toda pertence a todos. Talvez resida aí uma das forças dessa prática cultural: ela não pertence a ninguém. Ela está nas partes e no todo. Não é o dono do reisado que a possui: é a família. E, em alguns casos, todos os brincantes possuem a *brincadeira*. Ela existe, pois há uma experiência coletiva que a oxigena e a sustenta. Se, por vezes, esse princípio coletivo vive contradições, no entanto, as mesmas são superadas pela força coletiva [...].

Desse modo, o reisado figura como elemento agregador de pertencimento. Chico Porva e Dona Toinha, como realizadores do Reisado do Mutirão, estão de alguma forma incentivados pelo valor agregado a seu plano familiar, uma vez que eles representam o reisado assim como o reisado os representa. Em outras palavras, eles reconhecem a importância do reisado em sua casa e em suas vidas e pelo reisado são socialmente reconhecidos. O percurso familiar de Dona Toinha, impresso na ambiência do reisado, se demora em viver o que poderia ser caracterizado, de acordo com as palavras de Sousa (2012, p. 24), “um tempo de *status* social singular, pois, naquele momento, está sendo reconhecido pelo que é e pelo que fez/faz”.

O reisado por isso está condicionado pela sua ação ritual a vivenciar dois espaços: o dentro e o fora; a casa e a rua. Ele configura-se assim em fenômeno regulador de ações, comportamentos e atitudes ao mesmo tempo em que é regulado pelas condições dos *brincadores*. É o que se pode confirmar nas falas dos donos do Reisado do Mutirão, Dona Toinha e Chico Porva:

*“Chico Porva: De primeira, era a noite todinha, da boca da noite até o dia amanhecer. Aí nós chegava aqui em Demerval Lobão, tirava pelo meno até o dia amanhecer. Mas nesse tempo o povo num trabalhava empregado como trabalha hoje, né?
Dona Toinha: Hoje todo mundo trabalha empregado.”*¹⁹

¹⁹ Entrevista concedida por Antonia Bezerra Lima (Dona Toinha) e Francisco Martins de Sousa (Seu Chico Porva) a Kevin Moraes Campelo, em Demerval Lobão (PI), no dia 28/09/2016.

Eis um desafio que percebi no reisado: garantir a participação assídua dos *brincadores*. É o que Chaves (2003, p. 14) chama de “relação tensa”, os acertos a serem resolvidos entre “folia e trabalho”. No Reisado do Mutirão as *tiradas* de Reis têm que se adaptar ao horário de trabalho de seus integrantes. “Interessante comparar com o passado – tempo na roça – e com outros contextos” (CHAVES, 2003, p. 15). Isso está evidenciado na fala de seu Chico Porva:

“*O povo começaram trabalhar empregado... Não, nós tira reisado até umas hora, porque o povo trabalha empregado... tem que dormir, né? Aí pra nós chegar, num tá incomodando... Aí vai pra casa pra dormir um sono pra cinco hora ir pro trabalho... Aí também, não, nós vai tirar até doze hora, uma hora, por aí. E assim, nós vai pra casa também se aquetar, num é?*”²⁰

Eu estava presente na primeira vez em que o grupo foi se apresentar em Teresina, no I Simpósio de Antropologia realizado pelo PPGAnt da UFPI, em 2016. A data coincidiu com uma viagem a trabalho de dois integrantes do grupo. Sem um *careta* (Chikin) e sem o pandeirista (Mauro, que naquela ocasião estava *contratado* para tocar) o reisado não se apresentou a contento. Na ocasião, tive que assumir, um tanto improvisadamente, no pandeiro e Dona Toinha – foi a única vez que a vi nessa função – tocou triângulo. Desse modo, concordamos com Chaves (2003, p. 15), para quem “as mudanças nas relações de trabalho influenciam e alteram os horários da Folia”. Devo acrescentar que influenciam também na *performance* e ação ritual do grupo.

O entendimento de *performance* aqui coaduna com a abordagem de Turner (2013). Para ele, *performance* guarda forte relação com experiências de liminaridade. E é esse estado liminar que dá lugar ao evento performático, uma vez que para fugir da situação habitual há que reinventá-la, fantasiá-la, dar-lhe uma outra roupagem. O estado de liminaridade provoca efeitos de estranhamento em relação ao cotidiano, e a *performance* ritual é uma expressão liminar, sendo que está imersa na ficcionalidade, ou seja, subverte a realidade, pois é dela apenas sua representação iluminada de subjetividades estéticas (TURNER, 2013). Nesse caso, é possível dizer que a *performance* no universo conceitual do reisado são as variadas possibilidades de, em uma situação inabitual, fantasiar a situação real de anunciação do menino Jesus. É recriação do tempo, do espaço, das ações e das pessoas, pois os Magos fizeram longo trajeto na região da Judeia até o Rei Herodes e, depois, guiados por uma estrela até o local da Natividade, em longo espaço de tempo, chegaram até o local onde Maria teria

²⁰ Entrevista concedida por Antonia Bezerra Lima (Dona Toinha) e Francisco Martins de Sousa (Seu Chico Porva) a Kevin Moraes Campelo, em Demerval Lobão (PI), no dia 28/09/2016.

recebido o menino Jesus. No reisado, a cada ano, essa passagem bíblica é revisitada por um grupo de pessoas que peregrinam fantasiados nas ruas da cidade de Demerval Lobão, levando às várias casas versos, prosas e danças que recriam essa história bíblica.

Na prática, embora mantenha uma longa história como tradição, o Reisado do Mutirão enfrenta muitas dificuldades para ser realizado a cada ano. Os desafios vão desde a falta de recursos financeiros à inconstância de alguns membros do grupo, contendas familiares, dentre outros problemas, a dificuldade dos participantes que trabalham em outras cidades. Desse modo, o reisado funciona também como evento regulador, no sentido de que reúne *brincadores* de variadas ocupações que, apesar do trabalho durante o dia, se esforçam para participar das peregrinações durante a noite, mesmo se estiverem cansados. Fica claro que o reisado, para ser realizado, está condicionado à disponibilidade dos *brincadores*, o que tem promovido adaptações da tradição com relação ao tempo de peregrinação e apresentação nas casas.

A *brincadeira* geralmente parte da casa, como uma extensão da família (SOUSA, 2012), sendo repassada pelos seus membros, normalmente dos mais velhos aos mais novos, e não de uma instância oficial, a exemplo da própria Igreja, da qual partem os símbolos religiosos da ritualística do reisado. Do mesmo modo, como afirmação de religiosidade do catolicismo popular e não institucional, a reza do terço e toda a cerimônia de encerramento da festa são conduzidas pelos devotos, parentes, amigos e vizinhos. O pretexto de reunir os integrantes como parte de uma mesma família, mediante a interseção da casa e da rua, na verdade contribui para mediar a união de elementos comuns, os compromissos afins. A *brincadeira* também se direciona às casas, aos seus terreiros ou seus quintais, e adentra suas crenças e seus gostos, que igualmente tocam sua ancestralidade. Pais, avós ou tios um dia receberam o reisado em suas residências e compartilharam essas experiências, ou os próprios donos das casas têm no reisado a oportunidade mesma de rememorar a infância, os valores de outrora.

1.1 Lugar da *brincadeira*

Em minha primeira visita ao Reisado do Mutirão, parti de Teresina às 10h30 da sexta-feira do dia 8 de maio de 2015. Decidi ir de ônibus para um contato mais direto com a realidade dos que diariamente transitam, a trabalho ou estudo, entre a capital e aquela cidade. Ainda no ônibus comecei a interagir e refletir sobre variadas situações que ali já se mostravam evidentes, dentre elas a precariedade dos meios de transporte, a sensação de insegurança

vivida pelos passageiros nesse trânsito, ausência de conforto e certo embrutecimento nas relações de convivência, comportamentos tacitamente aceitos como “normais”, disfarçados na pressa dos que iam ou vinham do lugar. Esse foi meu primeiro contato com as tensões que me despertariam atenção para mediar, a partir do reisado, o que soa como hierarquia na polaridade hertziana: a capital e o interior, o forte e o fraco, o direito e o esquerdo, a casa e a rua, o homem e a mulher, o sagrado e o profano.

Para melhor localizar a cidade de Demerval Lobão, apresento a seguir um mapa.

Mapa 1 – Localização de Demerval Lobão no mapa Piauí/Brasil



Fonte: Wikimedia Commons (2017).

Cheguei à casa de seu Chico Porva e Dona Toinha, que fica localizada à rua Frei Conrado, 152, no bairro Mutirão, ao lado de uma pequena ponte sobre um córrego que vem dos lavatórios de carros. O quintal fica em volta de uma escavação formada por erosão das águas. A paisagem é bonita, apesar do lixo e sujeira em exposição. Águas sujas das casas de Dona Toinha e de seu filho Mauro se juntam ao córrego que vem da rua. Seu Chico conta que “no barrocão aparece todo tipo de *bicho*”, inclusive jacaré, mas o que mais me chamou a

atenção foi a grande população de cágados que vive no local. Alguns porcos e galinhas também acessam as águas do barranco. Quando este transborda com as águas das chuvas, segue curso ao Riacho do Cocos e deságua no Rio Poti a 5 km da casa. Este rio nasce em Crateús (CE), passa por Demerval Lobão e segue até a capital Teresina, onde deságua no Rio Parnaíba. É do Poti que seu Chico pesca diariamente piabas e caris²¹, em pequena quantidade, somente para o consumo de sua família.

Embrenhei-me nessa cidade para investigar a tradição do reisado, mais precisamente as relações ali construídas, dentro do recorte que me chamou maior atenção nas apresentações do grupo, as negociações que dizem respeito ao pagamento. Para isso, me fiz presente no campo, observando detalhes e significados mais relevantes para os participantes dessa prática e para minha abordagem antropológica. Por se tratar da macrorregião “Grande Teresina”, a cidade convive com aparente tranquilidade de um pequeno território, mas sofre com os problemas próprios das grandes áreas urbanas relacionados, principalmente, à segurança pública. Durante dois anos estive em contato com esse espaço gerador de diálogos, trocas e reciprocidades. Na oportunidade, observei que boa parte da população morrinhense é fruto das migrações de famílias nordestinas, sobretudo cearenses, em busca de melhores condições de vida que chegaram ao Piauí. O historiador Kevin Campelo (2016, p. 12) assim narra sobre a povoação da cidade:

O mito histórico de fundação da cidade remonta a nebulosa saga que envolve os irmãos Nazário, Marçol e Rodrigo da Costa Azevedo, “aguerridos cearenses” fugidos do flagelo da seca de 1877, que vieram se estabelecer em terras piauienses para sobreviver, onde ergueram suas casas de “pau-a-pique” e iniciaram povoado que receberia a alcunha de “Morrinhos” mais tarde.

Em variadas épocas de migrações, causadas principalmente pelas estiagens mais severas, as terras piauienses se fizeram “corredor de passagem” de muitos retirantes que queriam chegar ao Maranhão, estado geograficamente bem servido de água. No entanto, nesse lugar de transição, as condições já se mostravam favoráveis, sobretudo pela presença de água, razão para muitas famílias decidirem ficar por algum tempo, o que acabou por ser o início de boa parte do povoamento das cidades do Piauí que estão localizadas no “caminho das águas” entre o Ceará e o Maranhão.

²¹ Cari é peixe de pequeno porte, de couro áspero, cabeça chata, movimentos aparentemente mais lentos e é facilmente pescado na região. Na minha infância eu o conhecia como “bodó” e, em outros lugares, também encontrei com o nome de “cumbá”.

Nas minhas caminhadas pelos lugares da *brincadeira* do reisado, notei que as atividades coletivas desencadeadas por essa prática minimizam as tensões existenciais do cotidiano e propiciam a esses sujeitos vivência cultural significativa. Essa sensação pode ser evidenciada nas palavras do *careta* Chikin²²:

*“Eu gosto do reisado, brinco porque gosto. [...] Eu num deixo não, com certeza vou, gosto... [Qual é a parte que você mais gosta do reisado? Assim...] A parte que eu mais gosto é na hora de a gente brincar com o Boi, nessa hora, e também na hora do Reis, na hora do canto do reis. Sendo também um cantador que... quando a gente entra, primeiro dia, que a gente tá naquele gás, que é o primeiro dia, a gente tá, é como a gente vai entrar numa partida de futebol decisiva, a gente vai, chega mermo o sangue corre na veia, assim, a gente vai um pouco de nervoso, daquele momento ali pra frente a gente começa se soltar, é o primeiro dia, aí quando vem um cantador que canta bem mesmo, um sofoneiro bom [...]”*²³

Percebemos na fala acima que tanto a louvação da “*cantiga do Reis*” quanto o “*cantador bom*” e a sanfona bem tocada convergem para um mesmo movimento no ritual do reisado. Crença e divertimento dividem o mesmo cenário. Em minhas andanças, no dizer dos jovens de Demerval Lobão, *caçando reisado*²⁴, observei que um fluxo de sentidos, esperas, conformações, desejos, sonhos e esperanças se engendram em um tecido ritual que entrança, numa mesma *cantoria*, religiosidade e diversão. A noção de sagrado e de profano, nesse sentido, opera em alternatividade (VAN GENNEP, 2013), girando em movimentos de situações respectivas. Desse modo, observei que o ritual do Reisado do Mutirão apresenta em seu “contexto etnográfico”, segundo expressão usada por Pereira (2011), articulações de sagrado e de profano, compreendidas como categorias relacionais e móveis. É possível que tenha sido essa característica dinâmica de dualidade do reisado a primeira motivação que me despertou pesquisar esse fenômeno e que me levou a pensar nas dimensões do pagamento como categoria de tensão nessa prática.

1.2 Dinâmica do ritual

O Reisado do Mutirão envolve um ritual, ou a propósito do que nos fundamenta Turner (2013) sobre esse conceito, um “processo ritual”. Nele há ações formais e

²² Francisco Martinho de Sousa Filho é “Chikin”. Nos primeiros seis meses de contato eu escrevia seu nome “Chiquinho”, diminutivo de “Chico”, apelido de Francisco. Quando o vi vestido com sua camiseta de futebol que o identificava como “Chikin”, passei a grafar seu nome, a partir daí, também assim. É uma leitura a partir de como meus informantes vêem e significam suas escolhas, detalhe importante na análise das relações.

²³ Entrevista concedida por Francisco Martinho de Sousa Filho (Chikin) a Antonio Vagner Ribeiro Lima no dia 04/06/2015, em Demerval Lobão (PI).

²⁴ “Caçar reisado” é a expressão que se usa na região para o ato de procurar onde estaria acontecendo apresentação de reisado.

representativas que levam as pessoas a recriarem uma realidade que ele chama de estado liminar, ou seja, elas saem do seu cotidiano, levados por um componente sagrado, dentro de uma dinâmica que envolve um momento de saída, passagem e retorno. “A sociedade (*societas*) parece ser mais um processo do que uma coisa, um processo dialético com sucessivas fases de estrutura e de *communitas*”. (TURNER, 2013, p. 185). Essa reelaboração da realidade ganha impulso por estarem imersas em um ambiente coletivizado. As presenças e as ações das outras pessoas contribuem para uma mudança de *status* durante o processo, de um eu essencial para um eu performático. É um eu vivenciando uma experiência criadora de um outro eu que se transforma e evolui para um estado melhor. Na prática, um grupo de pessoas sai com seus símbolos presentes nas vestimentas ou objetos rituais, munidos de intenção de fé em peregrinação, de casa em casa, interpretando personagens, durante alguns dias, ao final dos quais voltam aos seus lares animados de uma força maior devido à sensação de dever cumprido, de satisfação nas atualizações de pertencimento que se fortalecem mediante as ações e atividades do reisado. E, assim, Antonia e Francisco passam a ser também Dona Toinha e Chico Porva do Reisado do Mutirão. É nessa emblemática relação de pessoas e papéis, brincantes e folia que se dão as negociações de pagamento, nas casas, entre devotos, no percurso da *brincadeira*. Todos esses pontos, incluídas as negociações, influenciam diretamente na realização e definição do ritual a ser apresentado.

Em um dos vários dias em que acompanhei as caminhadas de apresentação do Reisado do Mutirão, destaco uma noite em que, na saída da peregrinação, havia muitas pessoas na calçada de Dona Toinha, notadamente crianças e jovens, que transitavam na rua à espera da saída do reisado. É Dona Toinha quem anuncia o trajeto do grupo, mas naquele momento, não sabíamos ainda qual seria nosso percurso. Na verdade, até poderiam marcar a ida a uma casa já contratada, mas era impraticável mensurar o horário, pois era incerto o tempo de duração da *brincadeira* em cada casa, por dependerem essencialmente do acolhimento do dono da residência e de cada tipo de contratação a caminho.

Apesar de Seu Chico Porva afirmar que o reisado sairia às 18h, naquele dia, somente às 20h o grupo cantou o Reis no altar da sala de Dona Toinha. Esta é a licença para o reisado sair às ruas. O atraso se dá, na maioria das vezes pela demora em juntar o grupo. Muitos *brincadores* chegam atrasados ou estão impossibilitados por contusões musculares adquiridas nas andanças da noite anterior ou mesmo pelo excesso no consumo de bebida alcoólica.

Nesse cortejo, cedo da noite, aproximadamente 600 pessoas seguiam caminhando com o grupo no momento da saída pelas ruas da cidade. Acompanhei a descida numa estreita passagem do pontilhão em frente à casa de Dona Toinha e entrei em uma rua de estrada de

chão, onde foi preciso desviar de córrego, matagal, lama e caminhar sob iluminação precária. O cortejo movia-se entre motocicletas, homens e mulheres que caminhavam animados, acompanhando a *brincadeira*. Nas primeiras casas da noite, havia muito barulho e expectativas para ver se os *bichos* iriam ou não dançar.

Ao realizar a *cantoria* em uma casa, o Reisado do Mutirão mantém um cerimonial que segue a mesma ordem, dependendo da acolhida e autorização do dono da residência. Percebi, sustentado na fala dos informantes, que uma sequência foi aos poucos se estabelecendo: inicialmente i) a chegada à casa, o ato do ii) *beija-santo*²⁵ e, se for autorizada a *brincadeira*, vem o iii) cumprimento dos *caretas* ou o que se decidir apresentar a partir daí. Ressalto que a decisão sai do que for combinado²⁶ entre Dona Toinha e o dono da casa²⁷. Esse momento de negociação é o ponto simbolicamente exato que chamou minha atenção porque é a partir dele que se define a dinâmica do ritual que será apresentado. A *performance* do Reisado do Mutirão caracteriza-se, desse modo, como uma via de mão dupla, que põe em jogo a certeza da sequência ritual que se reproduz em contraponto à incerteza do que será autorizado somente na hora. E essa dinâmica é acionada a partir das negociações do pagamento.

Na chegada às casas, o grupo executa a *cantiga do Reis* e uma bandeira com o santo representativa desse reisado é estendida em alusão ao início da apresentação. Em conversas com o *careta* e filho de Dona Toinha Francisco Martinho de Sousa Filho, mais conhecido como Chikin, ouvi o seguinte relato sobre esse momento inicial de abordagem:

“A gente começa com... na porta, né? Cantando, chega com a bandeira com o Santo Reis, coloca na porta, aí começa cantar o Reis. Canta o Reis, aí depois do Reis a gente vai, diz as lorota pro dono da casa [...]”²⁸

A bandeira atua como objeto ritual substanciado de fé que, ao ser tocado, pode abençoar e restabelecer a saúde de algum enfermo da casa. O santo colado na bandeira deve ficar virado para dentro da casa, portanto de costas para quem está esperando do lado de fora

²⁵ O “beija-santo” é parte do ritual que consiste em beijar o santo como demonstração de devoção à presença do sagrado. O beija-santo está simbolicamente associado ao ato de aceitar, de receber o reisado em casa. É o momento em que se oferta a esmola do santo. No último dia do reisado, o beija-santo é diferenciado com o ritual de ajoelhar-se em frente ao altar e beijar o santo (na verdade beija-se na toalha em que repousa a imagem do santo) e, em seguida, depositar-se algum dinheiro como esmola.

²⁶ Presenciei, em algumas ocasiões, Dona Toinha consultar discretamente o *careta* e filho Chikin se “dança ou não”. Isso aconteceu notadamente quando a oferta do dono da casa pareceu ser de valor muito menor ao que Dona Toinha havia sugerido.

²⁷ Utilizo essa expressão “dono da casa” no decorrer do texto para identificar a pessoa que recebe o reisado na casa, independentemente de o proprietário ser um homem, uma mulher ou um casal.

²⁸ Entrevista concedida por Francisco Martinho de Sousa Filho (Chikin) a Antonio Vagner Ribeiro Lima no dia 04/06/2015, em Demerval Lobão (PI).

da casa junto com a *cantoria*. Isso se dá para que o dono da casa, se abrir a porta, tenha como primeiro contato o santo que está fixado no centro da bandeira. Na sequência, ele realiza o “*beija-santo*”, que é o momento em que o devoto beija a imagem representativa do Santos Reis.

A cena se repete a cada casa: integrantes do grupo e espectadores aguardam do lado de fora à espera que o dono da casa abra a porta e Dona Toinha entra ou fica na soleira da porta para começar, sempre discretamente, a negociação do pagamento. E o ritual vai-se construindo a partir daí. Uma instabilidade evidencia-se pela condição errante do grupo que depende primeiramente se a porta vai abrir e, em seguida, se será autorizada a dança e como será a apresentação do ritual. A espera na soleira denota o lugar de expectativa e liminaridade. Por um momento de passagem e fronteira, a soleira passa a representar lugar de decisão, interseção simbólica do que é da casa e da rua. Há aqui uma tensão gerada pela função de *start* da dinâmica do ritual. Foi exatamente esse ponto de possibilidade que me chamou a atenção para as relações de pagamento como foco de minha observação no reisado.

Observei em uma noite que, nas primeiras casas abordadas, só pagavam a *esmola*²⁹ do santo, sem a apresentação das *image*³⁰, nem dos *bichos*³¹. Somente na décima quinta casa visitada o morador autorizou, mediante acerto de oferta a ser paga, a realização da *brincadeira*. Essa oferta, assim como todas as outras presenciadas, foi notadamente uma quantia em dinheiro. Durante duas temporadas em que acompanhei o reisado em peregrinação nas casas, não houve outros tipos de pagamento nos moldes do que me foi narrado na fala do informante a seguir:

“[Poeta, ainda tem gente que dá (paga com) animal? Assim...] Tem gente que faz promessa. Uma criação³² tá doente: ‘se escapar é de Santo Reis. Se meu Boi escapar eu dou... se a vaca não perder eu dou um bezerro pra Santo Reis quando tiver grande’. Entendeu? Faz promessa pra dar. Outros num faz promessa, mas aguarda com um saco de arroz, feijão, galinha [...] porque no interior tem pouco

²⁹ A esmola aqui considerada é um pagamento mais relacionado ao santo, geralmente uma pequena oferta em dinheiro, uma espécie de cachê de pequeno valor, no caso dos *caretas*.

³⁰ “Image” é como grafiei a variante da palavra “imagens”. É esse o termo que os *brincadores* usam para denominar o conjunto dos três *caretas* do Reisado do Mutirão. Os *caretas* se tratam com esse termo. Isso fica muito claro quando o dono da casa decide pela apresentação exclusiva dos *caretas*. “Só as image!” Também é motivo de risada quando, diante da recusa de apresentação, os *caretas* perguntam ironicamente: “Nem as image?!” Há um sentido de ironia quando se relaciona a ideia cristã de o homem ser a “imagem e semelhança de Deus”. Os *caretas*, em um sentido de reversão e ambiguidade, seriam a imagem do contrário, no dizer linguístico local, “a imagem do cão”.

³¹ Os *bichos* são as três personagens (Burrinha, Jaraguá e Boi) que se apresentam com música e coreografia próprias. Eles também podem ser chamados de “pássaros”, “passarim”, “brinquedos” ou “figuras”.

³² O termo “criação” se refere ao animal de médio porte, como bode ou carneiro. “Carne de criação” é referente à carne de carneiro.

dinheiro, mas ele já dá uma coisa pra festa: comida, um saco de arroz, um feijão, uma galinha. ‘Olha, venha buscar.’ Aí no dia de Reis o tirador do Reis tem uma pessoa pra ir nas casa. Ele já sabe onde tem. Um bode acolá, um porco acolá, tem umas pessoa pra ir buscar. E mata... eles começa cedo logo pra fazer e tudo é pra... recolhe e faz a festa.”³³

Como se percebe na fala de Antonio Raimundo, *careta* de reisados da região entre Alto Longá e Demerval Lobão, há casos em que pessoas, principalmente na zona rural, costumam ofertar gêneros alimentícios na negociação da *brincadeira*. Nesse sentido, Klass Woortmann (1990, p. 38) pontua que “a troca entre os homens é a continuidade da troca com a natureza, pois é a troca de alimentos (que resultam da troca com a terra) e de trabalho (que constrói a terra e produz os alimentos). O espaço camponês é, portanto, um espaço moral”. Observei muito presente no reisado essa ética do campesinato, que implica reciprocidade.

No contexto do Reisado do Mutirão, o valor a ser pago, geralmente em dinheiro, quando autorizada a apresentação, fica a cargo do dono da casa, em acordo com a modalidade que será apresentada. De acordo com Woortmann (1990), essas relações de negócio são impuras. Por isso a separação existente entre esses dois espaços, da família (casa) e da feira (rua). O reisado em peregrinação vive a liminaridade de não estar totalmente na casa, extrapolando o ambiente familiar, e por essa razão precisa negociar com o que é da rua. Na situação de passagem, o participante do reisado se vê na condição de negociar porque assim o ambiente de rua o impõe. A apresentação do reisado pode ocorrer de maneira completa ou somente algumas partes, conforme o gosto ou condições de pagamento do contratante. Desse modo, é possível classificar a apresentação desse reisado em modalidades, que serão detalhadas e estudadas no item “O pagamento no Reisado do Mutirão” (3.3), no final do capítulo 3.

Depois de abrir a porta, se realizar o “*beija-santo*”, o dono da casa confirma que aceita contribuir com a *brincadeira*, no mínimo com a esmola do santo, uma pequena quantidade de dinheiro que será utilizada na festa de encerramento. Nesse momento a bandeira pode ser conduzida ao quarto do casal, oratório da casa ou outro lugar que o devoto julgar conveniente. Geralmente se há algum membro da residência doente ou impossibilitado de ir à sala receber a imagem do santo, esta é levada ao devoto em forma de benção.

É costume dançar os *bichos* somente com a autorização do dono da casa, o que promove um momento de negociação amistosa do valor a ser pago, em que o dono do reisado tenta receber uma melhor oferta e o dono da casa pagar o menor valor. Mesmo assim, pode

³³ Entrevista concedida pelo repentista Antonio Raimundo a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Teresina (PI), no dia 11/03/2017.

haver casos em que o reisado se apresente, embora o dono da casa não ofereça uma proposta de pagamento. A título de exemplificação, observei uma situação em que uma equipe de televisão precisava filmar a dança dos *bichos* em certa casa, mas a moradora só dispunha do dinheiro para o santo. Na ocasião o organizador do reisado decidiu dançar mesmo assim, porque queria despachar a equipe de televisão. Outra possibilidade de brincar sem o pagamento está relacionada a trocas de favores, amizade, parentesco, compadrio, em que a cordialidade pode falar mais alto. Noto aqui que o dono da casa passa a fazer parte do ritual e suas ações de abrir a porta ou não, emitir sua fala de aceite, de desculpas ou recusa de receber o santo são igualmente cerimoniosas. Essa ritualização é própria da condição de passagem (GENNEP, 2013) entre espaços sagrados e profanos, em que um “estágio intermediário” é exigido e cada ação segue uma sequência. Quando a bandeira volta, é hora de os *caretas* cumprimentarem o dono da casa com o tradicional “*boa-noite-iaia! boa-noite-meu-capitão!*”. Isso decidirá se tem alguma *esmola* para esses brincantes. Ressalto que a *performance* do *careta* vai fazer diferença na decisão do morador de pagar pela sua apresentação. É quando o *careta* precisa falar em versos e de maneira criativa. O que está em jogo aqui é a conquista, a forma de influenciar o morador a autorizar que os *brincadores* dance o reisado na sua casa e também deposite algum pagamento no lenço de cada *careta*. Nessa expectativa de realizar a *brincadeira*, cada *careta* diz suas *lorotas*³⁴, a começar pelo mais novo, como tentativa de ser bem acolhido o seu *jogar de lenço*³⁵. Assim relata o *careta* Chikin:

“Cada um dos *careta* se apresenta pro dono da casa, diz lá sua *lorota* aí vai pro último, o mais velho diz a *lorota* dele, *joga o lenço, né? Tem aquela parte de jogar o lenço, aí diz um leriado*³⁶ lá até que chega na hora dele *jogar o lenço. Aí vai o mais velho, joga o lenço e diz a lorota dele, joga o lenço e oferece os bicho pro dono da casa, que é o Boi, Burrinha, Jaraguaia, pra ele botar os brinquedo pra brincar no terreiro, aí dali, da conversa do careta tem que fazer com que o dono da casa caia na conversa dele e bote os bicho pra brincar.*”³⁷

³⁴ “Lorotas” ou “loas” ou “lodaças”. Ouvi dos participantes do reisado essas variantes relacionadas aos versos que recitam ao cumprimentar o dono da casa. Geralmente são versos heptassílabos rimados em estrofes de seis ou mais versos. O conteúdo apresenta versos humorísticos, situações de valentia, estrofes de vaquejada, histórias fantásticas, mistérios ou feitos impressionantes. Não há uma disputa institucionalizada no grupo, mas percebi que o público sempre avalia o *careta* pela rapidez em recitar o maior número de loas e provocar mais risos e aplausos na plateia.

³⁵ “*Jogar o lenço*” é a parte do ritual de apresentação que consiste em um gesto simbólico do *careta* de encerramento da *performance* de cumprimentar o dono da casa. Em geral, no último verso de suas *lorotas*, o *careta* coloca o lenço no ombro do capitão. Conforme a contribuição do dono da casa, o lenço é devolvido com algum pagamento em dinheiro. Por algumas vezes o lenço volta vazio e com um nó apertado, por *brincadeira*.

³⁶ “Leriado” é termo que faz referência a um conjunto de versos recitados com a intenção de persuadir o ouvinte, no mesmo sentido de “lodaça”, “loa” e “lorota”.

³⁷ Entrevista concedida por Francisco Martinho de Sousa Filho (Chikin) a Antonio Vagner Ribeiro Lima no dia 04/06/2015, em Demerval Lobão (PI).

Ao concluir sua apresentação verbal, o *careta* tira o lenço que traz guardado no cós da saia ou amarrado no pulso e coloca no ombro do morador. Essa ação é concluída geralmente com um diálogo, como demonstrado na fala de Odílio a seguir: “Meu capitão, tu já recebeu o presente de natal? [Não] Então pega logo o de Reis.³⁸ O dono da casa leva o lenço para dentro da residência e o devolve com um nó. Dentro poderá conter algum dinheiro ou não. O dinheiro ofertado é amarrado no lenço de modo que não ocorra a revelação imediata do valor pago. Enquanto os *caretas* sapateiam, o dono da casa aguarda os lenços para devolvê-los logo ao final do sapateado. Em seguida são devolvidos juntos a um *careta* que confere se tem dinheiro e devolve-os aos seus donos. Várias expectativas são geradas para saber se os *caretas* sapateiam, se o dono da casa autoriza a dança, se os lenços foram devolvidos com dinheiro ou não, quanto será pago por cada modalidade da apresentação, enfim, Dona Toinha fica atenta para negociar essas decisões na hora.

O ritual do *beija-santo* segue e o *careta* grita a dica “Beija devagar, Iaiá”, no sentido de convencer a dona da casa a ser generosa e depositar com dedicação a contribuição para os *caretas* e “para o santo”. Nesse momento há muitas intervenções, principalmente faladas de forma cômica pelos *caretas*, mas também pelas pessoas que acompanham de perto a *cantoria*³⁹, o que influencia na decisão do dono da casa em autorizar tanto o sapateado dos *caretas* quanto, na sequência, a dança dos *bichos*.

Uma vez autorizada a *brincadeira*, a dança obedece à seguinte sequência: 1) Burrinha; 2) Jaraguá; 3) Boi. Quando os *bichos* dançam separadamente é possível perceber as características próprias de cada personagem ao se apresentarem com suas respectivas músicas, ações, simbologias, construções e invenções que incorporam elementos ritualísticos e performáticos locais, assimilam novos significados junto à prática dos *brincadores*, se dinamizam e se atualizam cada vez que o ritual é realizado.

*“Minha burra vem chegando, mas não fala com ninguém
Tô esperando que ela fale que é pra eu falar também
Se é solteira ou se é casada aceite meus parabéns.”*⁴⁰

³⁸ Áudio da fala de Odílio Bezerra Lima, captado por Antonio Vagner Ribeiro Lima, na comunidade Chapadinha, em 24/12/2015.

³⁹ O termo “cantoria”, no Reisado do Mutirão, diz respeito, grosso modo, ao conjunto de cantigas (*do Reis*, da Burrinha, do Jaraguá, do Boi) e *performances* variadas de versos memorizados, incluindo também os ditos jocosos empreendidos pelos *caretas*. Ressalto que o significado do termo no reisado é diferente daquele de onde ele foi emprestado, do Repente Nordestino (SAUTCHUK, 2012), em que cantoria compreende prática de improviso, espaço constituído para criação poética de significados e funcionalidades muito caras aos habilitados ou conhecedores da arte do Repente.

⁴⁰ Trecho da Cantiga da Burrinha, do Reisado do Mutirão, coletado por Antonio Vagner Ribeiro Lima, no dia 30/12/2015, em Demerval Lobão (PI).

A Burrinha é um artefato construído como imitação caricata da fêmea do burro. Ela se fantasia, da cintura para cima, com um chapéu de palha na cabeça coberto por um véu transparente branco ornado com fitas coloridas. Da cintura para baixo ela está vestida com uma saia sustentada por uma armação em forma de aro pendurado por suspensórios e coberta com tecido de seda branco. Tais indumentárias cobrem o *brincador* da cabeça aos pés (ver Fotografia 1).

Fotografia 1 – Artefato Burrinha



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Essa personagem é a primeira que dança quando se autoriza o brincar dos *bichos*. Antes de cantarem a *cantiga* da Burrinha, os *caretas* emitem sons fortes ao chamá-la: “*Tome, tome, tome...*”. É uma espécie de código a despertar a atenção do personagem Burrinha para entrar na roda. Esse sinal é motivo de alegria e agitação de todos, principalmente da criançada presente, por garantir que os *bichos* vão dançar. A Burrinha inicia sua dança apresentando coreografia aparentemente calma, com passos saltitantes no cumprimento do público. Porém, no encerramento da dança, os *caretas* tentam agarrá-la e ela se esquiva aos coices. Neste momento os *caretas* param de cantar a música tema da Burrinha, que dá lugar a um “forrozim”⁴¹ instrumental. Os instrumentos continuam os mesmos: sanfona, pandeiro e

⁴¹ “Forrozim” é variante regional de “forrozinho”.

triângulo. A mudança do ritmo (de marcha para forró) promove correria e um clima de certa tensão em que há simulação de coito dos *caretas* com a burra. “*Pega a burra! Pega a burra!*” Essa cena desperta curiosidade porque a burra é encurralada pelos *caretas* que urram em gestos que conotam certa obscenidade. A apresentação da Burrinha acaba quando, depois de imobilizada pelos *caretas*, é liberada para sair da roda. A plateia se prepara então para receber o próximo brinquedo, o Jaraguá.

A dança do Jaraguá é acompanhada por uma *cantiga* no ritmo de xote. Em geral todos os presentes respondem em coro ao refrão “Jaraguá!”.

*“E dança, dança, burro preto – Jaraguá!
E dança, dança, devagar – Jaraguá!
E Jaraguá que vem de longe – Jaraguá!
Que é pro povo apreciar – Jaraguá!”*⁴²

O Jaraguá é uma representação artística de um burro preto, como exposto na estrofe acima. A cabeça do *bicho* é uma caveira de jumento ou cavalo que é preparada para articular a mandíbula e fazer vibrar os dentes. O efeito sonoro figura como instrumento musical percussivo conhecido como queixada⁴³ em que uma mandíbula de cavalo ou jumento é percutida ou raspada por um pedaço de osso, no formato de uma baqueta. Como instrumento musical, a queixada pode ser executada de duas maneiras, uma que fricciona a linha dos dentes com um reco-reco ou pode ser golpeada na lateral da mandíbula, de modo a emitir sons a partir dos dentes, chacoalhando nas órbitas soltas. No caso do Jaraguá, a queixada é sincronizada com o ritmo de xote da *cantiga* e o som característico da percussão por entrechoque da mandíbula com a base superior da caveira. A articulação da queixada no ritmo, aliada aos saltos em movimentos que o *brincador* realiza de cócoras e o manto preto que envolve o *brincador* resultam em imagem assustadora (ver Fotografia 2). Esse personagem interage com os espectadores, principalmente a criançada, que entra no jogo da fantasia e realmente corre com medo do *bicho* artefato.

⁴² Trecho da Cantiga do Jaraguá. Reizado do Mutirão. Áudio captado e transcrito por Antonio Vagner Ribeiro Lima, no dia 30/12/2015, em Demerval Lobão (PI).

⁴³ “Queixada” é instrumento musical de percussão (JAUED, 2017).

Fotografia 2 – Artefato Jaraguá, do Reizado do Mutirão, operado por Douglas (Gol)



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Chico Porva confecciona e também é responsável por guardar todo o material de vestimentas, máscaras e *bichos* artefatos. A seguir, ele explica como é confeccionado o Jaraguá:

“É a cabeça de um jumento. [...] Esse aqui é o cordão de puxar. Quando fura aqui [em uma extremidade da mandíbula], amarra colando aqui [na outra extremidade da mandíbula] ó, um lado e outro, dentro das queixadas. Pra achar... morria muito jumento. Hoje num tá tendo mais, é mais difícil o animal, né? Na beira da pista que o carro matava. Quando tinha animal na pista aí, a gente puxava isso aqui [a cabeça]. A gente tira dele morto, seco já. Esse bem aqui [cabeça de jumento]... aquela bem dali eu tirei... o jumento, os urubu já tinha... ainda tava grudado no coro véi. Tava caçando uma cabeça, essa daqui [antiga cabeça] tava ruim, ai eu achei esse daí [cabeça mais nova]... eu ia passando pela estrada aí eu vi lá, quando foi nos outro dia eu fui lá e arranquei ele com a faca, o coro véi, já tava secando o coro, meti a faca, cortei, peguei, peguei água sanitária, alimpou tudo. Botei água sanitária, comeu o coro todinha, ficou limpinha, limpinha. Bota água sanitária, bota ali, bota hoje e amanhã tá limpa.”⁴⁴

Chico Porva deixa claro que a fantasia do Jaraguá foi confeccionada por ele mesmo de forma artesanal, utilizando-se de material encontrado na região. A roupa desse personagem se

⁴⁴ Entrevista concedida por Francisco Martinho de Sousa (Chico Porva) a Kevin Moraes Campelo, em Demerval Lobão (PI), no dia 28/09/2016.

resume a um tecido preto que envolve todo o corpo de *brincador*, destacando a caveira do animal. Esse *bicho* contribui com a percussão da música. Seu ritmo está apoiado na batida dos dentes a cada vez que a queixada é articulada.

Na sequência de apresentação, logo após a dança da Burrinha, o Jaraguá, que permanecia escondido, aparece de surpresa, ou seja, não há sinalização de sua entrada. Ele pula no centro da roda já insinuando uma mordedura nas pessoas presentes. O personagem causa medo às crianças, que reagem aos gritos quando o *bicho* corre fazendo gesto de que vai morder alguém. É possível acontecer uma mordedura porque a mandíbula articulada da caveira é mantida em contínuo abrir e fechar, movimento sincronizado pelo *brincador* ao puxar o cordão acoplado à mandíbula.

O Boi entra por último. O artefato compõe-se de chifres naturais de vaca, corpo coberto por camurça preta, enfeites brilhosos, manto preto, saia vermelha e o nome “Boi Garantido” bordado na lateral do corpo (ver Fotografia 3). Sua dança é anunciada quando Odílio canta estrofes de vaquejada intercaladas por aboios com repente. O Boi chega conduzido por um *careta*, cumprimenta o público e começa a dançar. A coreografia é composta de movimentos sincronizados com os *caretas* que, ao mesmo tempo em que dançam, insultam o Boi a mostrar sua destreza e valentia. A música para e o ambiente se agita com muita gritaria dos *caretas* e das pessoas presentes; elas instigam o Boi e este se motiva a encarar o momento da “briga”, tensão máxima em que o Boi tenta atingir os *caretas* com chifradas. O insulto do Boi provoca grande correria e esquivas dos mesmos para não se machucarem.

Fotografia 3 – Artefato Boi, do Reisado do Mutirão, operado por Dodô



Fonte: Fotografia de Maurício Sipaúba.

Na apresentação do Boi, por vezes, ele também vai de surpresa ao encontro do público presente, causando grande tumulto e gritaria. Após a briga simbólica o Boi volta a dançar o baião do “*cajueiro abalou*”⁴⁵. É quando esse *bicho* se despede do amo (dono da casa) e do público. A dança do Boi sinaliza o final do ritual do que é oferecido como apresentação nas casas. Ressalto que a morte e repartição do Boi, atualmente, é a parte do ritual do Reisado do Mutirão que só acontece no dia da festa de encerramento. Isso fica evidenciado na fala de mestre Odílio:

*“[Todo o Reisado tem a cantiga de Reis, os bichos... Mas a morte do Boi não é sempre não, né?] Não, porque... Eu num mato o Boi em qualquer casa porque o dono do Boi num aceita, num querem aceitar. Mas mata. O direito é de matar. O dono pede, mas agora: ah, só se mata o Boi no dia da reza. Só... num é pra matar ele nesses outro lugar não. Mas tem muito dono que diz... Mas se pede, mata.”*⁴⁶

A matança do Boi é parte do ritual. Simbolicamente, o *bicho* é morto pelo *careta* mais velho com golpes de um cabo de chicote. O Boi fica deitado no chão, encenando sua morte, e o *careta* aponta suas partes com o cabo do chicote e as oferece aos presentes. É a repartição do Boi. A *cantiga* vai improvisando os nomes das pessoas que receberão as partes ofertadas. A rima entre as palavras define a associação de cada parte do Boi ao nome de uma pessoa, como no trecho a seguir:

*“[...]
E o lombo de dentro⁴⁷
É de quem num tem dente
E o lombo de fora
Mas é das senhora
O facão do espinhaço
É de meu amo Inácio
O pano de costela
É do careta véi
A costela mindinha
É do Pedro Mundin
Meu Boi a chandanca
É do Chico Dantas
Meu Boi tem pé*

⁴⁵ “Cajueiro abalou” é o refrão de um baião acelerado que é respondido, em geral, por todos os participantes do reisado, enquanto um *careta* solista canta cada verso de uma estrofe. A interação do público é notada em forma de coro, seja pela facilidade musical, seja pela empolgação do ritmo e agitação da cena.

⁴⁶ Entrevista concedida por Odílio Bezerra Lima a Vagner Ribeiro e Kevin Moraes, em Demerval Lobão (PI), no dia 10/10/2016.

⁴⁷ Na cantiga da repartição do Boi, os caretas e espectadores presentes respondem ao refrão “Isso mesmo é”, enquanto o solista, aqui protagonizado pelo mestre Odílio, canta a parte do Boi e o nome da pessoa com quem a rima combina, como por exemplo: “Espinhaço, vai para o Inácio”.

*Mas é do José
 Meu Boi o fato
 Mas é do Ricardo
 Aqui pra gaitera
 É das cantadera
 [...]” (grifo meu).⁴⁸*

Esse canto é respondido em forma de coro pelos *caretas* e pelo público. É ocasião em que há uma interação mais expressiva entre eles. Embora esse reisado não apresente nas casas esse episódio da matança, presenciei no ciclo de 2015/2016 uma exceção: na casa de Miguelim, tio⁴⁹ de Dona Toinha, o Boi foi morto e repartido a pedido do dono da casa. Percebi que entrou em jogo aqui o fator parentesco, em que as relações de negócio ganham outro significado. A propósito disso, Ellen Woortmann (1990, p. 23) pondera que nas culturas camponesas tem-se a família como ponto central. “Pode-se opor esse tipo de sociedade às sociedades modernas, individualizadas e voltadas para o mercado; em outras palavras, pode-se opor uma ordem moral a uma ordem econômica”.

É oportuno marcar, nesse entendimento, a matiz ruralizada das relações familiares e estruturais desses espaços onde transitam os sujeitos do Reisado do Mutirão. São casas na cidade, mas que possuem feições e hábitos camponeses. Criação de porcos aqui, galinheiro ali, hortas e árvores frutíferas acolá. É um pé na cidade e outro na roça. Inclusive muitos parentes residem nos povoados que não foram emancipados. Miguelim é da família e, assim, resalto que é “preciso afastar o negócio (impuro) da casa (espaço de família) e do território camponês, localizando-o na cidade” (WOORTMANN, 1990, p. 40).

Na conformação de apresentações do reisado, o fato de autorizar a dança completa⁵⁰ coloca o dono da casa como pessoa de bem, que “tem coração” e expressa sua ajuda participando da *brincadeira*. Do contrário, quando não se abre a porta, os comentários, mesmo aos sussurros, não poupam ninguém: “Aí são miserave!”⁵¹, diz um espectador referindo-se ao fato de uma casa não ter recebido o reisado. Na verdade, ele falou isso antes

⁴⁸ Entrevista concedida por Odílio Bezerra Lima a Antonio Vagner Ribeiro Lima e Kevin Moraes Campelo, em Demerval Lobão (PI), no dia 10/10/2016.

⁴⁹ Sobre os laços de parentesco, destaco que Miguelim é tio (biológico) de Dona Toinha, mas foi criado como irmão, e assim é considerado. No contexto do Reisado do Mutirão, que vive forte pauta do campesinato (WOORTMANN, 1990), isso faz diferença, pois o parentesco, assim como a amizade, o compadrio ou a vizinhança são relações sociais que precisam ser consolidadas pela consideração.

⁵⁰ A “dança completa” a que eu me refiro aqui é a modalidade de apresentação dos *bichos* do reisado também identificada como “bota tudo e separado”, classificação que analiso na seção “O pagamento do Reisado do Mutirão”, capítulo 3 deste estudo.

⁵¹ O comentário “Aí é miserave!” ocorreu em uma casa isolada, na cidade de Demerval Lobão (PI), notadamente “rica”, pela condição material expressa na fachada do muro e portão. Inclusive, o reisado cantou lá, mas ninguém apareceu para abrir a porta. “Só pode ser o sono perpétuo!”, brincam os *caretas* quando isso acontece.

mesmo que os *cantadores* encerrassem a *cantoria* de chegada, aquele momento em que a expectativa é saber se a porta irá ou não se abrir. De forma discreta, mas seguro de que eu, como pesquisador, pudesse ouvi-lo, esse devoto procurou me fazer entender alguns conflitos sociais ali presentes. Ele evidencia, pela fala e gesto, a dificuldade de alguns moradores de melhores condições financeiras, expressas nas fachadas dos portões e muros de suas residências, de se sentirem partícipes da *brincadeira* do reisado, cortejo formado majoritariamente por pessoas de menor poder aquisitivo.

Nesse sentido, Silva (2010, p. 161), no seu estudo sobre o filme *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos (1963), aponta que

[...] Na cena do reisado, nota-se que somente o povo participa diretamente dessa manifestação cultural herdada do colonizador e aclimatada à região. A aristocracia rural assiste à cantoria, mas dela não participa e tampouco se identifica diretamente. Para a aristocracia rural, o reisado tem um caráter decorativo, apenas.

O reisado, assim como boa parte das expressões artísticas da cultura popular, situa-se nessa margem de reconhecimento social. No entanto, algumas pessoas mais abastadas têm satisfação em receber o reisado e até incentivam o trabalho do grupo, servindo lanche⁵² e acompanhando de boa vontade a andança.

Ao longo do meu trabalho de campo, em uma dessas caminhadas, durante a madrugada, percebi que o cortejo já se fazia acompanhar de poucas pessoas; praticamente só o grupo de *brincadores*. Nesse tardar das horas da peregrinação se presenciou uma sequência de casas não acolherem a chegada do reisado, não abrirem a porta. Em relação a isso, ouvi de uma senhora os comentários: “Nem o do santo!”⁵³ e “Não tem nem medo de um castigo!”. Ela se referia ao fato de a porta não se abrir, mesmo na certeza de que havia alguém na casa. Observei que essa mesma senhora tinha acabado de acordar com a *cantoria* do reisado e, diferentemente do que ali presenciava, não só se levantou como também acolheu, contribuiu e quis percorrer algumas casas do seu bairro, seguindo o cortejo com o grupo, demonstrando certa satisfação de pertencimento. Percebo assim que o reisado, enquanto grupo, está à mercê das situações de interação advindas das casas. Não basta estar espiritualmente (dimensões da

⁵² Também há doação de cachaça. Sempre tem cachaça, o que preocupa e incomoda Dona Toinha.

⁵³ “Nem o do santo” é expressão reconhecida também fora do contexto do reisado. Significa o mínimo, o básico que se dispõe numa situação de escassez. E, no caso específico da *brincadeira* do reisado, é o mínimo que se pode contribuir. “Só a esmola do santo”: quando não se deseja que o reisado realize a dança (o ritual ou parte dele) com os *bichos* e *caretas*. No entendimento nativo, não oferecer “nem o do santo” configura-se atitude desrespeitosa com a visita sagrada e simbólica de Santos Reis.

fé) ou artisticamente (dimensões da *performance*) preparado para se apresentar. Ele depende da receptividade dos devotos para se fazer agir.

1.2.1 Simbologias do reisado

De maneira geral, os símbolos substituem ou sugerem algo que por eles é reconhecido. De acordo com Edmund Leach (1983, p. 139), “a maior parte do trabalho dos antropólogos sociais envolve a interpretação do comportamento simbólico”. Leach entende símbolos como objetos concretos que trazem em seu bojo significados abstratos. No universo do reisado, os símbolos são portadores do alegórico e das representações durante a realização do ritual e são trazidos à vista através de gestos, ações e *performances* dos *brincadores*. Atuam, dessa forma, como instrumentos de integração social que caracterizam o reconhecimento e a legitimação da *brincadeira*. Destaco, ainda, que alguns elementos são compreendidos para além de sua caracterização meramente instrumental e que representam semanticamente, dentro desse processo social dinâmico do ritual, uma unidade mínima de atuação. Aqui observei as relações dos símbolos com as decisões que envolvem pagamento, o objeto maior desta investigação. Nesse entendimento, é relevante comentar a simbologia da bandeira, do *beija-santo* e da máscara como objetos do Reisado do Mutirão que desempenham função ritualística central precisamente por serem dotados de valores e poderes extraordinários. Em outras palavras, essas representações simbólicas caracterizam relações de poder, intensificadas pela capacidade de identificação, reconhecimento, apropriação e legitimidade do evento.

Daniel Bitter (2008, p. 9), nos seus estudos sobre a Folia de Reis no Rio de Janeiro, adota os objetos materiais como ponto de partida para “observar o mundo dessas relações”. Enfatiza “o modo como eles estabelecem mediações entre domínios sociais e cosmológicos diversos, desencadeando transformações sociais e simbólicas”. Os símbolos do reisado podem ser percebidos “de *forma complementar*, estendendo-se ao plano das ações sociais e rituais” (BITTER, 2008, p. 10). Nesse contexto, considero a bandeira, a máscara e o *beija-santo* como símbolos que constituem, pois, uma ilusão necessária, ficção conveniente, para a construção de realidades instauradas no universo do Reisado do Mutirão. A bandeira, nesse caso, está para além do estandarte que ostenta as imagens dos santos padroeiros e em que também se “identifica uma associação de pessoas organizadas em seu entorno” (BITTER, 2008, p. 9).

A bandeira do Reisado do Mutirão, embora carregue toda essa legitimidade e reconhecimento que possa caracterizar a fé católica no ritual do reisado, é apresentada de

forma muito simples. Ela é confeccionada com tecido comum branco, onde está pintada em rosa claro a frase “BANDEIRA DE SANTO REIS”. Abaixo dessa inscrição e de mesma cor, há uma cruz pintada sobre a qual está colado um quadro com a imagem do santo. Não há destaques em bordados ou quaisquer adereços que se caracterizem como ricos ornamentos. Poucas fitas coloridas estão amarradas nos cantos inferiores do pano quadrado. A bandeira está segura por uma haste horizontal embainhada no quadrante superior do pano. Conduzida como estandarte, a bandeira é, desse modo, o suporte da imagem do santo (ver Fotografia 4). A imagem simboliza a presença de Santos Reis que nesse ponto pode ser tocado e visualizado pelos presentes. Portanto, através dessa experiência tátil a entidade é assim intimamente reverenciada. Nessas situações, como também observou Chaves (2014, p. 267), “o devoto sente a força do santo, recebendo dele diretamente bênçãos e proteção”.

Fotografia 4 – Bandeira



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Observei que a bandeira é o único objeto do ritual do reisado que é conduzido até os locais mais íntimos da casa. Se a apresentação for autorizada, a bandeira permanece dentro da casa até o término da dança, momento em que o dono ou a dona da residência recebe o convite para conduzir a bandeira até a próxima casa. Em não havendo alguém disponível para esta ação, a dona do reisado é quem a conduz.

No Reisado do Mutirão, a bandeira também é o anteparo que reserva o sigilo da negociação, o “valor” – mediação complementar e ambígua do valor financeiro com os

valores religiosos e morais, e assim dialogam em fronteiras tênues o sagrado e o profano, a obrigação e a devoção. Por trás do pano da bandeira o dono da casa negocia com Dona Toinha o pagamento “para o santo” e para a dança dos *bichos*, se for o caso. Simbolicamente também se negocia o que pode ser visto pelo espectador e o que não deve ser visto durante o ritual. Trata-se aqui, então, de uma representação de dois espaços que a bandeira simbolicamente separa: o da negociação do pagamento e o da espera dos *brincadores* e do público, que aguardam com expectativa a decisão.

Associada ao símbolo da bandeira coexiste o *beija-santo*, um gesto bastante representativo da crença e fé católica para o dono da casa. É através dessa atitude que ele demonstra sua adoração, sua devoção a Santos Reis e, ao mesmo tempo, aprova o acolhimento do reisado.

Beijar a bandeira é o momento de interação pessoal com o santo, interação que se dá pelo toque, pelo contato físico entre aquela pessoa e o santo. Nessa hora, do ponto de vista do devoto, o santo é percebido como uma presença real, uma força, diante de quem se reza, se pede e se agradece (CHAVES, 2014, p. 267).

É o momento de introspecção, uma prática silenciosa de quem repete mecanicamente ações e expressões já aprendidas. O devoto é tocado pela impressão de estar literalmente tocando o santo através da imagem fixada na bandeira. Simbolicamente, se torna mais intensa a proximidade com o sagrado. “Diante dele se reza, se pede e se canta e, na ausência dele, se come, se bebe e se dança” (CHAVES, 2014, p. 253).

Nas visitas às casas percorridas com o Reisado do Mutirão, observei que a pessoa da casa que recebe a bandeira é a primeira que faz reverência à imagem do santo, beijando-o com ar de respeito. Nessa parte da cerimônia, o gesto de beijar a imagem não obedeceu a uma sequência hierárquica, como descreve Chaves (2014, p. 267) a respeito da tradição do norte mineiro, onde “começa pelo homem, o dono da casa, seguido de sua esposa e, finalmente, os filhos solteiros, pela ordem de idade, do mais velho ao mais novo”.

No último dia do reisado, após a reza do terço, cantou-se a *cantiga do Reis* e houve um *beija-santo* diferenciado. Esse foi um momento em que o ritual de reverência pareceu ser mais demorado e mais individualizado diante do santo. Em frente à casa da Dona Toinha, um altar com o santo ficou à disposição dos devotos. Assim, o símbolo bandeira, que antes era estandarte para exibir o santo, agora serve como ornamento que envolve no altar a imagem dos Santos Reis. Um pano dobrado foi colocado no chão para o conforto dos devotos que, de

joelhos, um a um – *brincadores* e espectadores – faziam o “sinal da cruz” e beijavam o santo. Moedas e cédulas de pequeno valor foram esmoladas. Foi interessante ver que cada *careta* se ajoelhou individualmente para o *beija-santo* no altar e as máscaras que continuavam na cabeça mesmo quando não tinham função de máscaras, nesse momento, foram retiradas totalmente, uma forma de dizer que o espaço profano deu licença ao sagrado. Um detalhe acionado pelo simples gesto respeitoso de evitar a máscara.

O símbolo máscara no Reisado do Mutirão chama-se *mascara* (pronunciada como paroxítone) ou *careta*⁵⁴. Atua como objeto de ocultação da identidade do *brincador* ou de aproximação desse ator com outro ser que ele interpreta, ora rei, ora palhaço, ora poeta, ora profeta. A máscara no reisado é considerada como chave indispensável para o *careta* empreender sua *performance*. Ela está relacionada diretamente ao *careta*, que, como observou Bitter (2008, p. 10), é “marcadamente liminar, cômico e ambíguo, e sua máscara, de aparência grotesca, opera poderosas transformações”. No Reisado do Mutirão cada *careta* usa sua máscara acoplada a um boné, que facilmente pode ser acionado a mostrar o rosto do *brincador* ou escondê-lo de forma rápida e dinâmica (ver Fotografia 5). Odílio costuma subir sua máscara como uma viseira que sai do rosto e continua em cima da cabeça como se fosse um chapéu. Nisso percebi que não há grande distanciamento entre o estar mascarado ou estar sem máscara no Reisado do Mutirão. Ressalto esse ponto para refletir sobre a dinâmica de inversão dos papéis. Nesse ponto não há palavras, só gestos, movimentos e comportamento simbólico, que, de acordo com Leach (1983, p. 140), “não só ‘diz’ alguma coisa, como também desperta emoções e, conseqüentemente, ‘faz’ alguma coisa”. O uso da máscara, segundo o *careta* Chechéu me revelou, ainda pode disfarçar as lágrimas de um choro de emoção causado por algum momento do ritual. “Tá com a mascara aqui, mas tem hora que tá saindo água dos olho aqui”⁵⁵.

⁵⁴ Ressalto que, no Reisado do Mutirão, o termo “careta” tanto serve de sinônimo para “mascara” como nomeia o personagem que a utiliza.

⁵⁵ Entrevista concedida por João Bezerra Lima Filho (Chechéu) a Antonio Vagner Ribeiro Lima no dia 04/06/15, em Demerval Lobão (PI).

Fotografia 5 – Máscara do *careta* com boné acoplado

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Segundo Paulino (2008), as máscaras são recursos cênicos utilizados em diversas festividades populares brasileiras. Presente em muitas e importantes manifestações culturais e religiosas, como reisados de *caretas* de todo o nordeste, nas cavalcadas que acontecem na festa do Divino e também nas folias de reis, que ocorrem em boa parte do território nacional, a máscara permite ao “brincante” adotar práticas e a incorporar comportamentos diferentes do seu “eu” costumeiro, despindo-se de seu “eu” para adquirir uma “personificação” que a máscara o trará de acordo com cada evento a ser representado.

A máscara, de acordo com Bakhtin (1987, p. 37), carrega consigo um importante e complexo sentido nas manifestações populares, revelando com clareza a profunda essência do grotesco:

A máscara traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo; a máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos; a máscara encarna o princípio do jogo da vida, está baseada numa peculiar inter-relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas dos ritos e espetáculos.

Nesse sentido, a máscara tem o papel do anonimato e do segredo, além de revestir-se de transformações que traduzem a relação entre o real e o imaginário popular, conforme

destaca o autor com a expressão “inter-relação da realidade e da imagem”. Sendo assim, tomando esse significado da máscara neste estudo compartilho do pensamento de que uma pessoa se faz particularmente notável através daquilo que esconde. No caso do Reisado do Mutirão, em que o *careta* facilmente aciona sua máscara para mostrar ou esconder o rosto, a representação (GOFFMAN, 2009) construída, com o uso da linguagem e da máscara, ganha um caráter menos cínico e mais sincero, porque o *careta* acredita na impressão criada em sua atuação, levando o público a também acreditar, com e sem máscara.

O mascaramento, a ocultação, pode, pois, caracterizar um segundo mundo, vivido ao lado de um mundo que se revela através de outra identidade. O indivíduo comum se revela como “*careta*”, que, por meio da máscara e de vestimentas, procura manter uma ocultação ou incorpora outra identidade. Com adereços e materiais diversos, a máscara do *careta* possui *design* próprio, marcado pelas aberturas na área da boca, do nariz e dos olhos.

A confecção das vestimentas e a elaboração das máscaras no Reisado do Mutirão são marcadamente simples, sem grandes adornos que possam mesmo disfarçar a identidade de quem as veste. Isso pode relevar tanto a simplicidade com que se adornam e se caracterizam quanto também a intenção de não se ocultarem por trás da máscara. Para esse entendimento, vejo como importante dizer que em outros reisados que encontrei na região é comum deixarem a máscara e a vestimenta mais fixadas ao corpo e com menor identificação da pessoa que atua como *careta*. Ressalto que tanto a máscara quanto a vestimenta constroem caminhos de entendimento, de compreensão, do significado dessas representações. Torna-se importante observar a perspectiva estética, as técnicas usadas na produção dessas máscaras de relativa simplicidade, no Reisado do Mutirão, que muitas vezes se revelam em contraste com a compreensão de sua função, de seu papel na realização do evento, bem como traçando um itinerário contrário ao dos mitos⁵⁶ que narram sua origem.

As máscaras dos *caretas* e suas vestimentas cumprem a função simbólica de ocultação, ao mesmo tempo em que atraem os olhares para a figura encenada. Ressalto que a ocultação, o mistério por meio da máscara, não é um traço definido no caso do Reisado do Mutirão. Observei nesse reisado que o ato de mascarar-se, embora deva estar envolto nessa dinâmica de ocultar-se e revelar-se, por vezes não encobria os rostos dos brincantes e não os transformavam em figuras anônimas e temidas. Em outras palavras, as máscaras e as fantasias que lhes encobriam os corpos não possibilitavam o anonimato necessário para as relações que se estabeleciam no momento da *brincadeira*. E, nesse momento de troca, isso, muitas vezes,

⁵⁶ Muitos associam os *caretas* à figura do rei, só que, de forma irônica, um rei “vestido de palha”. A partir dessa ideia podemos até relacionar à etimologia de “palhaço”.

minimizava ou até destruía algumas amarras sociais, quando o brincante assumia uma outra posição dentro da estrutura social: a de ser *careta*.

1.2.2 Os *brincadores*

Aproprio-me do termo “*brincador*” para me referir ao grupo de participantes do Reisado do Mutirão, de maneira geral, independentemente da função desses na *brincadeira*. Esse é o termo usado pelos seus próprios integrantes, mas há outros que se faz necessário catalogar aqui porque estão diluídos neste trabalho, em seus lugares próprios. “*Brincador*” é uma expressão equivalente a “brincantes”, “palhaços” e “foliões”, encontrados na literatura antropológica sobre o tema, em estudos de outros grupos e localidades (PEREIRA, 2011; DINIZ, 2013; BITTER, 2008; BRANDÃO, 1985).

As figuras artefatos identificadas como Jaraguá, Boi e Burrinha, no caso do Mutirão, recebem denominações como *passarim*, *figura*, *brinquedo*, *personagem* e *bicho*. Em outros reisados da região, há também a “ema”, “cabeça de fogo”, “casal de velhos”, “caipora” e “piaba”. Embora todos sejam chamados de “passarim”, nem todos são aves, e o principal deles é o Boi. Os *caretas* são brincantes mascarados que cantam, dançam, sapateiam, brincam com a plateia e conduzem os *bichos*. No caso desse reisado os *caretas* também são os *cantadores*. Os *tocadores* são três músicos: sanfoneiro, pandeirista e triangueiro. A “porta-bandeira”, função de Dona Toinha, conduz o estandarte com a imagem dos Santos Reis às casas visitadas.

Para ser *brincador*, constatei, são necessários alguns requisitos. Primeiramente, é preciso querer, e, para ser aceito, há que se ter empatia com o grupo e algum conhecimento da função que desempenhará. O parentesco também é um critério relevante, pois quem é da família já está ciente das técnicas de trabalho do reisado, uma vez que tem convivência com esses rituais, e tem a tarefa de continuidade da festa. Nesse tocante, me chamou a atenção a grande satisfação do brincante com sua participação no reisado. Arrisco dizer que essa alegria se traduz pelo pertencimento ao grupo, tendo por certo que “conquistar a saia do *careta*” é uma construção, pois lhe atribui certa notoriedade e compromisso com o trabalho.

No reisado de Dona Toinha e seu Chico Porva, os *brincadores* têm uma relativa liberdade para repassar nas músicas, loas e outras ações e interações com o público os valores culturais não somente relativos à religião, mas também a sua cultura leiga e regional. Esses *brincadores* são atores, editam personagens redefinindo seus papéis sociais na conjuntura da família e da *brincadeira*. Eles dividem os espaços, a concidadania, as relações de parentesco, reforçam alianças de compadrio e as amizades, em um vai e vem do tempo das práticas

tradicionais, sistemas de reciprocidades e das transformações da atualidade. Chico Porva, Dona Toinha, Odílio, Chikin, Chechéu, Chico Constâncio, Macambira, Manuel Beira-Rio, Dodô, Gol, Danilson, Chico Moraes e Leidiane experimentam margens de trânsito e convivência liminar atreladas às festas e às rezas desse reisado.

Apresento uma leitura não só da composição social enquanto brincantes do Reisado do Mutirão, como também do traço social individual desses sujeitos que dão pistas mais seguras de que o nível de entendimento cultural coletivo impresso nas condições de liminaridade enseja significados diferenciados ou, de outro modo, relativamente homogêneos no tocante aos caracteres grupais, e, em contrapartida, forneçam caminhos mais firmes no entendimento de variantes mesclas de profano e sagrado nas ações que envolvem o pagamento. A cidade pequena, os contornos rurais, os valores morais, o parentesco e a tradição contribuem para a forma com que esses sujeitos protagonizam a interseção dos planos religioso e material nas relações simbólicas de troca. Por outro lado, não menos importante é descrever as impressões desses atores sobre suas vidas e suas relações com o reisado.

A princípio, o vínculo familiar foi o componente que mais chamou a atenção. Veja-se no Quadro 1 abaixo um apanhado dessas relações:

Quadro 1 – Atores sociais e funções no Reisado do Mutirão (ciclo natalino 2015/2016)

Ator Social	Função	Relação com Dona Toinha
Odílio	<i>Careta, cantador</i>	Irmão
Chikin	<i>Careta, cantador</i>	Filho
Chechéu	<i>Careta, cantador</i>	Primo
Chico Constâncio ⁵⁷	Sanfoneiro	Amigo
Macambira	Triangueiro	Vizinho
Manuel Beira-Rio	Pandeirista	Amigo
Dodô	<i>Brincador do Boi</i>	Neto
Danilson	<i>Brincador da burra</i>	Vizinho
Gol	<i>Brincador do Jaraguá</i>	Vizinho
Dona Toinha	Porta bandeira	ego
Chico Porva	Vigiar a casa	Marido
Chico Moraes ⁵⁸	Ajudante	Amigo
Leidiane	Ajudante	Nora
Ana Beatriz	Acompanhar a mãe	Neta

Fonte: Elaborado pelo autor.

⁵⁷ Chico Constâncio substituiu o sanfoneiro João Erundino, que tocou durante 14 anos seguidos no Reisado do Mutirão.

⁵⁸ Chico Moraes colaborou com a peregrinação do Reisado do Mutirão no ciclo 2015/2016 na comunidade Chapadinha Sul, onde morava e tinha boa articulação com os moradores do povoado. No ciclo 2016/2017 ele adoeceu, e faleceu em maio de 2017.

Como se observa, o grupo tem feição familiar, de onde partem as crenças e os saberes compartilhados. Existe uma hierarquização de funções mais ou menos definidas, do ponto de vista do conhecimento das tradições. Há uma lógica em pensar que Dona Toinha, não só pela idade, mas também pela convivência familiar acostuada a essa tradição com a equipe tem um papel majoritário sobre os demais em termos de responsabilidade e comprometimento. Odílio, também pelo conhecimento adquirido pela descendência e experiência familiar, exerce um papel preponderante entre os demais *caretas*. Chico Porva é marido de Dona Toinha, que é irmã de Odílio, prima de Chechéu, mãe do Chikin, sogra de Leidiane e avó de Dodô (ver Quadro 2, abaixo). Chico Constâncio, Macambira, Manuel Beira-Rio, Gol, Danilson e Chico Moraes são gente “de casa”, ou seja, as relações são tão íntimas que se pode dizer que formam uma família pela convivência.

Quadro 2 – Atores sociais e funções no Reisado do Mutirão (ciclo natalino 2016/2017)

Ator Social	Função	Relação com Dona Toinha
Odílio	<i>Careta, cantador</i>	Irmão
Chikin	<i>Careta, cantador</i>	Filho
Chechéu	<i>Careta, cantador</i>	Primo
Lorim ⁵⁹	Sanfoneiro	Vizinho
Macambira	Triangueiro	Vizinho
Manuel Beira-Rio	Pandeirista	Amigo
Dodô	<i>Brincador do Boi</i>	Neto
Luquinha ⁶⁰	<i>Brincador da burra</i>	Vizinho
Gol	<i>Brincador do Jaraguá</i>	Vizinho
Dona Toinha	Porta bandeira	ego
Chico Porva	Vigiar a casa / guardar material	Marido
Leidiane	Ajudante	Nora
Ana Beatriz	Acompanhar a mãe	Neta

Fonte: Elaborado pelo autor.

Prefiro iniciar os comentários sobre cada um desses figurantes, dispostos no quadro acima, pelo casal Dona Toinha e Chico Porva, pois, diante das transformações sofridas pelo reisado, tanto das pessoas quanto da região, são eles os responsáveis pela continuidade e pela resistência da história do Reisado do Mutirão. A família de Dona Toinha tem a sua existência amalgamada pelo reisado desde que o senhor José Mariano, seu pai, deu início a ele. Dona Toinha é *promesseira* de Santos Reis, razão pela qual se comprometeu com as jornadas do reisado; é quem tem maior responsabilidade com as tarefas do grupo, inclusive decide o

⁵⁹ Lorim foi readmitido ao grupo para ser o sanfoneiro do ciclo natalino 2016/2017.

⁶⁰ Em 2017, Luquinha assumiu a vaga deixada por Danilson para dançar na Burrinha.

trajeto dos cortejos, ajuda na confecção dos *bichos*, recrutamento de *brincadores*, contato e contrato informal com os *tocadores* (sanfona, triângulo e pandeiro), logística de transporte do grupo, contabilidade de valores arrecadados, coordenação dos pagamentos do *santo*, dos *brincadores* e *tocadores*. É quase sempre Dona Toinha que estende a bandeira de Santos Reis na porta das casas durante a peregrinação do reisado.

Chico Porva representa papéis alternados nessa ambiência. É esposo de Dona Toinha e sua função é ficar em casa para proteção: vigiar galinhas e porcos contra furtos enquanto a peregrinação sai nas casas. O único dia em que seu Chico sai com o grupo é na procissão de encerramento. Como o trajeto dessa saída é pequeno e já definido, entendo que o guardião da casa não se sente abandonando seu posto, uma vez que a procissão não se distancia muito. É ele, junto com Chikin, quem confecciona os *bichos*. Seu Chico também tece redes de tira de pano para vender⁶¹. Ainda tem a habilidade de tecer e consertar tarrafas, redes de engancho para pescar peixes no rio. Na beira do rio ele mantém ancorada uma canoa que usa nas pescarias⁶². Seu Chico preenche boa parte de seu dia com atividades da labuta rural.

Dona Toinha e Chico Porva têm oito filhos, mas, de acordo com informações de Chikim, apenas este e o irmão Mauro dançam no reisado.

*“Antes nenhum de nós quase num brincava, só brincava eu porque sempre gostei, mas os menores, nenhum brincava, só eu e o Mauro, sempre brincamo. Mas depois o Mauro já deixou, aí só eu... Mas nós dependia dos outro, dos amigos que moram vizinho.”*⁶³

Chikin é *careta* e parte importante do grupo. É ele quem mais se identifica com a possível tarefa de continuidade da equipe por ser o parente em grau mais próximo dos donos do reisado. A partir desse vínculo familiar, Chikin assume, ao lado da mãe, responsabilidades importantes para o Reisado do Mutirão, como agendamento de apresentações, contato com *brincadores*, planejamento das peregrinações, dentre outras atividades. Fica evidente sua forte motivação em participar desse reisado, como podemos notar em sua própria fala:

“Gosto demais, num deixo não, deixo no dia que... mas enquanto eu guentar, se chamar, nem que eu não brinque direto, minha mãe chegar parar e não tirar, mas

⁶¹ Com relação às redes de tira de pano que seu Chico tece, Dona Toinha é responsável por enrolar os punhos e por vender. A venda é feita em casa mesmo.

⁶² Enganchos, “inganchos” no falar desse povo, são redes de pescaria armadas no rio, fixados na vertical para formar barreira na captura de peixes que ficam presos nas malhas das redes. Conheci no Ceará o mesmo utensílio de pesca com o nome de “galão”.

⁶³ Entrevista concedida por Francisco Martinho de Sousa Filho (Chikin) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, no dia 04/06/2015, em Demerval Lobão (PI).

se chamar ‘rapá, rumbora dar uma brincadinha aqui no reisado...’ [...] Assim, pra mim, eu, pra mim tá bom demais, o cantador é o meu tio que é o Odílio, é ele que, quando ele começa na primeira casa, ali nós já entra mermo a pisada valendo, na primeira noite é de passar por cima de tudo.”⁶⁴

As palavras de Chikin verbalizam claramente seu pertencimento e o sentimento de família contido no Reisado do Mutirão. Isso está evidenciado quando cita “minha mãe” e “meu tio Odílio” como razão primeira de atender ao chamado para brincar, o que remete à ideia de “casa”, de tradição familiar, uma forma de obrigar-se a continuar com a “promessa”, que já não precisa mais ser pensada, mas cumprida. É relação de devoção e de penitência, que faz bem, que dá prazer e está presente entre os brincantes.

Chikin é um brincante animador que articula a contento suas relações familiares com as atividades do reisado. Das muitas histórias que ouvi de Chikin, volto minha atenção para aquelas que se relacionam diretamente com o reisado. Pode-se dizer que ele é orientador dos irmãos, embora não seja o mais velho. Encaminhou vários irmãos na vida profissional. Atualmente tem o Mauro como companheiro de trabalho.

Mauro não está mais como *brincador* fixo do reisado porque acompanha sua esposa em uma igreja de confissão religiosa não católica, o que conflita com a tradição do reisado. Sempre que questionei sobre por que Mauro não estava brincando, ouvi a explicação de que “a religião da esposa não permite que ele participe”. Quando atuava, Mauro era *dançador* do Boi, pandeirista, *cantador* e mostrava ser bom conhecedor do ritual do reisado. Devo dizer que mesmo não sendo mais *careta*, ele tocou e cantou em um dia da festa. Também tocou pandeiro na apresentação cultural na Escola Municipal Filomena Mendes Ribeiro⁶⁵, durante o dia. Não consegui entrevistar Mauro, porque ele se esquivou em várias tentativas minhas. Nossas conversas aconteceram sempre em momentos coletivos e o que capturei de seu posicionamento com relação ao dançar reisado foi a ambígua reação de estar presente e o não poder se expor como pertencente à *brincadeira*. Mauro figura assim como um *brincador* latente no Reisado do Mutirão.

Nos dois ciclos natalinos (2015/2016 e 2016/2017) de minha investigação, o Reisado do Mutirão contou efetivamente com três *caretas* (Odílio, Chikin e Chechéu) como membros

⁶⁴ Entrevista concedida por Francisco Martinho de Sousa Filho (Chikin) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, no dia 04/06/2015, em Demerval Lobão (PI).

⁶⁵ A apresentação na referida escola aconteceu no sábado, dia 26/08/2017, por ocasião da semana do folclore. A escola pagou o valor de 200 reais, valor que Chikin repartiu na cozinha de Dona Toinha. Ele passou em torno de 20 reais para cada brincador.

fixos, sendo que mais *caretas* puderam participar, tanto para descansar um ou outro como para arrecadar algum trocado no *jogar do lenço*.⁶⁶

Odílio Bezerra Lima é reconhecido entre os *brincadores* e devotos como mestre, considerado por isso, conforme observou Bitter (2008, p. 37) nas folias cariocas, aquele que tem “o papel mais elevado, pois é quem detém o conhecimento necessário para conduzir as ações do grupo”. Algumas partes do ritual, sobretudo aquelas que ocorrem menos frequentemente, a morte e repartição do Boi, por exemplo, só são realizadas por ele. Segundo Odílio me relatou, ele começou com seu pai, José Mariano, que também foi *careta*, embora tenha aprendido muita coisa sozinho ao observar outros grupos de reisado na sua época de infância. No último período de minha pesquisa, no início de 2017, ele estava com 68 anos.

Desse mestre foi recorrente ouvir as expressões: “antigamente era diferente”, “a gente cantava na saída e na chegada em casa”. Odílio faz sempre algumas ponderações nos comentários, mesmo que não seja insistente, pois concorda com certas adaptações no ritual do reisado. Uma carona de carro, por exemplo, alivia o cansaço, além de outros elementos logísticos que, de fato, facilitam a mobilidade, preservação da voz e aproveitamento melhor do tempo que o grupo dispõe. A propósito ainda dessas inovações, identifiquei também adaptação no horário de encerramento da peregrinação nas casas: atualmente, muitos *brincadores* do reisado precisam terminar suas funções mais cedo porque trabalham na manhã seguinte e têm horários a cumprir. A maioria trabalha em Teresina.

Chechéu, o *careta* mais novo do grupo, foi registrado com o nome de João Bezerra Lima Filho. É primo de Dona Toinha e por ela é tratado como se fosse mais um de seus filhos. Seu parentesco e a ligação com o reisado implicam forte sentimento de pertencimento, mas, na verdade, esse componente consanguíneo não é tão importante, uma vez que aqui se procura entender o parentesco culturalmente como ele é concebido por esses sujeitos: uma relação social de consideração.

Cícero Francisco de Sousa, o Dodô, *brinca* no Boi e é neto de Dona Toinha. “Eu e o ti Mauro vamos lá no [sanfoneiro João] Erundino. Ele chama a gente [...]”, diz Dodô. Nessa fala, ele me faz entender que o tio dele influencia em sua participação na *brincadeira* e ainda que somente a esposa de Mauro seja crente, este não, porque participa de vez em quando do reisado, mesmo sem compromisso.

Leidiane acompanha o marido Chikin na contextura do reisado. Sua participação nas andanças, de acordo com o que presenciei, estava em auxiliar sua sogra, Dona Toinha, na

⁶⁶ Expliquei o sentido de “*jogar o lenço*” no item Dinâmica do ritual (1.2), no primeiro capítulo deste estudo.

contabilidade do apurado. É interessante pensar sobre sua presença no grupo como alguém que está lá primeiramente porque está cumprindo e repassando a tradição familiar do reisado, ao se envolver nessa atividade que agrega valor social à família como um todo, e não menos importante é refletir também sobre a confiança da sogra em sua tarefa de ajudar na administração financeira durante a peregrinação.

Ana Beatriz não é brincante oficial, mas está presente em praticamente todas as atividades do reisado. Filha de Leidiane e Chikin, é uma criança de 5 anos que se mostra muito afeita à *brincadeira* de Reis. A pouca e diferente idade em relação aos outros participantes denotam o caráter democrático da *brincadeira* e o respeito e valor pela questão familiar no grupo. Por ser neta de Dona Toinha, gostar de reisado e estar sempre presente, mostra-se futura aspirante a se efetivar na *brincadeira*, inclusive até garantir sua continuidade.

Chico Constâncio é sanfoneiro dos bons e participou do ciclo 2015/2016 do Reisado do Mutirão. Ele já havia participado durante vários anos de outro grupo de reisado. Isso reflete o laço um tanto mais tênue de identificação do tocador com o grupo. No geral, ele adentra na equipe mais pela via de contratação, embora deva ser observado o critério da sintonia com o trabalho. É, portanto, uma relação entre componentes que envolve mais a questão financeira. Por conseguinte, esse é um elemento caracterizador também da relação de outros brincantes *tocadores* desse reisado como o Lorim, Macambira e Manuel Beira-Rio.

Lorim é o atual sanfoneiro do grupo. No ano de 2015, ele foi substituído pelo sanfoneiro Chico Constâncio, devido a desentendimentos financeiros com os donos do reisado. Foi readmitido no ciclo 2016/2017. A dificuldade de encontrar músicos disponíveis na época de reisado pode ser um dos motivos de Dona Toinha aceitá-lo de volta. Percebi que alianças são formadas na convivência desses sujeitos e esses códigos de conduta podem ser rompidos e reavaliados de acordo com as necessidades. Esse não é um caso isolado que encontrei no Reisado do Mutirão. O pandeirista Manuel Beira-Rio também teria sido dispensado do grupo por causar contendas com um outro integrante. O caso teve repercussão negativa em relação às regras de convivência e confiança da equipe e sua permanência foi mantida pelos mesmos motivos de carência de músicos nessa função.

Macambira toca triângulo, é comunicativo e consegue motivar o grupo a apresentar-se com descontração. Mostrou-se capaz de assumir diversas funções como *brincador* do reisado. Acompanhei atuações suas como *dançador* do Boi, participação nas loas dos *caretas* e interações diversificadas com o público e com o grupo. Teve alguns episódios de desavença devido ao uso de bebida alcoólica e atraso nos horários das apresentações. Isso gerou

preocupações para Dona Toinha, sendo que um membro pode colocar em cheque o desempenho da *performance* do grupo como um todo.

Chico Moraes, falecido no último ano de nossa pesquisa (2017), era amigo de Dona Toinha e a auxiliava na definição e trajeto a ser percorrido pelo Reisado do Mutirão na zona rural, especialmente onde morava, na Chapadinha Sul. Ele contribuía com sugestões das casas a serem visitadas, espaço para guardar os bichos, a disponibilização da capela em sua residência para a noite de louvação do santo e, com a ajuda da esposa, servia comida para todos os *brincadores*.

Entre os *brincadores* identifiquei ainda o Gol como *miolo* da Burrinha e Danilson como intérprete do Jaraguá. Eles vestem as fantasias mais elaboradas da *brincadeira*, além do Boi. “Miolo” é a parte interna de um todo. No Reisado do Mutirão identifiquei-o como sendo a função do brincador que dança dentro do bicho artefato, seja do Boi, da Burrinha ou do Jaraguá.

Os *brincadores* são os responsáveis diretos pela *performance* do Reisado do Mutirão. Ao vivenciarem situação de liminaridade, suas atuações são potencializadas tanto na profundidade do que é sagrado quanto na expansividade do que é profano. Esse processo ritual é pensado por Turner (2013) como possibilidade de mudança irreversível nas ações individuais necessárias para que a prática coletiva continue a mesma, pois os *brincadores* se lançam nesse estado de trânsito não somente para sair do cotidiano, mas para lograr uma volta mais fortalecida e melhor.

As sensações de passagem da peregrinação (*tirar reis*) misturam o cansaço das caminhadas com a catarse da experiência religiosa, com a força espiritual da fé relacionada com a promessa em contraponto com as investidas nas casas que não estão dispostas a receber o grupo. A vocação errante da romaria do reisado promove nos *brincadores* uma dinâmica que envolve incerteza, superação, resistência e fé.

Em termos práticos, as atividades desempenhadas no ritual objetivam apresentar músicas que sejam cantadas com afinação, segurança rítmica e animação; versos da *cantiga do Reis* que tenham mensagem atraente e influenciem na acolhida do reisado nas casas; sapateado e loas dos *caretas* que causem empolgação na *brincadeira*; dança dos *bichos* que demonstrem beleza nos movimentos; e, assim, que o grupo seja reconhecido como bonito e organizado. É evidente que as características de um reisado alegre influenciam diretamente na procura e aceitação da *brincadeira* em peregrinação. Esses elementos de ações rituais bem articulados no reisado vão fazer valer o que primeiro me chamou atenção nessa investigação: satisfação nas negociações de pagamento da promessa (a obrigação com o *santo*) e na

manutenção da *brincadeira* (a diversão dos *brincadores*). O público formado por espectadores e moradores assume função de financiador e avaliador do desempenho do reisado. É certo que a boa apresentação do grupo, considerando o conjunto de atividades realizadas por devotos e *brincadores*, torna-se garantia para que o Reisado do Mutirão tenha condições de continuar com sua tradição.

1.2.3 O que diz a *cantoria*

No ciclo ritual do reisado, a *cantoria*⁶⁷, o recitar de versos humorísticos e/ou agonísticos, as estrofes de vaquejada, as danças e as músicas dão o tom da festa. E nesse quesito há muitas especificidades, e essas formatações variadas estão significativamente relacionadas aos valores atribuídos a cada fase da cerimônia pelos integrantes do grupo. O ato de *tirar Reis* não se guia apenas pelo desejo de honrar uma promessa ou uma declarada convicção religiosa. Tem em conta também as relações com os devotos que acompanham o ritual, que o ouvem, assistem, recebem e que pagam por ele. E embora ele tenha em sua dinâmica ainda uma repetição de formas fixas, uma vez que é herança cultural e mantém-se como uma tradição, as mudanças do tempo e das pessoas fazem alterar também as necessidades e as ações. Essa transição do velho ao novo vai sofrendo adaptações e, como aponta Segalen (2002, p. 40-41), as modificações integram cerimônias pagãs no calendário cristão, “como o ciclo da primavera se integrou ao ciclo da Quaresma e da Páscoa, o ciclo do verão ao de São João e o ciclo do inverno aos 12 dias que vão do Natal ao dia de Reis”.

Esses significados que ali se atualizam devem guardar uma lógica entre os elementos da *brincadeira* e as intenções da festa, ou seja, o que é sagrado e o que é profano têm sua conveniência naquilo que se diz e que se faz. Repleto de características ambíguas (TURNER, 2013), o próprio *brincador* significa nas suas ações os limites desse binômio que é simbolicamente mediado pela fala, gestos e movimentos presentes no Reisado do Mutirão. Há, nesses sentidos, uma organização das apresentações, embora os *brincadores* não passem por um ensaio oficial de suas *performances*. A extensão da *cantoria* pode sofrer mudanças a cada apresentação, de acordo com o tempo de dança. Dependendo da contrapartida, ou seja, do acolhimento e do pagamento da apresentação, uma *cantiga* pode ser reduzida na sua quantidade de estrofes para se adequar ao tempo e à condição do lugar. Então, “cantar o Reis” segue uma sequência ritual como parte das formalidades da festa, mas pode convenientemente

⁶⁷ Expliquei o sentido de “cantoria” para este estudo na seção Dinâmica do ritual (1.2).

ser editada para atender às necessidades do grupo. Como sugere Segalen (2002, p. 40), “se o ritual dá a impressão de que os fatos são repetitivos e até mesmo de que o cerimonial não progride, é para facilitar o ‘drama social’ que se representa”. A conformação desses fluxos se estabelece simbolicamente quando as ações fazem sentido para os participantes do ritual.

O repertório do conteúdo das *cantigas* segue uma conveniência das ações, sem a qual não há um convencimento das tarefas que o grupo propõe a si e ao demais devotos. O santo está presentificado dentro do ritual já através da primeira música, que aqui se chama *Cantiga de Reis*. “É um momento em que as presenças do santo, do morador e dos foliões são anunciadas, nomeadas” (CHAVES, 2014, p. 264).

Quando a *cantiga* diz “Santo Reis chegou agora”, se refere à presença do santo, ali materializada de várias formas na cerimônia. Os versos “Senhorô dono da casa / Saia na porta da rua” evidenciam que os foliões estão presentes em uma casa, que existe a presença de um dono e que ele é chamado a participar da cerimônia; e os versos “A esmola de Santo Reis / Os *careta* vêi buscar”, que o folião é nomeado *careta* e que está ali como enviado do santo.

No dizer de Austin (1962), a *cantiga* é um “enunciado performativo” (performative utterance), ou melhor, enseja possibilidades de ora se dizer do, pelo e para o santo, para isso se utilizando de recursos comunicativos nas dimensões poéticas e sonoras, especialmente trabalhadas e assentadas em determinados padrões linguísticos e de ritmo. Em cada quesito, de fala e de som, as *performances* vão sendo direcionadas aos momentos particulares de enunciação, uma chegada, uma saída, uma despedida, um dado momento do ritual. Chamo a atenção para o exemplo a seguir:

“*Eu cheguei na sua porta
Pus o pé no seu batente
Senhorô dono da casa
Me diga se está doente*”.⁶⁸

As ações empreendidas pelo canto do *careta*, no exemplo da estrofe acima, dão conta de comunicar *pari passu* o processo ritual da *cantiga do Reis* no Reisado do Mutirão. A eficácia da linguagem orienta o *cantador* a escolher a ordem e a sequência de acordo com o conteúdo e com o sentido dos versos. Percebi que o *careta puxador*⁶⁹ tem o comando da ação ritual que se configura, dessa forma, em “dizer é fazer”.

⁶⁸ Trecho da *cantiga do Reis* cantado pelo *careta* Odílio, nas peregrinações do Reisado do Mutirão.

⁶⁹ “Puxador” é o mesmo que solista em música. No caso do Reisado do Mutirão esta função é protagonizada pelo *careta* Odílio. O momento da *cantiga do Reis* é um bom exemplo para perceber essa distinção. A cada dois versos que o “puxador” canta, um coro formado pelos outros *caretas* e espectadores presentes responde cantando a repetição do segundo verso, como se fosse simbolicamente “puxado” pelo *cantador*.

No verso “me diga se está doente” o *cantador* possibilita, embora em curto espaço de tempo, interação dentro do ritual, uma vez que poderá encerrar mais rápido a *cantoria* se for comunicado que tem alguém doente naquela casa. No caso de uma resposta afirmativa, percebi que ela poderá gerar, pelo menos, dois entendimentos: o *careta* trata de encerrar logo o canto para não se tornar incômodo ao repouso do doente em recuperação, visto que o ambiente não se apresenta propício para festividade, já que o *reisado* implica comemoração. O outro entendimento é que alguém da casa receba o *reisado* pelo menos com o pagamento do santo e realize o *beija-santo*, condição que permite conduzir a bandeira até o quarto da pessoa doente como parte do ritual que se relaciona com cura, bênção e proteção, eficácias simbólicas promovidas pelo contato direto com o santo presentificado na bandeira. Destaco que, de todas as partes da *performance* do ritual do *Reisado do Mutirão*, a *cantiga do Reis* é a que mais possibilita dinâmica de variação dos conteúdos presentes no canto.

Nesses aspectos, Chaves (2014) aponta para três dimensões do canto: como se canta, o que se canta e o que se faz com o que se canta. Nelas, trabalha a construção da presença do santo, a articulação com as relações sociais e com os valores culturais no *reisado*. Ressalto que são ações reais, mas vivenciando um ato de ficcionalidade, que busca os efeitos nos afetos. O *Reisado do Mutirão* remonta ao percurso realizado pelos magos; que peregrinam em alusão à jornada dos personagens bíblicos que levavam a Boa-Nova, a notícia do nascimento do Menino Rei; que fazem a visita às casas como analogia à visita dos reis à manjedoura onde o pequeno Jesus se encontrava. O *Reisado do Mutirão* configura-se, portanto, em um universo conceitual, que é evidenciado e fruído através das imagens associadas, pois é representação e linguagem e não a própria coisa representada. Como pontua Leach (1983, p. 148), “não precisamos conhecer a origem de um fragmento de simbolismo ritual para a compreensão de seu significado presente”. Nas palavras da *rezadeira* Dona Ana, moradora do bairro *Mutirão* e devota de Santos Reis,

*“A brincadeira já ficou do começo. Não com esse horror de coisa, mas que o povo dizia que mesmo o reisado era só os três careta, que era pra ser só os três careta, que eles faz de conta que é os três reis magos que eles botam lá e só os três careta e o tocador e o cantador. [E como é que surgiu o Boi, a Burrinha, de onde é que vem?] Aí surgiram essas coisas pra fazer mais movimento⁷⁰ porque assim... igual uma dança folclórica [Pra animar mais, né?] É [risos]”.*⁷¹

⁷⁰ A expressão “fazer movimento” é entendida no sentido de produzir uma festa, de animação, de promover atrações pensadas como cultura.

⁷¹ Entrevista concedida por Ana Iva dos Prazeres (Dona Ana) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), no dia 25/05/2017.

Dona Ana associa as imagens dos *caretas* como essenciais pela representatividade dos três reis magos em visita ao Menino Deus. Nisso chamo a atenção para as variações performáticas que pode apresentar o reisado, a partir do significado subjetivado nas pessoas que realizam essa prática. A caracterização de ações rituais mais profanas ou mais sagradas podem ser identificadas nessa mediação de subjetividades que consegue costurar o indivíduo em relação com o coletivo (MAUSS, 2003), de modo que as configurações construídas no ritual do reisado não são individuais nem coletivas, mas produtos das relações simbólicas. São práticas e ações sociais que possuem um significado, por isso são eficazes.

De acordo com Austin (1990), a linguagem pode ser entendida como ação, algo que age na realidade, que constitui o que pensa ser real, atuando mais do que uma simples representação que corresponde à realidade. Numa perspectiva mais simbólica, a *cantoria* presente no Reisado do Mutirão pode ser entendida como um reviver ritualizado em que cada cena cumpre uma ação condizente com os seus sentidos, que transcendem o plano material de reprodução, de forma tal que o visível faça entender o invisível. É uma busca pela verossimilhança dos atos, ou seja, uma verdade ficcional, construída como possibilidade de existir. Penso aqui nos recursos de linguagem que na Idade Média já se utilizava, no uso das imagens dos templos católicos para narrar fatos que a linguagem escrita não dava conta, devido ao grande número de fiéis não alfabetizados. Na tradição de Reis, considerada herança do catolicismo medieval, hoje se têm as cenas e as *cantigas* descritivas que, de certa forma, assumem a função de narrar o que não está escrito. O reisado parece bem caracterizar o dialético *credo ut intelligam* atribuído a Santo Agostinho: é preciso crer para entender.

Ao se depararem com esses signos representativos, os devotos revisitam antigas memórias, atualizam conhecimentos, comprovam crenças, testam seus valores. Nisso, é imprescindível a eloquência das vozes que ecoam nesse cenário, que deve ser capaz de traduzir no “espetáculo” as acepções e intenções por eles veladas. Por exemplo, ao entoarem a *cantiga* de Reis, na chegada, os *caretas* expõem em várias estrofes a cosmologia da *brincadeira* relacionada com ensinamentos tradicionais, geralmente adaptados das histórias bíblicas ou sabedoria popular:

*“Quando Deus andou no mundo
Disse pra São Pedro assim
Quem não quer pobre na porta
Também não quereis a mim”.*⁷²

⁷² Estrofe da cantiga de Reis do Reisado Mutirão. Áudio captado e transcrito por Antonio Vagner Ribeiro Lima, no dia 02/01/2016, em Demerval Lobão (PI).

A polissemia dos versos da *cantiga do Reis* acima carrega como enredo principal o nascimento de Cristo, somado a outras interpretações: a humildade, a caridade, a fé. A pobreza de que fala o texto é no sentido de se dar um valor menor às coisas materiais em função de investimento maior em aspectos espirituais. Chegar essa virtude da humildade à porta de alguém é dar-lhe a oportunidade de através de um gesto caridoso testificar nesse ser sua cristandade. Em um plano mais local e prático da pronúncia do texto, a fala pode querer sensibilizar o dono da casa quanto a sua benevolência em abrir a “porta” para a apresentação do reisado, o ritual que representa o “pobre” Menino. Semelhante aposto também podemos notar na *cantiga do Reis*, em outros versos de chegada:

“*Senhora dona da casa
Saia na porta da rua
Venha ver o Santo Reis
Que anda em procura sua*”.⁷³

Na estrofe acima, observo o apelo mais imperativo de convencer a dona da casa a abrir a porta. Os versos “Saia na porta da rua” e “Que anda em procura sua” colocam o devoto como que personalizado em sua relação com o santo, reclama uma atitude pessoal de chamamento dos Santos Reis. Esse reclame sela uma troca que deve ser paga com o acolhimento da *brincadeira*.

São, em geral, essas *cantigas* de entrada que acordam o dono da casa, que o saúdam e que ficam no imaginário das pessoas. Lembrar de reisado, para muitas pessoas, é lembrar dessas manifestações em sua memória representativa. E, para algumas, mais do que o reconhecimento do significado religioso da festa, é um reencontro, através das boas lembranças, com os momentos do passado, igualmente como fazemos ao ouvir uma música. As cantigas acionam a memória afetiva de quem as guarda, mesmo inconscientemente, como lembrança.

Uma vez que a *cantiga do Reis* pode ser encurtada ou alongada para atender a uma situação local do dono da casa, faz-se necessário um sinal para indicar o corte do texto completo, editado segundo o acordo de apresentação e de pagamento. As estrofes seguintes exemplificam tais circunstâncias:

“*Tirei o botão do cravo
Botei no pé da roseira*”

⁷³ Estrofe da cantiga de Reis do Reisado Mutirão. Áudio captado e transcrito por Antonio Vagner Ribeiro Lima, no dia 02/01/2016, em Demerval Lobão (PI).

*Essa é por despedida
Da porta tira a bandeira*.⁷⁴

Nessa estrofe identifica-se uma espécie de código pré-estabelecido que indica encerramento daquela apresentação da *cantiga do Reis*. Depois de uma sequência de estrofes cantadas, quando se ouve o *puxador* cantar “botei no pé da roseira”, o verso funciona como sinal em que todos os participantes do ritual já sabem que vai acabar aquela parte da *cantoria*, percepção indicada pela rima esperada “da porta tira a bandeira”.

Os instrumentistas participam do Reisado do Mutirão com suas funções específicas: Chico Constâncio⁷⁵ é sanfoneiro, Macambira toca triângulo e Manuel Beira-Rio toca pandeiro. Desses instrumentos, a sanfona figura como principal instrumento, e é comum ouvir os brincantes dizerem que é difícil encontrar sanfoneiro para tocar no reisado. Depreendo daí que o músico é comprometido com o grupo tanto pelo contrato material de trabalho quanto pela identificação religiosa com a festa, pois se sanfoneiro bom é difícil de encontrar, quanto mais que tenha o reisado como valor e crença. Segundo relatos de *tocadores* brincantes, um ou outro músico *tira* festa, ou seja, são contratados para se apresentar em outros locais e situações diferentes do reisado. É o caso de Chico Constâncio.

Caddah (2014, p. 126), ao analisar a prática musical de um reisado teresinense, informa que música e dança não se separam na atuação do reisado.

No caso específico do reisado Boi Estrela, dança e música fazem parte de um mesmo processo performático, que se dá em tempo real. Ainda que para os brincantes do reisado os executores sejam diferenciados pelas funções de dançar ou de tocar – *tocadores* e *cantadores* cuidam da música, *dançadores* e *caretas* são responsáveis pela dança – sons e movimentos estão juntos na evolução de cada apresentação. O baião dos *caretas*, a dança da piaba, a dança da burrinha, a toada do Jaraguá e a toada do Boi (ou simplesmente o nome de cada um dos personagens: *careta*, *burrinha*, *piaba*, *Jaraguá* e *boi*) identificam ao mesmo tempo a música e a dança a serem realizadas. Sendo que toda a *brincadeira* é comandada pelo *cantador*, e, portanto, *puxada* (guiada) pelos músicos (CADDAH, 2014, p. 126).

O *cantador* assume, de acordo com a autora, a condução do grupo quanto ao início e final de cada apresentação. No caso do Reisado do Mutirão, o *careta* solista, mestre Odílio, é quem “puxa a *cantoria*”. Como regente, escolhe quais estrofes serão cantadas da *cantiga do Reis*, em conformidade com a ocasião, o lugar e o tempo de apresentação, enquanto todos os

⁷⁴ Estrofe da cantiga de Reis do Reisado Mutirão. Áudio captado e transcrito por Antonio Vagner Ribeiro Lima, no dia 02/01/2016, em Demerval Lobão (PI).

⁷⁵ Chico Constâncio foi sanfoneiro no ciclo natalino 2015/2016.

outros *caretas*, *brincadores* e espectadores cantam a repetição do segundo e do quarto versos de cada quadra. Assim, “puxar o reisado significa ser seguido por um grupo de pessoas dispostas a brincar e partilhar alegria” (CADDAAH, 2014, p. 127). O puxador também pode ser identificado como animador (de anima = alma), aquele que anima, que dá vida à *brincadeira*.

O resultado sonoro do que ouvi no Reisado do Mutirão merece algumas notas sobre como acontece, o efeito nas pessoas e como essa musicalidade é processada pelos próprios *brincadores* do reisado, na sua função ritual e receptividade ou interação com o público.

No geral, a sanfona de Chico Constâncio parecia estar com pouco volume. Foi interessante perceber, por exemplo, na toada do Boi, que o sanfoneiro tocava na tonalidade de fá maior, enquanto o *cantador* Odílio cantava bem mais agudo, em outra tonalidade (dó maior), portanto uma afinação desconexa. Isso incomodou meus ouvidos. Porém, prestei bastante atenção e não me pareceu que mais alguém se incomodasse com isso. Uma vez que a sanfona tinha pouco volume e a voz de Odílio soava muito forte, entendi que naquele momento do ritual a música instrumental não tinha a mesma força da voz cantada.

As músicas são parte importante do reisado nas trocas e interações com o público. Não raro o público intervém nas *cantorias*; canta e recita em resposta aos versos dos *caretas*. Esses diálogos revelam mais ou menos o termômetro de fruição da *performance* do grupo na representação de seus papéis. A *Cantiga do Reis* é cantada em diversos grupos de reisado de diferentes lugares, embora receba outras denominações, como “Música de chegada” e “Abrição de portas”. Por ser bem conhecida, o público participa, repete os versos com os *caretas* e canta o interlúdio. Assim, no Reisado do Mutirão, o público reproduz os versos em destaque demonstrados na primeira estrofe a seguir:

Cantiga de Reis

*“Minha Divina Santa Cruz
Santo Reis chegou agora
Santo Reis chegou agora⁷⁶
(lê lê lê lê lê lê lê...)⁷⁷
Viemos lhe visitar
E amanhã nós vamo embora
E amanhã nós vamo embora*

*Viemos de caminhão
Rezar sua oração*

⁷⁶ Considerando as estrofes como quadras, os versos 2 e 4 rimam e são repetidos em forma de coro pelos *caretas*, geralmente seguidos por todos os presentes.

⁷⁷ Esse interlúdio é repetido a cada dois versos cantados.

*Amanhã em hora dessa
Tamo em Demerval Lobão*

*Senhorô dono da casa
Saia na porta da rua
Venha ver o Santo Reis
Que anda em procura sua*

*Quem fizer suas promessa
Pague⁷⁸ logo enquanto é tempo
Que a morte é treíçoeira
De repente mata a gente*

*Senhora dona da casa
Ano bom Festa de Reis
Vou-lhe fazer um convite
Pra festa de Santo Reis*

*Você vai no dia cinco
E a festa é no dia seis*

*No dia seis de janeiro
Santo Reis tá lhe esperando
Você vai de tardezinha
O Padre-Nosso rezando*

*Deus lhe pague a sua esmola
Que guardou pra Santo Reis
Para o ano seja vivo
Venha pagar outra vez*

*Senhora dona da casa
Eu num vim te visitar
A esmola de Santo Reis
Os careta vêi buscar*

*Deus lhe pague, Deus lhe ajude
Deus lhe dê os parabéns
No reino do céu se veja
Os anjos dizendo amém.*

*Chegou a boca da noite
Hoje mermo vai embora*

*Eu cheguei na sua porta
Como ouro na balança*

⁷⁸ O termo “pagamento” surge com dois sentidos aparentemente diferentes: troca financeira (pagar o reisado) e obrigação religiosa (pagar a promessa). Percebi que os participantes do reisado usam o mesmo termo para as duas coisas, identificado por meio do contexto. Aprofundo essa reflexão na seção “Santo Reis mandou dizer pra você me pagar”, deste trabalho.

*Senhora dona da casa
Me perdoe as confiança*

*Eu cheguei na sua porta
Pus o pé no seu batente
Senhorô dono da casa
Me diga se está doente*

*Se tiver gente doente
Me diga que eu vou-me embora
É com o Divino e Santo Reis
Com Deus e Nossa Senhora*

*Vinte e cinco de dezembro
À meia-noite deu sinal
Nasceu menino Jesus
Nas três missas de natal*

*Galo preto romarisco
Num canta fora de hora
Só canta de madrugada
Nos pé de Nossa Senhora*

*Senhora dona da casa
Na sua cama macia
Tenha dó de quem tá fora
Pisando na terra fria*

*Senhorô dono da casa
Deve ter muita alegria
Deus lhe dê anos de vida
Pra você com sua família*

*Andorinha é passo nobre
Vai à missa na igreja
Senhorô dono da casa
Bendito louvado seja.”⁷⁹*

A *Cantiga* da Burrinha começa a ser entoada no momento em que ela entra na roda para dançar. Essa música é executada no ritmo identificado como *rastapé*. Logo após pequena introdução, o que soa mais como exposição da tonalidade apontada pela sanfona, os três *caretas* se revezam no canto como solistas. Não há repetição de verso nessa *cantiga*, assim também como não há interlúdio instrumental entre uma estrofe e outra. Isso causa a sensação de rapidez, a impressão de não dar tempo para respirar entre as estrofes, e só é possível

⁷⁹ Entrevista concedida por Odílio Bezerra Lima a Antonio Vagner Ribeiro Lima, na Comunidade Buriti Alegre, no dia 27/06/2015.

porque cada *careta* canta uma estrofe no ciclo de revezamento. A interpretação tem um caráter quase de disputa entre os *caretas*, embora cantem versos memorizados, com pequenas alterações ocasionais. Quase sempre se canta as mesmas estrofes, inclusive numa mesma sequência. O trio instrumental (sanfona, pandeiro e triângulo) continua a ser tocado, como nas outras *cantigas*. A execução do triângulo nessa *cantiga* apresenta um grau de dificuldade maior que as outras por exigir coordenação rítmica em andamento aparentemente mais acelerado. Nas oportunidades que mais auxiliei como músico nas peregrinações, o triângulo foi o instrumento que mais toquei e essa *cantiga* exigia atenção para não perder o tempo e coordenação rítmica na sua execução.

Cantiga da Burrinha

*“Minha Burra vem chegando
Mas não fala com ninguém
Tô esperando que ela fale
Que é pra eu falar também
Se é solteiro ou se é casado
Aceite meus parabém*

*Minha Burra vem chegando
É da matriz do Canindé
Com seu chapéu na cabeça
E sua chinela no pé
Mas o corpo era de homem
Virtuaram⁸⁰ de mulher*

*Eu saí de lá de casa
Minha mãe me encomendou
Meu filho não vá brigar
Que seu pai nunca brigou
Se houver alguma briga
Meta o chiquerador.*

*Careta num tuntumbeia
Que eu num sei tuntumbiar
Careta num garguleja
Que eu num sei gargulejar
Pra cantar o Boi e Burra
Tá eu aqui no lugar.”*

Após a Burrinha vem o Jaraguá, como exposto na seção Dinâmica do ritual. A toada do Boi, diferentemente das outras *cantigas*, começa com uma parte introdutória caracterizada

⁸⁰ O “vestuário”.

por um aboio. Aboio é um tipo de canção à capela ou lamento vocalizado em melismas. É característico dos sertões brasileiros, mais presente na região nordeste e está relacionado à lida do vaqueiro com o gado bovino. O aboio exerce função de comunicação com o gado, ao mesmo tempo em que é artifício para o vaqueiro como lamento, relaxamento, momento místico ou fruição musical. No Reisado do Mutirão o *careta* Odílio utiliza o aboio como chamada para a chegada do Boi na *brincadeira*. Vale lembrar que o personagem Boi, assim como as outras figuras do reisado, está escondido em algum local próximo à *brincadeira*. Então, o aboio executado por Odílio de fato é a comunicação do *careta* como o Boi artefato, similar ao que acontece no trabalho do vaqueiro.

Nesse momento um pequeno recital de estrofes de vaquejada⁸¹ é protagonizado por Odílio. Veja-se:

“*Vou vender minha fazenda
Porque o vaqueiro morreu
Nesse dia na fazenda
Todo o gado entristeceu
Até mesmo a vaqueirama
A falta dele morreu.*”⁸²

As estrofes, a exemplo dessa, apresentam-se na forma sextilha. São seis versos de sete sílabas poéticas e rimas para os versos de números 2, 4 e 6. São versos memorizados e geralmente reproduzidos nas vaquejadas da região. O *careta* Odílio me narrou que é requisitado para se apresentar como aboiador em vaquejadas. Por isso, ele já traz memorizadas várias estrofes das vaquejadas que utiliza nas peregrinações do reisado. O público aprecia os recitais de mestre Odílio, inclusive interage solicitando uma ou outra estrofe, aplaudindo ou gritando vivas à *performance* do *careta*.

Após o chamado de Odílio, o Boi entra em cena balanceando no ritmo de xote. Odílio canta os versos como solista, e todo o grupo, juntamente com os presentes, respondem a um pequeno refrão que lembra o começo de um aboio: “ê lá”⁸³.

Cantiga do Boi

“*E vamos, vamos Boi bonito (Ê... lá...)
Meu amo mandou chamar*”

⁸¹ Vaquejada é um evento festivo, realizado geralmente em espaços rurais, que envolve atividades competitivas, exposições de animais, corridas de cavalos, pegadas de boi e apresentação e shows musicais.

⁸² Estrofe de vaquejada cantada por Odílio na apresentação do Boi, no Reisado do Mutirão, em Demerval Lobão (PI).

⁸³ “Ê lá” também faz referência a um dos nomes mais usados para nomear os bois famosos de uma fazenda: Estrela. É isso que se canta como refrão no Reisado Boi Estrela (CADDAH, 2014): “Estrela”.

*E ô meu Deus pra que será
Mas será o Boi Estrela
Ressutou-se no lugar⁸⁴*

Após alguns versos cantados enquanto o Boi dança, o careta solista anuncia no próprio canto o momento da briga do Boi: “E agora nesse instante / Vou botar Boi pra brigar”. Com esse comando a música para e surgem muitos gritos e imitações de aboios, enquanto o Boi artefato sai da roda e corre na tentativa de atingir os caretas que instigam a briga. Na carreira o Boi pode simular ataque às pessoas presentes que se esquivam do bicho. Essa seção é rápida e logo em seguida se canta o “Cajueiro abalou”: “*Menina tu diz teu nome (Cajueiro abalô) / Que eu quero dizer o meu (Cajueiro abalô)*”.⁸⁵ Esse é o sinal para que o Boi encerre a briga e volte a dançar em frente à casa. O careta canta alguns versos e encerra com a despedida do Boi, que é convidado a cumprimentar o amo (dono da casa) e sair de cena. A partir daí o grupo já se prepara para seguir com o ritual na próxima casa. Ressalto que em algumas situações pode haver ainda a morte do Boi.

A morte e repartição do Boi é parte do ritual que só acontece em ocasião especial, grosso modo na festa de encerramento. Na ocasião, após o Boi dançar, no final da dança o *careta* simbolicamente mata o Boi e faz a repartição dos pedaços. Esse ritual é seguido de *cantigas* específicas e também é comandado por mestre Odílio. Neste momento não há dança. O Boi fica parado no centro da roda enquanto o solista canta à capela a repartição do Boi, conforme os versos a seguir. Novamente os *caretas* repetem o refrão “isso mermo é”, geralmente acompanhados pelas pessoas presentes.

Morte e repartição do Boi

*“Meu amo Antonio Geraldo
Isso mermo é
Onde meu Boi morreu
Isso mermo é
E num morreu de fome
Mas a gente come
Isso mermo é
Onde meu Boi a venta
Isso mermo é
Mas é do sargenti
Isso mermo é
Onde o meu Boi os dente
Isso mermo é*

⁸⁴ Versos da Cantiga do Boi cantados por Odílio, em Demerval Lobão (PI), no dia 01/01/2017.

⁸⁵ Vários versos são cantados sempre com o refrão que é respondido por todos: “Cajueiro abalou”.

Mas é do tenente
Isso mermo é
E o seco da testa
É de quem num presta
Onde meu Boi tem oi
É do tocador
O meu Boi tem chifre
Mas é do Durico
O do meu Boi a zureia
É dar muié fea
O do meu Boi o pescoço
É do rapaz grosso
O do meu Boi o cupim
É do Agostin
Meu Boi tem pado
Tomás gafar
E o lombo de dentro
É de quem num tem dente
E o lombo de fora
Mas é das senhora
O facão do espinhaço
É de meu amo Inácio
O pano de costela
É do careta véi
A costela mindinha
É do Pedro Mundin
Meu Boi a chandanca
É do Chico Dantas
Meu Boi tem pé
Mas é do José
Meu Boi o fato
Mas é do Ricardo
A tripa gaitera
É das cantadera
E a tripa grossa
Mas é da Maroca
As tripa fina
Vou dar pras menina
E as tripa salgada
É pras muié casada
E as tripa insossa
Eu vou dar pras moça
E o que vai ficando
É do Quilariano
E o que vai sobrando
É do Martiliano
E o que já sobrou
É de teu avô. ’’⁸⁶

⁸⁶ Entrevista concedida por Odílio Bezerra Lima a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Iobão (PI), no dia 10/10/2016.

Com a morte, repartição e distribuição, o ritual seguiu para a ressurreição do Boi, momento em que mestre Odílio entoava umas *cantigas* em forma de prece para reanimar o *bicho*: “Te alevanta Boi, Boi de paciência, que o dono da casa, meu Boi, já te deu licença”. Após duas ou três tentativas o Boi se levantou e voltou a dançar com mais animação ainda, correndo em direção ao público, com gestos que simulavam ataque e com movimentos de *brincadeiras* que ataçavam a interação do público. Nesse momento os *caretas* cantavam *cajueiro abalou*⁸⁷. O ritmo parecia acelerar um pouco por causa da agitação que se formou na roda. Interpretei essa cena como momento de celebração e despedida da *performance* naquele lugar.

Nesses termos, vejo o plano musical como dinâmica imprescindível na realização do reisado. As toadas, *cantigas* e recitais guardam relações de memórias construídas e diluem tempos e espaços no universo da *brincadeira*. É como se os versos, encadeados pelos sentidos e rimas, propositalmente completassem lembranças possíveis, nos *brincadores*, participantes e espectadores, conduzidas pelas melodias e palavras que se reinventam e atualizam seus significados. Em contrapartida, a adesão do público, envolvido na fruição do que o ritual proporciona, torna-se parte importante no convencimento do dono da casa a acolher e pagar pela *brincadeira*.

Procurei, dessa forma, registrar a musicalidade do Reisado do Mutirão, não pela transcrição da música, mas segui a indicação de Anthony Seeger (2008), que propõe como etnografia para a música não somente o registro do que poderia ser transcrito em partitura, mas a busca do que soa como mais característico e significativo para os participantes da prática, observando menos a música como sons organizados e mais a maneira como as pessoas fazem essa música. Dentro de uma perspectiva ritual, a música de um povo comporta significados que vão além dos sons.

Na busca de etnografar o pagamento no ritual do Reisado do Mutirão, objeto que analiso no item “Santo Reis mandou dizer pra você me pagar”, último capítulo deste estudo, trabalhei alguns elementos do que diz a cantoria do reisado, no sentido de perceber certa totalidade invisível (SEEGGER, 2008) presente nas *cantigas*, nas falas e *brincadeiras* que compõem o fenômeno estudado. A compreensão do pagamento exige ainda longo percurso de caminhos que devo observar com minha participação nessa prática social. Na sequência profano-religiosa que permeia boa parte das ações rituais do reisado, passo agora da

⁸⁷ Expliquei o verso “cajueiro abalou” na seção Dinâmica do ritual (1.2), em nota de rodapé.

etnografia das cantigas dos bichos para os benditos dos santos. Como parte significativa de minha incursão em campo, descrevo a seguir minha experiência com participantes do reisado em peregrinações de romarias, festejos e visitas às casas de devotos como parte do ritual de pedir esmolas em preparação para a festa de Santos Reis.

2 PEREGRINAÇÃO E PREPARAÇÃO DA FESTA

Neste capítulo, faço uma incursão nas andanças do Reisado do Mutirão com o objetivo de interpretar as trocas numa perspectiva de convivência mais próxima dos praticantes do reisado, tanto no cotidiano quanto nas peregrinações, de modo que as análises do pagamento, objeto maior deste estudo, sejam evidenciadas. Faço isso a partir da etnografia sobre as festas do Reisado do Mutirão em contextos das zonas rural e urbana, no município de Demerval Lobão, em comparação com festas de outros santos e participações em romarias. Destaco, pois, três momentos: romarias e festejos; visita do reisado às casas, com destaque para as peregrinações na região rural e nas ruas da cidade de Demerval Lobão; e festa do dia 6 de janeiro, que se configura no encerramento dessas homenagens a Santos Reis.

2.1 Romarias e festejos

O Reisado do Mutirão, não exatamente como grupo fechado, mas compreendido na sua extensão de parentesco, compadrio, amizade e vizinhança, costuma visitar alguns lugares de romaria. Dentre as romarias mais frequentadas estão a do Olho d'Água, em Santa Cruz dos Milagres (PI); a da Gruta da Betânia, em Monsenhor Gil (PI), paragem tradicional para todo romeiro que sai de Demerval Lobão; a da Igreja de Nossa Senhora das Dores e Padre Cícero Romão, no Juazeiro do Norte (CE); a do Santuário da Mãe Rainha do Sertão, em Quixadá (CE); e a da Basílica de São Francisco das Chagas, em Canindé (CE).

O grupo também costuma participar de festejos de santos católicos, celebrados nos bairros por iniciativa popular, que não possuem vínculo direto institucionalizado pela igreja, os quais são compreendidos como devoção e pagamentos de promessas. Esses festejos mantêm ligação com o Reisado do Mutirão, são originários das práticas de devotos que moram na mesma rua de Dona Toinha ou pessoas que acompanham as atividades do reisado no ciclo natalino, seja nas peregrinações ou na reza de encerramento, ou ainda devotos que participam das romarias e que estão sempre presentes nas rezas, no entorno do bairro Mutirão. Baseado em informações de vários informantes, consegui reunir no Quadro 3, a seguir, os principais festejos de santos celebrados em bairros ou nas cercanias de Demerval Lobão:

Quadro 3 – Festejos de santos com participação do Reisado do Mutirão

Festejo	Data	Local
São Benedito	05 de janeiro	Não identifiquei onde se reza
Santos Reis	06 de janeiro	Bairro Mutirão – Demerval Lobão (PI)
São Sebastião	20 de janeiro	Não identifiquei onde se reza
N. Sra. das Candeias	02 de fevereiro	Não identifiquei onde se reza
N. Sra. de Lourdes	11 de fevereiro	Gruta da Betânia, Monsenhor Gil (PI)
Novenário do mês mariano	01 a 13 de maio	Demerval Lobão
Trezena de Santo Antônio	01 a 13 de junho	Bairro Piaçava, Lagoa do Piauí (PI) e mais duas localidades da zona rural
São Raimundo Nonato	01 a 31 de agosto	Bairro Piaçava (Raimundo Crispiano)
Santa Clara (Divino)	12 de agosto	Comunidade Santa Rita (Dona Joana)
São Luís	25 de agosto	Zenaide
Padre Cícero	Julho e outubro	Juazeiro do Norte (CE)
São Francisco	04 de outubro	Canindé (CE)
Todos os Santos	01 de novembro	Casa de Manoel Pelônio, no bairro Mutirão
Santa Bárbara	03 de dezembro	Não identifiquei onde se reza
Nossa Senhora da Conceição	08 de dezembro	Não identifiquei onde se reza.
Santa Luzia	13 de dezembro	Não identifiquei onde se reza.
Nossa Senhora do Desterro	26 de dezembro	Dona Zezé, no bairro Boa Esperança
Menino Deus	31 de dezembro	Não identifiquei onde se reza

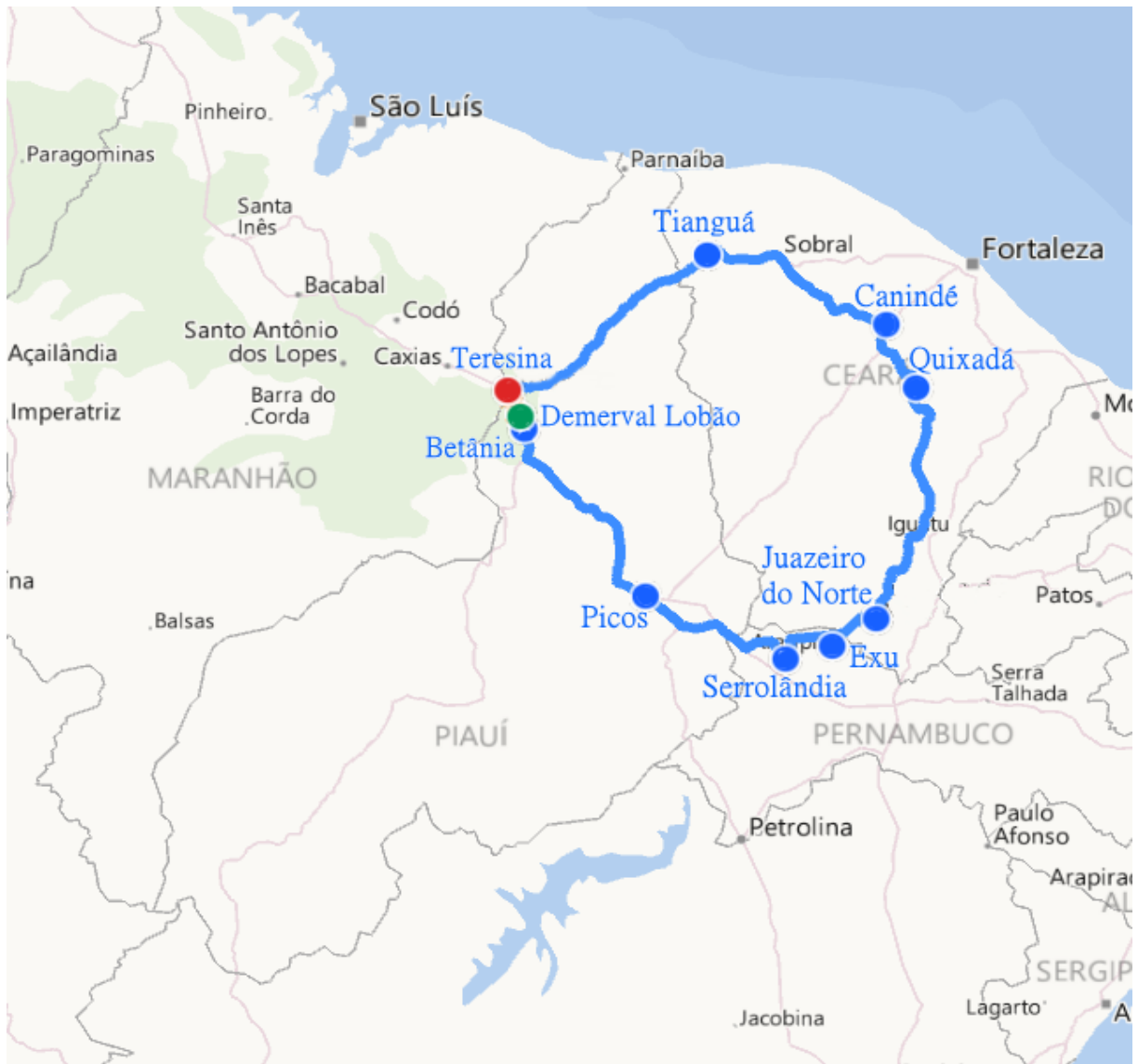
Fonte: Elaborado pelo autor.

Em minha observação de campo, participei de uma romaria, em outubro de 2016, com alguns integrantes do Reisado do Mutirão. Trata-se de um evento anual, que ocorre nos meses de julho e de outubro, com a participação média de trezentas pessoas de Demerval Lobão e municípios vizinhos.

Iniciamos a romaria com a visitação à Gruta da Betânia, Juazeiro do Norte, e passamos por Quixadá seguindo até Canindé. No começo da romaria, na saída de Demerval Lobão, o senhor Domingos Coleta, artesão que frequenta as romarias há mais de quarenta anos, logo me informou que os romeiros só viajam pelas direitas: “Vamos por Picos, sempre pelas direitas”. Entendo que “direita” remete ao que é sagrado (HERTZ, 2010; RODRIGUES, 2009) como superior ao que é esquerdo. Na mesma lógica, se diz popularmente: “começar com o pé direito” e “entrar com o pé direito”. Supersticiosas ou não, essas são expressões que

exprimem construções rituais. Nesse sentido, entendi que durante as peregrinações, o importante não é apenas chegar ao destino para se cumprir um ritual no local de chegada, mas a rota percorrida também tem seu programa ritualístico. Desse modo, não podem ir por qualquer caminho, mas pelo percurso em que primeiro saem pela direita e depois dão uma volta em sentido anti-horário, permanecendo nesse sentido até a volta para o local de saída (ver Mapa 3).

Mapa 2 – Rota “pelas direitas” da romaria a Juazeiro do Norte e Canindé



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir do aplicativo HERE 2017, Microsoft Corporation.

Obedecer algumas convenções faz parte desse caminho que absorve ainda determinações cosmológicas e relações verticalizadas do divino com o mundano. Semelhante

orientação espacial foi observada por Pereira (2011, p. 172) ao destacar que os foliões urucuianos

se deslocam segundo uma regra inviolável: precisam seguir à direita (no sentido anti-horário), sem jamais cruzar o caminho já trilhado. Caminhar “à esquerda” “andar às avessas”, “cruzar o retrato” ou “saltar o [próprio] rastro” são expressões de um movimento interdito, proibido e carregado de diversos perigos para os viajantes.

Esse aspecto ritualístico é uma característica que essencialmente traduz a noção de “romaria”. Steil (1996, p. 91) concebe a romaria “enquanto um ritual que se desdobra no espaço como uma forma de apropriação dos sentidos, dos símbolos e crenças que compõem o universo religioso do catolicismo popular tradicional da região”.

Nesse sentido, entendemos que a romaria para o Reisado do Mutirão não se caracteriza como somente uma fonte de reprodução e propagação de crenças religiosas da igreja católica, mas como uma oportunidade de confraternização do grupo, envolvendo o fortalecimento de alianças sociais e religiosas, a partir do reconhecimento e da valorização de pertencimento ao grupo de reisado e da relação de crença nos santos católicos. Ademais, a experiência da romaria para os participantes do reisado reforça a mediação dada pela marginalidade dos deslocamentos espaciais (PEREIRA, 2011), em que os binômios casa e rua se aproximam, assim como o trabalho e a devoção e outras oposições que se conformam a partir de articulações construídas pelo diálogo entre sagrado e profano.

As ações dos romeiros são orientadas pelos ritos por eles incorporados e atualizados todas as vezes que viajam ou que festejam algum santo do lugar. Seguindo a orientação ritualística “das direitas”, em poucos quilômetros passamos pela Gruta da Betânia, fundada em 11 de fevereiro de 1948, segundo maior santuário do Estado, situada na BR 316, entre as cidades de Lagoa do Piauí e Monsenhor Gil. Considerada parada obrigatória para os romeiros que seguem para o Sul do Estado em direção a Juazeiro do Norte (CE), todos, ao entrarem e ao saírem, seguiram o ritual de tocar três vezes o sino do portal da gruta, acompanhado de orações, benditos e conversas descontraídas.

Nessa relação do reisado com a romaria, a partir do que observou Brandão (1997) e Fernandes (1983), Pereira (2011, p. 18-19) aponta que

As folias guardam semelhanças estruturais bastante evidentes com as procissões e as romarias. Os cantadores e tocadores são considerados “viajantes” e divulgadores das “boas-novas” da religião católica, e visitam os devotos nas moradias que encontram pelo caminho. São como romeiros e eles próprios também se definem assim em busca de um “centro imaginário”

que irradia um poder “carismático” ao redor de um círculo traçado pelo movimento dos próprios viajantes.

Além desses aspectos que envolvem o sagrado entre romeiros e participantes do reisado em peregrinação, tais semelhanças também se estendem às instabilidades da “retirada” pelo caráter errante do romeiro, que, nesse sentido, se aproxima muito do *tirador de reis*. Muitas incertezas se seguem às andanças, mas cada evento, esperado ou imprevisto, nesse “caminhar ritual” (DAMATTA, 1979) é recebido pelo romeiro de maneira diferenciada da interpretação de quem está no cotidiano. No primeiro dia da romaria que acompanhei, quando passávamos por Serrolândia (PE), foi preciso descer do ônibus e esperar em torno de duas horas para o conserto de um pneu furado. Diante da demora que, na “estrutura” do dia a dia seria entediante, Seu Chico diz: “melhor chegar tarde em casa do que cedo no cemitério”.⁸⁸ A expressão me faz pensar que em poucas horas de romaria, ainda no primeiro deslocamento, as relações sociais, em conformidade com o espaço (ônibus) já eram suficientes para instaurar outra dimensão de convivência e tolerância. É notório que nesses espaços liminares a noção de tempo também é transformada para atender mais ao que faz sentido na vida e menos ao que se segue por via de regra.

O percurso da Gruta da Betânia até o Juazeiro do Norte durou aproximadamente 12 horas, o que é de se esperar que esses sujeitos andantes se deparem com inseguranças, próprias desses percursos de caráter instável, que também lhes suscitam tolerância. Ao chegar ao abrigo Padre Cícero, no Juazeiro, local onde foram acomodados os romeiros, durante a noite, havia muitas queixas por causa dos banheiros. Muitas pessoas que dividiam o local de convivência não seguiam regras básicas de higiene e conservação dos banheiros. Havia ainda ações de vandalismo por parte de alguns jovens, insegurança em deixar materiais de uso pessoal no abrigo e serem furtados por outros usuários do local.

Na segunda noite em que dormimos no abrigo, observei que as relações de convivência começaram a expressar tensões que ficariam mais claras em uma semana de convivência e peregrinação. De manhã bem cedo havia muita gente na espera dos banheiros. “Isso é uma imoralidade. Como é que a pessoa num tem noção... Se você tá na sua área, né? Mas na área dos outros”. Uma senhora repetia comentários de reprovação e questionamento sobre como podia uma pessoa não ter consciência que existiam outras pessoas no mesmo local. Durante a noite toda, pessoas, num vai e vem, transitavam na área de dormitório, entre as redes de dormir, na busca de atender às suas necessidades fisiológicas.

⁸⁸ Entrevista concedida por Chico Porva a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Serrolândia (PE), no dia 23/10/2016.

O todo é que define as partes. Quando queriam identificar o jovem⁸⁹ que promovera baderna, falando alto e perturbando a *sagrada* hora de dormir, algumas pessoas conversavam sobre a raiz de onde viera o jovem em questão. “Ele é neto do Fulano de Tal, filho daquela que casou com o Cicrano”. “Aquele que morava no lugar tal?” “Não. Ele é filho daquela que se juntou com aquele véi que o carro passou por cima do pé, na feira do mercado”. Ou seja, pertencer a uma família (o todo) é a definição mais direta da identificação do jovem (parte). Nesse contexto, não interessa a ação, situação do indivíduo, senão de onde vem ou o que se pode esperar dele, que vem “daquela” família.

Nos deslocamentos de ônibus pela cidade de Juazeiro, como parte do ritual de peregrinação, cada vendedor ambulante tem seu rito para que seus produtos sejam contemplados na lista de compra dos romeiros. O vendedor dentro do ônibus canta, oferece e propaga a preço barato uma lembrança do Juazeiro:

*“Compre esta oração, só quem tem é nós, o DVD do Padim Ciço, a carteira de identidade do Padim pra levar no bolso, só quem tem é nós. [...] Compre, compre. Você pode dividir e pagar na cidade de vocês. Que Deus abençoe vocês!”*⁹⁰

Há grande movimentação do comércio de itens religiosos, principalmente quando se aproxima de uma igreja ou qualquer outro lugar ritual, como estátuas, cruzeiros de velas, cemitérios.

Quando chegávamos a uma igreja, se o padre estivesse dizendo missa, todos entravam e não saíam até terminar. São várias ações rituais que se constroem a cada momento na romaria. Na Igreja dos Franciscanos, os ônibus, ao chegarem, dão três voltas em torno da estátua do pátio da igreja com buzinas ininterruptamente acionadas. E “*Tem que girar pelo lado direito*”. Há também nesta igreja o “caminho das almas” – uma passarela suspensa em torno do pátio da igreja. Na romaria, lugar liminar por excelência, torna-se mais evidente a noção de preeminência (HERTZ, 2010) do que é direito (sagrado) sobre o esquerdo (profano), manifesta em detalhes, por vezes muito simples, nas ações do cotidiano. Eu e Dona Toinha, por acaso, giramos pelo lado esquerdo, o que foi reprovado na fala de alguns dos nossos colegas de viagem. “O importante é ter fé”, destaca Dona Toinha, mas, em seguida, realizamos outra volta pelo lado direito. “*Tem que entrar mermo é com pé direito*”, arremata Dona Toinha numa afirmação dialética de quem, embora não acredite muito nas ações que

⁸⁹ O jovem a que me refiro era do grupo de romeiros de Demerval Lobão, integrante de um dos sete ônibus que participavam da romaria. Ressalto que em dois desses ônibus estavam moradores do bairro Mutirão, incluindo participantes diretos do reisado.

⁹⁰ Fala de um vendedor ambulante dentro de um ônibus, em Juazeiro do Norte (CE), no dia 25/10/2016.

não costuma realizar⁹¹, reforça o que é construído socialmente, por meio de ações da fala, num claro acionamento de eficácia simbólica da linguagem. Das muitas pessoas que convivi na romaria, ouvindo e observando o fluxo de nossas relações⁹², ressalto as diferentes posturas de prática de devoção de duas romeiras: Dona Toinha, a dona do reisado, e Dona Ana, a senhora que canta na reza do terço do reisado e é protagonista ao *puxar* os benditos durante toda a romaria. Dona Ana parece cumprir uma série maior de ações ritualísticas no grupo, o que a destaca por sua fé.

*“É porque a pessoa tem fé. Olha eu tenho fé e conheço a história do Juazeiro e eu sei que aquela história... mas tem muita gente que bota fé no Juazeiro e não bota fé aqui [em Demerval Lobão]. Eu digo pra umas muié aqui: minha gente, a gente tem que ter fé não é só indo pro Juazeiro, ‘eu vou pro Juazeiro todos os ano’, e aí a gente pode dizer até que é por folia, tem gente que diz, num é? Porque a gente pode ir também só porque acha bonito ir. Aí eu digo assim: a gente tem fé em todo lugar deve ter fé. Aí eu digo mermo assim: e também ir pra igreja quando... vai num sei quantas viagem... a Toinha mermo é uma, por isso que eu começo logo por ela. Que ela gosta de ir lá [no Juazeiro], mas aqui [em Demerval Lobão] não gosta de ir pra missa. Passa é tempo, só vai nos festejos, aí é que vai. Minha gente, a gente tem que ir é todo domingo.”*⁹³

Dona Ana ressalta em sua fala a diferença entre fazer romaria “por fé” e “por folia”. Ela cita alguns exemplos de práticas sociais relacionadas com o cotidiano (ações continuadas em Demerval Lobão) e com a romaria (ações de passagem pelo Juazeiro). A partir dessas relações, Dona Ana cobra coerência nas atitudes praticadas pelos romeiros em retirada, que sejam continuadas e equivalentes ao que se faz em casa. Interessante perceber que o reisado, profano e religioso na sua essência, será sempre passível de uma avaliação como sendo “mais fé” ou “mais folia”, de acordo como é conduzido nas suas práticas de conformações locais.

Os romeiros encaram a romaria a partir de diferentes interpretações. A exemplo, Joaquim Patrício, mestre do Reisado da Boca do Mato, zona rural de Demerval Lobão e participante veterano das romarias ao Juazeiro e Canindé, relata:

⁹¹ Dona Toinha está na romaria mais por diversão do que por promessa ou penitência, é o que depreendo de sua fala: “*Eu vou pro Juazeiro é porque Deus dá a licença e nós vamo, né não?*” (Entrevista concedida em Demerval Lobão (PI), no dia 26/08/2017).

⁹² Fiz parte, juntamente com Dona Ana, Dona Toinha, Chico Porva, Chikin, Dona Luiza e Dona Maria, de um grupo menor, espécie de “família nuclear”, que ocupa o mesmo quarto na divisão das acomodações nos abrigos durante a romaria. Portanto, minha convivência com esse grupo, tornou-se mais intensa em todos os momentos da viagem.

⁹³ Entrevista concedida por Ana Iva dos Prazeres (Dona Ana) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), no dia 25/05/2017.

“Quando eu comecei andar aqui [no Juazeiro] ninguém falava em música, não falava em bebida, aqui não existia nada disso, nada, nada, era só reza, aqui só tinha reza, não tinha outra coisa aqui se não fosse reza. E no Canindé também. [Agora] na hora que você desce do carro já é cerveja, é música, seresta, aqui agora tem tudo isso.”⁹⁴

O relato do mestre Joaquim Patrício coaduna com a noção que Dona Ana faz da romaria. A divisão estabelecida entre “fê” e “folia” por esses dois devotos parece contradizer-se ao caráter liminar e licencioso do reisado, assim como da romaria, que representa (FERNANDES, 1983) de forma mais evidente o tema da diferença e da mistura entre o sagrado e o profano.

Em Juazeiro do Norte, no Alto do Horto, Dona Ana reza o terço dando voltas na estátua do Padre Cicero e faz exatamente o mesmo quando chega à estátua de São Francisco em Canindé. Ela explica que veste “branco e preto” no Juazeiro, veste “marrom” em Canindé e que continua vestindo marrom por mais três meses. Quando perguntei se era promessa, ela respondeu que não, que era “penitência”. E explica:

“É porque promessa é uma promessa quando a gente tá num aperreio e diz assim: Ô, eu fiz uma promessa com um santo pra mim ir no Canindé de marrom, ir de marrom, né? aí você vai de marrom, aí ali sua promessa tá pago, você entrega a roupa lá, tá pago. Se você quiser vestir marrom, veste e num querendo num veste mais. Agora a penitência é aquela que a gente tem uma penitência num lugar aí diz mesmo assim: eu vou de marrom, todos anos quando eu vou eu vou de marrom. Aí é uma penitência você tem uma penitência de ir de marrom. E a promessa é outra, a promessa que você faz, como eu fiz essa promessa pra uma sobrinha minha ir de marrom... mas pra ela ir. Quando chegar lá tirar o marrom e pronto.”⁹⁵

Dona Ana compreende *promessa* e *penitência* de forma diferente. A propósito, o entendimento de promessa também é comparado e confrontado com outros de outros romeiros e em outros lugares. Steil observou que os romeiros da Lapa chamam de “voto” o compromisso assumido. O autor aponta a distinção que eles fazem entre voto e promessa: “promessa significa um compromisso de curto prazo ou de uma dívida que pode ser paga, sustando o contrato. O voto, ao contrário, tem a conotação de uma relação mais permanente que compromete o romeiro com o Bom Jesus por uma longa duração de tempo” (1996, p. 100). Na perspectiva do autor,

⁹⁴ Entrevista concedida por Joaquim Patrício em conversa livre captada por Antonio Vagner Ribeiro Lima. Caderno de campo, 25/10/2016, no Juazeiro do Norte (CE).

⁹⁵ Entrevista concedida por Ana Iva dos Prazeres (Dona Ana) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), no dia 25/05/2017.

os votos, embora possam ser remetidos para a esfera da decisão pessoal, no momento em que são feitos, ao se realizarem por meio de uma romaria, assumem uma dimensão social, estabelecendo uma rede de solidariedade entre os peregrinos. [...] O voto é, no contexto da romaria, um instrumento relacionador por excelência, não apenas entre os seres humanos e os santos, mas também entre os homens e mulheres que se fazem peregrinos. [...] Os votos organizam o calendário religioso local e dão origem a uma série de rituais domésticos com abrangência comunitária (STEIL, 1996, p. 102).

Nesse sentido, observei que Dona Ana constitui caso exemplar relacionado a uma decisão pessoal que assume dimensão social. Durante toda a viagem, era Dona Ana quem puxava os benditos no ônibus, participava de todas as celebrações, além de cumprir todas as ações durante a romaria; é uma espécie de mestra dos rituais. Ela sempre tinha uma explicação para cada ritual, e os romeiros atribuíam à presença de Dona Ana um caráter mais religioso, demarcado, sobretudo, pelo fato de ela “não estar *pagando promessa* e sim *fazendo penitência*”. Eles viam em Dona Ana, com suas rezas e seus benditos, um significado “mais religioso” e “menos profano”.

Como aponta Steil (1996, p. 104), “os votos colocam os romeiros em movimento e são o motor permanente de criação, perpetuação e vitalidade das romarias”. Nesse sentido, ressalto a influência da decisão pessoal de Dona Ana – o que ela chama de *penitência* – sobre todos os participantes que convivem com ela na romaria.

Ainda no complexo do Horto, Reginaldo, o organizador do ônibus, avisava que quem quisesse fazer o ‘caminho das pedras’ que fosse logo, pois voltariam às onze horas. A programação dos roteiros visava contemplar o máximo de lugares que os romeiros costumam visitar. Assim, de acordo com a disposição do peregrino, havia muito o que andar. Percorri o caminho das pedras acompanhado mais diretamente do *careta* Chikin. Fizemos entre três e quatro quilômetros de caminhada com muitas pedras e uma série de rituais a serem seguidos pela maioria dos que ali percorriam: passar por entre pedras com pouco espaço de largura entre elas. Diz-se que quem tiver muitos pecados não consegue passar; cruzar sequências de pedras próximas ao cruzeiro; contornar as letras cunhadas nas pedras. São manuscritos atribuídos ao Padre Cícero e aos seus companheiros; e caminhar esfregando as costas em um paredão de pedra para passar as dores nos ombros e lombar.

O circuito “caminho das pedras” traz também em seu trajeto escritos em placas de madeira, preceitos ecológicos de Padre Cícero, como “Não devemos arrancar nem mesmo um pé de pau”. Há muitas invenções incorporadas às tradições do lugar que é considerado testemunho das memórias do padre, portanto vistos como sagrados.

A partir das observações, verifiquei que, para grande parte das pessoas que ali realizam todas aquelas ações, o percurso ganha um caráter de desafio, de diversão, uma forma de aventura ao escalar pedras e tentar cumprir o que rezam todos aqueles rituais. Assim também notei que algumas pessoas levam a sério cada detalhe do que é dito como recomendado. Lembrei-me de Dona Toinha com seu repetido chavão sobre a fé:

“Tem que ter fé. Aqui anda muita gente. Aquele rapaz que tava trabalhando disse que ‘rapaz, o problema é ter fé’. O homem quase chora. [...] O que tava trabalhando lá naquela estauta. Ele disse o problema é de ter fé, tudo com fé vai à frente. Eu lhe digo com certeza: duzentos real na viagem não é caro não porque o cabra anda muito, não anda? E nós vamos andar ainda e é muito, você acredita?”⁹⁶

O relato de Dona Toinha, embora use a sentença “o importante é ter fé” como refrão, está sempre mais associado à diversão do que a devoção. Não se trata aqui de fazer juízo de valor ao comparar, por exemplo, as ações rituais de Dona Ana com as de Dona Toinha, mas quero refletir, por oportuno, sobre essa mediação sustentada pelas diferentes formas de encarar uma mesma prática, o que permite ao indivíduo a possibilidade de sentir-se integrado em uma vivência de trocas e reciprocidades, pelo que presenciei, tanto na romaria quanto nas *tiradas* do reisado.

Essa relação dos *tiradores* de Reis com a romaria me chamou atenção porque o sentido de obrigação⁹⁷ ou devoção com que os romeiros realizam seus percursos na viagem guardam similaridade com as peregrinações do reisado no ciclo natalino. Essa semelhança que o reisado tem com as procissões e com as romarias (FERNANDES, 1983; PEREIRA, 2011) ficou evidenciada no momento em que, numa mesma viagem, embora em ônibus diferentes, estavam: Dona Toinha, do Reisado do Mutirão, Joaquim Patrício, do reisado da comunidade rural Boca do Mato, e Raimundo Crispiano, do reisado do bairro Piaçava, em Demerval Lobão. Os três pagam promessa, mas há diferença no modo como cada um conforma seu pagamento, dando a entender certa intimidade na negociação com o santo. De um modo geral, a tradição de romaria a Juazeiro e Canindé começa com um pagamento de promessa, porém, como já vimos, a promessa pode ser paga e assim a obrigação de pagamento fica encerrada. No entanto, alguns romeiros atualizam suas obrigações, como no caso de Dona Ana, que

⁹⁶ Entrevista concedida por Antonia Bezerra Lima (Dona Toinha) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Juazeiro do Norte (CE), no dia 24/10/2017.

⁹⁷ O termo “obrigação” está fundamentado nas análises de reciprocidade (MAUSS, 2003), tema que desenvolvo com mais detalhes no item “Primeiro a obrigação pra depois a devoção”, no Capítulo 3 deste estudo.

transformou sua promessa em *penitência*, ou então a obrigação pode se transformar em um compromisso mais brando, como no caso de Dona Toinha, expresso em suas palavras:

“[Os anos de promessa do Seu Zé foram três anos?] Foi. [E a sua começou] Tinha uns cinco ano que o papai [José Mariano] tinha terminado, em noventa e três [1993] Aí eu tive o Maurício [último filho], aí com um ano e sete mês voltei de novo pra ir fazer uma cirurgia e aí foi que eu fiz a promessa. [Aí a promessa sua já não teve um ano só não, né?] Não. É assim: no ano que eu puder tirar eu tiro, no ano que eu não puder, e Deus der a licença, nós mata os porco aí no dia cinco [...]. [Então, a senhora já pagou sua promessa?] Não, ‘Já’ [afirma Chico Porva]. Assim, quando der pra mim tirar... se não deu... [Não vai ficar devendo não, já tirou muito, né?] Já. É até quando pudesse.”⁹⁸

É importante notar que a mesma promessa (pela saúde), o mesmo santo (Reis) e a mesma promesseira (Dona Toinha) continuam, mas o pagamento se ressignifica ao se relacionar com as noções de prestações e contraprestações simbólicas (MAUSS, 2003), no tempo e no espaço da promesseira do reisado. Nessa perspectiva, o respeito com o santo continua, no entanto, há um licenciamento progressivo que se relaciona com o período de tempo em que a dona do reisado investiu como pagamento. Nesse sentido, o compromisso de Dona Toinha se adequa às condições: “No ano que eu puder *tirar* eu tiro”, e às disposições da promesseira: “É até quando pudesse”. À medida em que se paga o que se prometeu, o sentimento de obrigação (*hau*), que força retribuição, vai aos poucos se desobrigando.

“[Me diga uma coisa: a sua promessa não é pra acabar não, né? Ou ela tem tempo pra acabar?] Tem não. [Ou você já pagou?] Eu acho já paguei porque eu não vou mais tirar não. O Chikin disse: ‘Mãe, tira só no dia seis de janeiro, nas três casa, faz a procissão e nós faz a brincadeira aqui, paga tocador pra fazer a brincadeira aqui, mãe, que os menino vieram com todo o gosto’.”⁹⁹

Dona Toinha fala das condições atualizadas de seu pagamento de promessa, uma espécie de licença para continuar a fazer o reisado, mesmo como promessa cumprida, a qual é percebida menos como obrigação e mais como devoção ou até mesmo como diversão. Ao refletir em “Eu acho que já paguei”, Dona Toinha evidencia certo crédito de intimidade em renegociar seu pagamento com o santo. A noção de desobriga e a fé de ter cumprido o que prometeu a Santos Reis geram na ação ritual do reisado os benefícios da reciprocidade

⁹⁸ Entrevista concedida por Antonia Bezerra Lima (Dona Toinha) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), no dia 26/08/2017.

⁹⁹ Entrevista concedida por Antonia Bezerra Lima (Dona Toinha) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), no dia 13/01/2016.

prevista nas trocas simbólicas. Observo, a partir do que o ritual do Reisado do Mutirão expressa, uma sequência no tempo e no espaço para esse compromisso de Dona Toinha, de um pagamento que se modifica: obrigação, devoção e diversão.

“[Alguma vizinha pergunta:] ‘Toinha, tu todos os anos tu vai pro Juazeiro, tu vai é pagar promessa?’ Eu digo, quer dizer que se todo ano eu fazia roça mais o Chico, eu ia pra roça era pagando promessa?! Eu vou pro Juazeiro é porque Deus dá a licença e nós vamo, né não?’ ‘E a senhora gosta de ir. Já fui uma vez e foi bom demais’ [Dodô]. ‘É um passeio e é bom’ [Chikin]. ‘Dona Toinha, você de novo pro Juazeiro?’ Eu digo vou. Por quê? ‘E é promessa?’ Eu digo: não.”¹⁰⁰

A resposta segura de Dona Toinha, ao dizer que sua participação em romaria “não” é promessa, me fez ver a relação imbricada da romaria com o reisado, no significado das ações rituais de um e de outro. Em verdade, há um ciclo de peregrinação contínuo que liga o tempo natalino do dia de Reis com os festejos de outros santos e as romarias. Entre as cantorias de benditos de romaria na peregrinação do reisado e as *brincadeiras* da festa de Reis evocadas nas romarias se atualizam e se engendram novas formas de desobriga para o pagamento.

Na romaria, acompanhei diretamente os participantes do Reisado do Mutirão, foco de minha investigação, no entanto tive contato com outros donos de reisado presentes na mesma viagem. Esses três já mencionados donos de reisado estavam hospedados no mesmo abrigo, tanto em Juazeiro quanto em Canindé. Ressalto que não presenciei momentos de cumprimentos entre eles. Apenas Noé, do Reisado do Raimundo Crispiano e Chikin, do Reisado do Mutirão, conversaram.

“Chikin: Eu fui com eles [Reisado do Raimundo Crispiano], eu brinquei no boi pra eles lá na praça, em Timon. Dormimos em Timon. Tu lembra?

Noé: Foi.

Chikin: Ainda hoje eu lembro daquela brincadeira. Fomos pra Timon.

Noé: Eu tava caçando mermo quem era o menino que andava.

Chikin: Tava o finado Chico Edmundo – careta, o finado Antonio Chico... Nesse tempo nós tudo brincava.

Noé: O Juvenal

Chikin: O Juvenal... aí foi o Elton... brincou na burra. Nós fomos com seu Raimundo [Crispiano] pra lá.”¹⁰¹

¹⁰⁰ Entrevista concedida por Antonia Bezerra Lima (Dona Toinha) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), no dia 26/08/2017.

¹⁰¹ Entrevista coletiva concedida por Noé, do Reisado do bairro Piaçava e Chikin, do Reisado do bairro Mutirão, mediada por Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Juazeiro do Norte (CE), no dia 25/10/2016.

Percebi que esse diálogo entre Chikin e Noé só aconteceu enquanto eu o mediava com minhas perguntas sobre o reisado durante a romaria. Isso me indicou que há certa disputa entre esses reisados. Interessante notar que o papel de Chikin no Reisado do Mutirão equivale ao que Noé vivencia no Reisado da Piaçava. Vale para os dois o fato de: ser careta, ser filho do dono do reisado, ser responsável pelos percursos nas retiradas e ser o melhor contato de comunicação do grupo. No entanto, como meu objetivo neste estudo é o pagamento, reservo as temáticas que identifiquei e se distanciam desse foco como dica para futuras investigações. Sobre as relações agonísticas nos reisados, o discurso de Chikin deixa claro, na fala acima, que chegou a brincar para o reisado de Raimundo Crispiano, pai de Noé, mas atualmente não há mais contato e esses reisados só se reencontraram, indiretamente, por meio da romaria.

Nossa passagem pela cidade de Quixadá (CE) se deu de forma rápida. O tempo da parada foi exato para escalar uma subida tradicional em trilhas de pedras e vegetações de caatinga até chegar ao santuário da Mãe Rainha, em cima do morro, percorrendo alguns espaços considerados sagrados, destinados à visitação dos romeiros.

Em Canindé (CE), os romeiros dispõem de dois abrigos comunitários: o Abrigo São Francisco (maior) e o Abrigo Santo Antônio (menor). Ficamos hospedados neste último. Percebi que, diferentemente do Juazeiro, a Basílica de São Francisco não fica próxima dos abrigos, por isso os ambientes, espaços e até as músicas dos arredores são menos “sacras” e mais propícias para a diversão. E os cuidados com a segurança¹⁰² devem ser redobrados.

Como parte da programação prevista, fizemos um dia sabático na romaria. A experiência foi enriquecedora para eu notar que, nesse processo ritual, a confraternização na praia, passagem de muita diversão, foi um marco de ações liminares, situações em que a diversão (profano) pediu licença à devoção (sagrado). “*Eu não gosto nem de banhar; meu negócio é ficar mangando de marmotagem nessa praia*”, me relatava Dona Toinha, na sua habilidade de mediação dos fenômenos sociais, das diferentes ações retiradas de um mesmo tempo e espaço.

Ainda em Canindé, os rituais iam sendo cumpridos. São três voltas na estátua de São Francisco, em silêncio. Dona Ana reza enquanto gira. “*É o terço*¹⁰³ *todo, 150 ave-marias*”, diz ela. A fotografia também segue um ritual: numa ilusão de ótica, a lembrança da foto revelada

¹⁰² Dona Ana alerta ainda dentro do ônibus: “*Aqui [em Canindé] tem mais ladrão do que no Juazeiro porque é perto de Fortaleza. É como Demerval Lobão, tem muito ladrão porque é perto de Teresina*”. Por essa lógica, Dona Ana explica que os autores de crimes nas capitais fogem para as cidades pequenas mais próximas. “*Às vezes é o próprio romeiro mermo*”, comenta Seu Benedito Patrício, e acrescenta: “*Se deixar uma rede boa vacilando...*”

¹⁰³ Na verdade, o que Dona Ana chama de terço é o rosário completo (três terços), que corresponde a 150 ave-marias.

mostra uma “bênção” de São Francisco que parece impor as mãos na cabeça do romeiro. “*Seu Vagner, será bom tirar um foto?*”, indaga essa devota. “*Ora se não. Na hora, Dona Toinha*”, concordei (ver Fotografia 6). Ela ainda arremata: “*Se o besta quiser gastar dinheiro, aqui tem com o quê*”. Depois de Canindé, o grupo voltou a Demerval Lobão, atendendo à mesma indicação da saída, “sempre pelas direitas”. Quero acreditar, assim, sustentado no que vivenciei durante a romaria e no reencontro do cotidiano, que a experiência ritual absorvida pelo devoto chega por extensão à sociedade e dura, pelo menos, até a próxima romaria.

Fotografia 6 – Romaria



Fonte: Acervo pessoal do autor¹⁰⁴.

¹⁰⁴ Na foto, da esquerda para a direita: Chico Porva, Dona Toinha, Chikin e Vagner Ribeiro.

Ao longo do trabalho de campo, observei também que os sujeitos em torno do Reisado do Mutirão estão diretamente relacionados a outras práticas religiosas, como os festejos ou rezas nas casas, com atividades que mais parecem uma extensão da romaria no cotidiano. Durante todo o ano, alguns integrantes do Reisado do Mutirão veem nesses eventos uma forma de prática de crenças e religiosidades, através das quais expressam suas devoções por meio de rezas e benditos. Foi o que presenciei, em 2016, na reza de Todos os Santos, festejo que tradicionalmente acontece no dia primeiro de novembro na casa de Manoel Pelônio, vizinho de Dona Toinha, no bairro Mutirão, que agrega parte do grupo do reisado, especialmente as rezadeiras. Todos os Santos é o santo de maior devoção de Dona Maria Pelônio, uma das rezadeiras do grupo, contudo ela percorre uma sequência anual de vários festejos e traz na memória datas e santos que, de certa forma, guiam sua agenda diária. Foi assim que me respondeu, no meio de uma conversa coletiva, sobre quem reza e quais santos são festejados na região do bairro Mutirão:

“[Quem era que tirava a reza de São Luis aqui?] A Zenaide, aquela velhona gordona que tem ali [Qual é o dia?] No dia 25 de agosto. [Quem tirava] era o finado Tureba, de junto da casa da Antônia [Dona Toinha]. A comade Raimunda reza o terço, a Zenaide reza no dia. [Todo mês quase tem um santo, né?] Tem. [Começa com Santos Reis, em janeiro?] Aí... começa em dezembro, tem Santa Bárbara dia 3 de dezembro, 8 Nossa Senhora da Conceição, 13 Santa Luzia, 18 Nossa Senhora do Bom Parto, 25 Natal, 26 Nossa Senhora do Desterro, 31 Menino Jesus. Aí em janeiro: 5 é São Benedito, 6 Santo Reis, 20 Mártir São Sebastião, aí vai. Fevereiro tem Nossa Senhora das Candeias dia 2, Nossa Senhora de Lourdes e Santa Bernadete dia 11, tudo num dia só. E São Lázaro é dia 11 também.”¹⁰⁵

Dona Maria está conectada com as programações das rezas de cada santo. O costume é que se reze nesses festejos durante todo o ano, e essas práticas atualizam alianças sociais e devoções religiosas. O ato de *tirar* rezas de casa em casa, embora distribuídas ao longo do ano, mantém relações similares com a peregrinação do Reisado do Mutirão, foco de minha atenção e de onde parto para fazer essas descrições. Na reza de Todos os Santos de 2016 não houve leilão porque os donos da casa estavam adoentados e resolveram realizar somente a reza e jantar para quem chegou antes da reza. Como não houve leilão, após o terço, muitos benditos foram entoados, a exemplo do trecho:

¹⁰⁵ Entrevista coletiva com Dona Maria Pelônio e algumas vizinhas concedida a Antonio Vagner Ribeiro Lima, no bairro Mutirão, durante o festejo de Todos os Santos, registrada no Caderno de campo, no dia 01/11/2016.

“Um telegrama de Roma pro Juazeiro
 Que o padre conselheiro faleceu
 Nossa Senhora mandou rezar um ofício
 Que meu padim se mudou, mas não morreu.”¹⁰⁶

Na calçada de Manoel Pelônio e Dona Maria, uma roda de dezenas de pessoas, em que notadamente se sobressaíam as mulheres, cantava benditos, muitos deles puxados por Dona Ana. Seu Chico Porva e Dona Toinha estavam presentes. Todos bem acomodados naquela roda de cadeiras, a sensação era a mesma das viagens que tínhamos realizado quinze dias atrás. Portanto, as rezas e festejos dos santos são como uma extensão de devotos em romaria.

Nesse sentido, o Reisado do Mutirão, em todas as suas práticas e vivências, está em um constante caminhar, peregrinar, fazer romarias e festejos que permitem compreender significações e interpretações próprias da subjetividade e da religiosidade cujo visível e invisível, como nas palavras de Steil (1996), se interpenetram, levando o romeiro, aqui expressamente o participante e devoto do reisado, à experiência religiosa e existencial, em um convívio social.

2.2 Visita do reisado às casas

O Reisado do Mutirão é tocado atualmente pela persistência da proprietária, Dona Toinha, residente da cidade de Demerval Lobão, no Piauí, conforme já evidenciado. Essa persistência se soma à de seu marido e agregados, sob a crença de serem devedores de uma promessa que os dirige ao desafio de percorrer casas nas zonas rural e urbana, seguidamente por um período entre cinco a nove noites, dentro do ciclo natalino. Conforme investiguei, é Dona Toinha que sai de casa, no bairro Mutirão, acompanhada pelo grupo, em andança por casas da zona rural e urbana do município, levando a *brincadeira* até chegar ao ápice da festa, que é o dia de Reis, quando se faz o encerramento na porta de sua casa.

Desse modo, o reisado não se fixa a um ponto. Ele se orienta por caminhos que seguem um itinerário simbólico, mediante uma sucessão de eventos, da viagem dos três reis ao menino Jesus. Nesses termos, é essencial dizer que “a missão da Folia de Reis é cumprir uma jornada” (BRANDÃO, 1977, p. 8), no caso, uma jornada de anunciação. Isso nos remete alegoricamente aos recorrentes episódios contidos nas histórias bíblicas de personagens que

¹⁰⁶ Benditos entoados na reza de Todos os Santos, na casa de Manoel Pelônio, no bairro Mutirão, em Demerval Lobão (PI). Áudio registrado por Antonio Vagner Ribeiro Lima. Caderno de campo, no dia 01/11/2016.

têm a tarefa de anunciar algum acontecimento, especificamente, nesse contexto, o anúncio dos magos sobre o nascimento desse Salvador. E assim, em observação mais estrita, pude perceber que o Reisado do Mutirão apresenta também um caráter de grupo artístico e cultural, por exibir uma dimensão espetacular de teatralizar esse episódio bíblico com apresentações não somente em casas, mas também em eventos culturais, quer seja na zona rural, quer seja na zona urbana. Isso garante a seus participantes uma forte ligação com a prática religiosa, artística e cultural realizada, o que me levou a perceber que nem todas as apresentações são originárias do fruto do pagamento da promessa.

Nesses percursos, o Reisado do Mutirão reúne muitas pessoas, entre parentes, vizinhos e amigos do município e localidades do entorno. A partir da interação dessas relações sociais saem os *brincadores*, os *tocadores*, os *cantadores*, os *promesseiros*, os devotos e os espectadores do reisado. Trata-se de uma dinâmica ritualística que se atualiza com mais intensidade anualmente no período natalino e com menos intensidade nas apresentações em outras datas e ambientes como grupo eventual. Com isso, o Reisado do Mutirão cumpre o seu papel junto às formas de representação e significação para os que participam do ritual.

Nas visitas às casas, pude observar que o Reisado do Mutirão desperta diferentes maneiras de fruir as atividades do fenômeno. Das pessoas presentes há aquelas que conhecem o ritual, principalmente os mais velhos que acompanham as atividades da *brincadeira* com grande entusiasmo. O reisado consegue chamar a atenção dos mais jovens, embora para algumas pessoas ele possa soar como monótono e entediante pela repetição das formas de se apresentar. Alguns desafios dos brincantes, mais precisamente os *caretas* quando recitam em versos e loas, por vezes feitos em improvisos, aguçam a curiosidade de quem vê a apresentação, mas, no geral, há uma padronização da sequência das danças e rituais a serem seguidos.

As relações sociais proporcionadas pela apresentação do reisado mostram nítida diferença entre a *performance* do ritual apresentada durante a visita às casas, oportunidade em que há mais situações de integração e improvisos do grupo com as pessoas que acompanham, e aquela apresentada e elaborada como expressão artística para ser fruída por um público espectador. Nas casas, a visita do reisado promove uma série de relações sociais e simbólicas, oportuniza a construção de novas alianças e atualiza os laços sociais já estabelecidos. “Laços simbólicos entre devotos e o santo fortificam-se quando a Folia, por intermédio de sua visita, paga promessas e votos” (CHAVES, 2003, p. 14). Presenciei algumas vezes pessoas que

passavam na casa de Dona Toinha durante o dia para pedir e garantir a passagem do reisado em suas casas. Em geral, tratava-se de um devoto que desejava cumprir o pagamento de uma promessa. Percebo, então, por esses motivos, as redes de relações que envolvem parentesco, compadrio, amizade e vizinhança também fortalecidas no ambiente em que se encontram *brincadores* e devotos.

Apresento a seguir os aspectos melhor percebidos sobre o Reisado do Mutirão em suas visitas às casas da zona rural e da zona urbana, registrados, sobretudo, em relação aos significados mais relevantes para os *brincadores* e devotos em geral e para os propósitos deste trabalho de pesquisa.

2.2.1 Peregrinação na zona rural

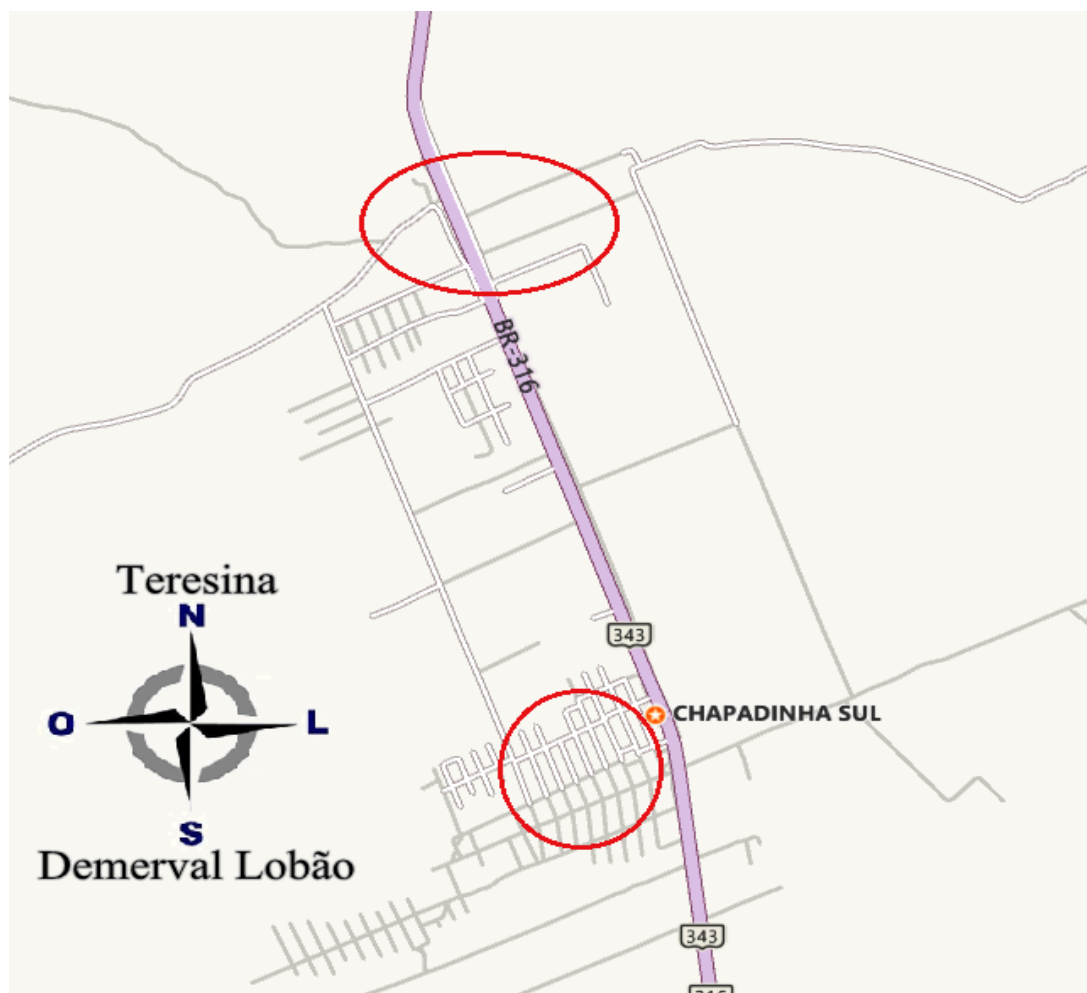
Acompanhei, em dezembro de 2015, o Reisado do Mutirão em peregrinação na zona rural por três noites na localidade Chapadinha Sul (ver Mapa 4). O grupo chegou ao povoado transportado na camioneta do Xavier. Esse era o transporte que também os levaria de volta a casa, tarde da madrugada, quando dessem por encerrada a noite. De acordo com o que ouvi de Dona Toinha, há alguns anos o grupo se acomodava em um rancho¹⁰⁷ quando estava na zona rural, mas, como já mencionei no Capítulo 1 deste estudo, nas vezes em que acompanhei o Reisado do Mutirão não houve dormida em rancho e todas as noites o grupo voltou para dormir em casa.

A primeira noite na zona rural atendeu ao convite do senhor Reis, que é proprietário de um bar e que paga a promessa de apresentar um reisado anualmente. Meu ponto de encontro foi o Bar do Pedro Pequizeiro, onde encontrei Chico Moraes¹⁰⁸, morador da Chapadinha que acompanhou o grupo e orientou Dona Toinha sobre algumas casas que deveríamos passar.

¹⁰⁷ No capítulo 1, em nota de rodapé, expliquei o significado de “rancho”.

¹⁰⁸ Chico Moraes colaborou com a peregrinação do Reisado do Mutirão no ciclo 2015/2016 na comunidade Chapadinha Sul, onde morava e tinha boa articulação com os moradores do povoado. No ciclo 2016/2017 ele adoeceu e veio a falecer em maio de 2017.

Mapa 3 – Comunidade Chapadinha Sul, na zona rural, entre Demerval Lobão e Teresina



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir do aplicativo HERE 2017, Microsoft Corporation.

Entrando na festa, embrenhado no cerne da *brincadeira*, como fazem os miolos¹⁰⁹ dos brinquedos Burrinha, Jaraguá e Boi, que ganham vida na *performance* do ritual, foi possível perceber o encadeamento das transformações sociais e simbólicas do Reisado do Mutirão, partindo do ponto de vista e significado dos que fazem a tradição nos diferentes espaços geográficos. Desse modo, pela oportunidade de acompanhar as noites de peregrinação do reisado na zona rural, que foram meus primeiros contatos como pesquisador, descobri as peculiaridades de cada *brincador*, como abordado na seção “Os *brincadores*” (1.2.2), no primeiro capítulo deste estudo, em que mestre Odílio se mostra mais expansivo ao cumprimentar os moradores e espectadores; Chikin está sempre atento aos caminhos por onde passa o reisado, sejam na zona rural ou urbana; Chechéu divide a atenção entre a musicalidade do grupo e a assistência da cachaça; Macambira agita a levada musical do trio

¹⁰⁹ Pessoa que dança dentro do artefato (Burrinha, Jaraguá e Boi), conferindo movimento e simulando tratar-se de um *bicho* (também chamado de brinquedo, figura ou passarim) vivo na *brincadeira*.

tocando triângulo, interagindo com o público e, algumas vezes em que pede licença ao brincador Dodô, dança como miolo do Boi.

Essas andanças foram propícias para que eu passasse a conhecer e pudesse identificar funções, características, ações e relações sociais dos participantes do reisado, processo ritualístico em que a liminaridade entre os espaços geográficos potencializa o que estaria latente em casa. Foi a partir dessa liminaridade que em uma dessas casas, durante a peregrinação na Chapadinha Sul, fui surpreendido com a convocação de Dona Toinha: “*Seu Vagno, toque no triângulo!*” Na ausência de um tocador do grupo, eu tive que assumir essa função. O momento me pareceu um tanto ritualístico em minha simbólica passagem de “observador” para “participante”. Foi a partir daí que senti minha imersão mais significativa no campo investigativo do reisado, uma espécie de empurrão de aceite, o mesmo que fez Geertz (1989) se sentir dentro da rinha de galo, quando da clássica carreira em Bali.

O cortejo na zona rural percorre a pé consideráveis distâncias entre as casas. Em alguns caminhos, entre casas do povoado, por falta de energia elétrica, a luz da lua foi necessária na iluminação dos *tiradores* de reis. Percebi que as apresentações se prolongaram no sentido de atender a todas as casas que gostariam de receber o reisado. Dona Suna, a viúva de Chico Moraes, contou que

*“No ano passado [ciclo natalino 2016/2017] o pessoal procuraram [pelo reisado], aí o Chico: ‘Não, eu não entrei em contato com o rapaz [Chikin] lá’. [Mas aqui, se eles – os tiradores de reisado – vierem ainda tem gente que quer receber?] Tem. Tem muitos, muita gente.”*¹¹⁰

Diferente da zona urbana, os participantes do reisado ressaltam o acolhimento, o respeito e a religiosidade com mais expressividade na zona rural. Nas palavras do *careta* Odílio: “*Eu acho mais melhor tirar reis na Chapadinha ou lá do outro lado do rio do que aqui em Demerval Lobão*”¹¹¹. Odílio sente a diferença: as casas *do interior*¹¹² acolhem o reisado com mais disposição e os donativos em dinheiro somam quantia maior, enquanto na cidade a arrecadação é sempre menor e, em algumas casas, não abrem a porta e não pagam *nem o do santo*.¹¹³

¹¹⁰ Entrevista concedida por Francisca Moraes (Dona Suna) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, na Chapadinha Sul, em 17/06/2017.

¹¹¹ Conversa com Odílio Bezerra Lima captada por Antonio Vagner Ribeiro Lima, durante os deslocamentos do reisado em Demerval Lobão (PI), no ciclo natalino 2015/2016.

¹¹² A expressão “do interior” está o sentido de pertencente à zona rural. Não confundir com “cidade do interior”, que no Brasil é considerada a cidade de um estado que não seja a capital. “Interior” aqui é “rural”, contrário a “urbano”.

¹¹³ Expliquei o que significa “nem o do santo” em nota de rodapé, no item “Simbologia do reisado” (1.2.1) deste estudo.

A peregrinação de visita às casas na zona rural, como já foi dito, por vezes, enfrenta deslocamentos cansativos. Presenciei, em certa noite de caminhada, que algumas pessoas foram transportadas na camioneta. Eu também levei no meu carro alguns *brincadores*, e outros, apesar da longa distância, foram mesmo a pé. Chegamos a uma fazenda localizada em área ampla, com criação de gado bovino e casa recuada ao longe. Cantamos a *cantiga do Reis* durante muito tempo, aguardando na porteira. Quando esta se abriu, o grupo continuou cantando até chegar à porta da casa. Finalmente o dono da casa abriu a porta e os *caretas* fizeram a parte do ritual de cumprimento: “*Boa noite, Ioiô, boa noite Iaiá*”. Demorou-se um tanto a decidir, por parte do dono da casa, se *botava* os *Passarim tudo* pra dançar ou não. “*Tu tem trocado aí?*”, ouvi o dono da casa conferindo antes de autorizar a dança. “*Bota tudo?*”, pergunta mais uma vez o *careta* Odílio. “*Tu pode pagar só com a casa e o carro*”. Odílio provocou muitas gargalhadas nos moradores e pessoas que acompanhavam o grupo ao ironizar a possível *falta de condição* do dono da casa no pagamento dos *caretas*. Depois da fazenda seguiu-se em peregrinação por casas mais simples, e eu fiquei com a impressão, pelo que presenciei, que quanto mais simples a casa mais fácil (rápida) era a negociação de contribuição com o pagamento do santo e da *brincadeira*.

Os *bichos* artefatos foram guardados na última casa que recebeu o reisado naquela noite por sugestão de Chico Moraes, porque no dia seguinte se continuou na mesma região da Chapadinha Sul. “*Esse ano tá muito bom aqui, o povo ajuda bem no interior. Na cidade não vai nem até meia-noite, tudo fechado, ninguém recebe mais ninguém*”, comentou Chikin, em rápida avaliação que estava sendo boa a receptividade do reisado. “*Melhor que o ano anterior [2014/2015], até*”.

Essa crescente adesão ao Reisado do Mutirão, principalmente na zona rural, conforme ressalta o participante Chikin, é decorrente da animação e do empenho em realizar boas apresentações e garantir reconhecimento por parte de todo o grupo que vê também no período fora do ciclo natalino a oportunidade de levar a brincadeira, o seu ritual e toda a sua tradição a mais pessoas. Sobre um ritual fora de época, Bitter (2008, p. 42) observou que “certos moradores preferem receber a visita [de Reis] no dia 20 de janeiro, pois assim pagam promessa para São Sebastião”. Nesse caso, a conveniência concorreu para ampliar o festejo ou adaptar duas ações de um mesmo universo sagrado. No entanto, a noção de fora do ciclo natalino a que me refiro, neste estudo, aponta para a desvinculação da *performance* do reisado com o festejo de um santo.

À luz das ações, adequações e resistências do grupo, pude observar uma apresentação, na zona rural, no dia 27 de junho de 2015, na localidade Buriti Alegre, município de

Beneditinos (PI), que fica a 30 km de Demerval Lobão. Essa apresentação revelou não o compromisso com o pagamento de promessa, mas com apresentações culturais, cujo ritual, em geral, não é seguido por completo, uma vez que, nesse caso, não acontece *cantoria* nas portas das casas. Dessa forma, a *brincadeira* é adaptada às condições das apresentações para compartilhar o conhecimento da tradição e festejar uma *performance* de entretenimento.

Na oportunidade, o grupo se apresentou em uma festa dançante, realizada no clube/casa do sanfoneiro João Erundino. Para chegar ao povoado saímos à tarde da casa de Seu Chico Porva e Dona Toinha, em uma camioneta, dois carros pequenos e uma motocicleta. Além dos três *caretas*, dos três *tocadores*, dos três *brincadores* dos bichos e de Dona Toinha, o grupo contou em média com 20 pessoas, entre familiares de Dona Toinha, amigos e vizinhos. Atravessamos o Rio Poti pelo pontão¹¹⁴, daí passamos pelas localidades Cachoeira, Cabeça-da-Onça, Barra do Gameleira, Baixa do Gonçalo, São João, Pilãozim, Bom Sucesso, e chegamos à festa. A proposta de João Erundino era apresentar três reisados, três grupos de quadrilhas juninas e encerrar a noite com banda em festa dançante.

Chegamos ainda no final da tarde no povoado. Estando no cenário desse lugar, alguns pontos me chamaram a atenção em relação ao evento daquele dia: um ambiente muito masculinizado, com partida de futebol, grande quantidade de motocicletas, consumo de bebida alcoólica e uso de som automotivo em volume excessivo. Foi um tanto incômodo notar que, enquanto os homens se exibiam, a única referência ao universo feminino eram as letras das músicas veiculadas pelo som de carros, de conteúdo depreciador em relação à mulher. No mesmo local e horário, presenciei uma espécie de ensaio entre o *careta* Odílio e o sanfoneiro João Erundino, que tocou sanfona no Reisado do Mutirão durante 14 anos. Também são perceptíveis o entrosamento, a segurança rítmica, a definição harmônica, bem como um melhor desempenho musical do reisado quando o sanfoneiro é João Erundino. É ele quem melhor interpreta as introduções das *cantigas* e usa tonalidade musical adequada, o que proporciona aos *caretas* uma *cantoria* mais afinada e melhor *performance* musical ao grupo.

Destaco que a apresentação das quadrilhas juninas e da banda prevista por Erundino aconteceu a contento, mas dos grupos de reisado convidados apenas o Reisado do Mutirão se apresentou, porque os outros grupos não compareceram. A apresentação do Reisado do Mutirão foi a primeira atração da noite, que aconteceu na palhoça do clube, com a presença de todos os *brincadores* e de uma modesta plateia. Os *caretas* usaram microfone e assim todos puderam ouvir as loas e *brincadeiras* empreendidas principalmente pelo *careta* mais velho, o

¹¹⁴ Pontão é uma barca guiada por cabos de aço. Tem plataforma usada para a travessia de veículos e pessoas de um lado ao outro do rio. O pontão de Demerval Lobão é movido à manivela e faz travessia no Rio Poti.

mestre Odílio. Numa espécie de desafio agonístico dos *caretas*, também se apresentou um outro *careta* que pertencia a outro grupo, mas ficou muito à vontade para interagir durante toda a *performance*. Esse ponto merece atenção para ressaltar as alianças formadas entre os diferentes grupos de reisados, em destaque o Mutirão, e que, embora houvesse alguma disputa, não vi conflito de forma explícita.

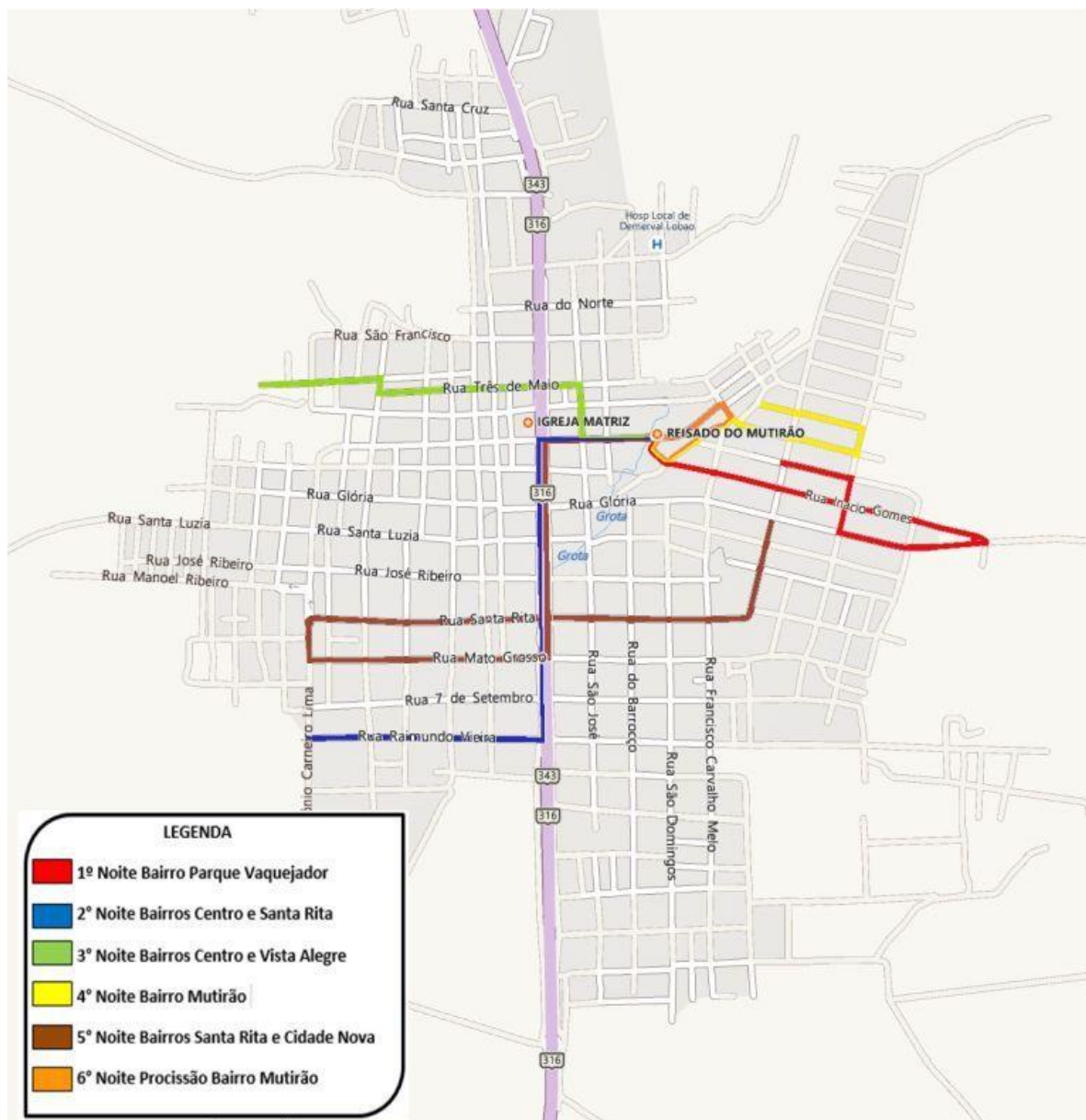
Durante o período em que acompanhei o Reisado do Mutirão, presenciei apenas essa apresentação, na zona rural, fora do ciclo natalino. Contudo, tive a oportunidade de presenciar outros dois momentos: no I Simpósio de Antropologia da UFPI, em Teresina, aquela que foi também a primeira vez em que o grupo se apresentou na capital, em julho de 2016, e outro momento por ocasião da Semana do Folclore, na Escola Municipal Filomena Mendes Ribeiro, em Demerval Lobão, em agosto de 2017. Foram essas as duas apresentações que caracterizaram a participação do Reisado do Mutirão fora do ciclo natalino na zona urbana.

2.3.2 Peregrinação na zona urbana

Na zona urbana da cidade, os cortejos são acompanhados com entusiasmo pelos moradores de várias idades. Atualmente são dois os reisados em atividade em Demerval Lobão: o do fenômeno aqui investigado, no bairro Mutirão, e o Reisado do Raimundo Crispiano, no bairro Piaçava.

A seguir, apresento um mapa com as rotas e direções do Reisado do Mutirão na cidade de Demerval Lobão, perspectiva vista de cima, construído a partir do relato do *careta* Chikin. O roteiro demonstra como exemplo a peregrinação do reisado no ciclo natalino 2016/2017. Para cada noite foi escolhida uma cor: 1ª noite (vermelho) - peregrinação pelo bairro Parque Vaquejador; 2ª noite (azul) - peregrinação pelo Centro e bairro Santa Rita; 3ª noite (verde) - peregrinação pelo Centro e bairro Vista Alegre; 4ª noite (amarelo) - peregrinação pelo bairro Mutirão; 5ª noite (marrom) - peregrinação pelo bairro Santa Rita e Cidade Nova; e na 6ª noite (laranja) - roteiro da procissão no bairro Mutirão, chegando à casa de Dona Toinha, onde acontecem os rituais de encerramento da festa de Santos Reis, no dia seis de janeiro.

Mapa 4 – Rota de peregrinação do Reisado do Mutirão em Demerval Lobão



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir do aplicativo HERE 2017, Microsoft Corporation.

Os grupos de reisado diminuíram em quantidade, mas a animação tradicional de *caçar reisado* parece ainda continuar nas noites de Demerval Lobão. Sobre essas andanças nas ruas, Kevin Moraes Campelo (2017) nos fala da noção prévia da direção que o reisado segue, tendo como base as experiências bem-sucedidas de anos anteriores, observando como critérios: demanda, acolhimento e lucro. Segundo o autor,

É o povo que traça a rota do reisado. À medida que o reisado segue caminhando, cada vez mais pessoas passam a acompanhar o grupo de reiseiros, formando uma pequena multidão de seguidores. Sendo assim, não é difícil encontrar o reisado na cidade. Os informes de boca em boca, o fluxo

de movimentações, indicam a zona de apresentações; o eco dos gritos e das batucadas, revelam finalmente o ponto exato (CAMPELO, 2017, p. 44).

E foi dessa forma que em algumas noites eu encontrei o cortejo. Ouvindo a direção em que vinha o som ou simplesmente perguntando aos moradores nas ruas: o reisado passou por aqui? Em geral as pessoas têm satisfação em orientar sobre a direção do reisado na cidade de Demerval Lobão. Chikin me informou que

*“Tinha outros reisados aqui mesmo na cidade. Já teve ano, época mermo de três, quatro ano seguido que tinha cinco reisado. Hoje tem no máximo dois, talvez esse ano que vem agora [2016] se tiver é esse [Reisado do Mutirão] daqui, porque tinha outro rapaz que tirava aqui [em Demerval Lobão], mas já tá até vendendo todos os instrumento dele, nem vai tirar mais.”*¹¹⁵

De fato, quando Dona Toinha assumiu a promessa de andar com o Reisado do Mutirão, outros grupos de reisado também peregrinavam pela cidade. Segundo o que ouvi de Chico Sanfoneiro,

*“Eram uns quatro que mexiam com Santo Reis. Esse ano [2016] só vai mexer dois. [Quem eram os que mexiam?] Lá mexiam o Bacatuba, o finado Raimundo Ribeiro – que vai fazer uns quatro mês que morreu. Aí agora tá o Chico Porva [do bairro Mutirão] e o Raimundo Crispiano [do bairro Piaçava].”*¹¹⁶

Dona Toinha não tem contato com Raimundo Crispiano, embora dê notícia do reisado dele. Quando perguntei se o outro reisado tinha *tirado reis* em 2016, ela, de pronto respondeu: *“Tirou, mas num prestou não porque disse que os trabalhador são fraco, só viviam bebo”*¹¹⁷. No entanto, em visita ao Reisado do Raimundo Crispiano, no bairro Piaçava, no final de 2016, observei que havia certa organização na preparação de seu grupo, inclusive com ensaios, atividades coordenadas pelo filho Noé Crispiano, que também é *careta* no grupo. Quando perguntei a Noé sobre o Reisado do Mutirão, se Dona Toinha iria *tirar Reis* em 2017, ele respondeu: *“Vai não porque os menino tão tudo empregado”*¹¹⁸. E quando insisti sobre o dia da festa do Reisado do Mutirão, sobre como seria se não *tirassem* o reisado, objetou: *“É, mas faz só um terço no dia. Só um tercim, um café”*. No entanto, a festa do Dia de Reis do

¹¹⁵ Entrevista concedida por Francisco Martinho de Sousa Filho (Chikin) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, no dia 04/06/2015, em Demerval Lobão (PI).

¹¹⁶ Entrevista concedida por Francisco Cipriano dos Santos (Chico Sanfoneiro) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, no povoado Chapadinha Sul, entre Demerval Lobão e Teresina, em 24/12/2015.

¹¹⁷ Entrevista concedida por Dona Toinha a Antonio Vagner Ribeiro Lima, no bairro Mutirão, em Demerval Lobão (PI), no dia 13/01/2016.

¹¹⁸ Entrevista concedida por Noé Crispiano a Antonio Vagner Ribeiro Lima, no bairro Piaçava, em Demerval Lobão (PI), no dia 27/11/2016.

Reisado do Mutirão que presenciei em 2017 foi considerada grande, movimentada e teve a participação das pessoas da comunidade, como a que aconteceu em 2016.

Sobre as relações sociais entre os reisados, não presenciei nenhuma troca de visita ou outra cortesia durante as peregrinações ou na reza de encerramento. A única oportunidade em que vi pessoas de reisados diferentes compartilhando o mesmo espaço aconteceu nos abrigos comunitários que partilhamos na romaria ao Juazeiro do Norte e Canindé, no Ceará, conforme analisei na seção “Romarias e festejos” (2.1) desse capítulo.

Na peregrinação, atenta a uma *performance* de tempo e espaço que se forja diferente a cada casa, Dona Toinha precisa usar improviso na escolha pelo tipo de abordagem que fará ao dono da casa. Em algumas situações presenciei a dona do reisado questionando discretamente a algum vizinho ou mesmo ao seu filho Chikin:

“Será que tem alguém aí? Eles recebem? Canta ou não canta?”¹¹⁹

Ressalto que vi poucas vezes Dona Toinha parar para consultar alguém se deveria cantar em determinada casa ou não. Em linhas gerais, o reisado canta logo arriscando o abrir ou não da porta. Abordarei esses processos de negociação na seção intitulada “O pagamento no Reisado do Mutirão”, no capítulo 3 deste estudo.

O Reisado do Mutirão, no contexto ritual, representa a cidade de Demerval Lobão, mas segue em via de mão única. Os setores mais institucionais da cidade não acompanham essa prática social. Assim, somente enquanto protagonista de processo ritual, o reisado renasce anualmente no ciclo natalino. Mesmo sendo reconhecido como *brincadeira*, o reisado desenvolve suas atividades de religiosidade, participa de romaria, festejos e, em especial, realiza a festa de Santos Reis, que envolve peregrinação e reza desde 1993. Além de estar situado a menos de 500 metros da igreja católica matriz e, apesar do último pároco ter trabalhado durante seis anos e seis meses em Demerval Lobão, o Reisado do Mutirão passou despercebido aos olhos da instituição religiosa.

“[Então o que eu perguntei primeiramente de Reis você não chegou a ver] Francamente eu não sei nada. Tô sabendo agora [...]. [É por isso que eu disse: rapaz eu vou conversar com o padre porque de fato muita gente não tem acesso.] Não tem acesso porque às vezes é um grupo, um grupozim particular que tem sua devoção, sua brincadeira, que diz, né? [Aí também lá mesmo eles fazem] É. Não

¹¹⁹ Antonio Vagner Ribeiro Lima. Notas do caderno de campo. Ciclo natalino 2015 / 2016.

tem nenhuma ligação com a Igreja. De vez em quando um grupo desses, quando tem devoção, é que mandam celebrar uma missa.”¹²⁰

O padre deixa claro que não conhece o Reisado do Mutirão. E, mesmo sem conhecer, imagina tratar-se de um “gruposim particular”, o que difere totalmente da representatividade do reisado, formado em sua grande parte por coletivos humanos que envolvem parentesco, amizade, compadrio, vizinhança e, longe de ser um particular, carrega a denominação simbólica de todo o bairro Mutirão. Conversei também com o pároco atual (em 2017). Ele me informou que está há dois anos e cinco meses em Demerval Lobão.

“[O senhor conhece algum reisado, assim, que faça essa celebração... que fazem a festa de peregrinação, né? do dia de Reis?] Rapaz, até que tem, mas as pessoas... eu nunca participei não, de nenhum não, assim não [...]. É porque a festa de Reis... eles fazem, assim... famílias isoladas, né? Eu até já fui num, mas só almocei... porque não dava pra mim participar à noite, né? Eu fui durante o dia, só almocei lá, mas não participei durante a noite. [Em Demerval Lobão mesmo, né?] É, foi. [Você lembra qual foi o bairro?] No bairro Boa Esperança.”¹²¹

O pároco atual não tem conhecimento sobre o Reisado do Mutirão e, assim como seu antecessor, imagina tratar-se de “famílias isoladas”, o que não condiz com o que representa o grupo. Assim, a prática segue sua celebração com elementos pagãos e cristãos, na dimensão do profano e do sagrado, imersa nas crenças religiosas, permeadas muitas vezes pela falta de reconhecimento e valorização, mas, sobretudo, arraigadas em seu compromisso de ritual, de *brincadeira*, de pagamento de promessa e de festa.

2.3 A festa do dia seis de janeiro

A festa do dia de Reis encerra as *tiradas*¹²² de reisado que acontecem no ciclo natalino, compreendido entre 25 de dezembro a 6 de janeiro. Na prática, pode haver variação na duração desse ciclo. Foi o que aconteceu com o Reisado do Mutirão, que no ciclo natalino 2015/2016 começou sua peregrinação em 24 de dezembro. Já no ciclo 2016/2017, a visita às

¹²⁰ Entrevista concedida por José Adelino Rios da Silva (Padre Adelino) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Teresina, por telefone, no dia 02/06/2017.

¹²¹ Entrevista concedida por Wanderley de Moraes Ferreira (Padre Wanderley), em Demerval Lobão (PI), a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Teresina, por telefone, no dia 02/06/2017.

¹²² O termo “tiradas” vem de “tirar reis”, termo que expliquei em nota de rodapé do item “O Reisado do Mutirão”, no primeiro capítulo deste estudo.

casas só teve início em 2 de janeiro. Contudo, independentemente do dia em que começam as andanças, o encerramento se dá sempre em seis de janeiro, que é o dia da reza de Santos Reis.

Em 2016, primeiro ano de meu estudo, dois porcos (um de 75 kg e outro de 60 kg) foram preparados para alimentação dos que passaram pela casa de Dona Toinha.

*“É tudo de graça, se você vê, aqui, desde o dia cinco já tá aquele horror de gente no quintal. É bom demais.”*¹²³

Na oportunidade, Dona Toinha me informou que parte desses porcos é assada e preparada para ser *joia* do leilão e que os objetos arrematados se tornam a fonte de renda da festa, pois o apurado do leilão é a quantia em dinheiro angariada que mais ajuda no pagamento das inevitáveis despesas do reisado.

Nesse dia seis janeiro, encerramento do reisado, desde cedo da manhã, Dona Toinha recebe pessoas em sua casa. Em geral, há acolhimento com comida a todos que por ali chegarem, no entanto, é certo pensar que a gratuidade da comida está condicionada ao nível de relação social com os donos da *brincadeira*. Pude perceber que, mesmo que não esteja declarado, há trocas, influências, disputas, visibilidades e relações de interesse em jogo. Presenciei nesse dia o momento em que o prefeito da cidade entrou na cozinha de Dona Toinha e serviu, sem cerimônia, seu próprio prato. O significado desse gesto simbólico pode ser creditado como forma de prestígio especial ao Reisado do Mutirão, o que dá a esse reisado credencial de representatividade na visão dos moradores do bairro e também de Dona Toinha, que precisa se defender de críticas como:

*“Quem faz reisado é um meio de vida porque ganha muito dinheiro.”*¹²⁴

Em se tratando de reações sociais, é sabido que as dádivas não são livres. De acordo com Mauss (2003, p. 303), “são já, em sua maior parte, contraprestações, feitas em vista não apenas de pagar serviços e coisas, mas também de manter uma aliança proveitosa”. No universo do reisado, as trocas, em suas condições de não serem recusadas, obrigam as pessoas mutuamente. De modo semelhante, Caddah (2014, p. 187) observou as relações que envolvem alimento no Reisado Boi Estrela, do mestre Raimundo Branquinho, na festa do dia de Reis:

¹²³ Entrevista coletiva concedida por Antonia Bezerra Lima (Dona Toinha) e Francisco Martins de Sousa (Seu Chico Porva) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), no dia 08/05/2015.

¹²⁴ Entrevista concedida por Antonia Bezerra Lima (Dona Toinha) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), no dia 13/01/2016.

O alimento oferecido aos convidados e aos companheiros de reisado deve ser retribuído em contraprestação. As dádivas são ao mesmo tempo livres e obrigatórias, interessadas e desinteressadas, materiais e simbólicas. São dívidas que retornam ciclicamente, configurando o vínculo entre aqueles que participam do reisado. Trocas de bens e favores que estreitam as relações, constituindo e renovando proveitosas alianças.

As alianças apontadas pela pesquisadora estão presentes em todos os espaços e tempos do reisado. Nesse meio de ética moral própria do campesinato, a comida é sagrada e, assim sendo, não deve ser cobrada a nenhum preço. Seria imoral falar em pagamento de algo que se consome dentro da casa (DAMATTA, 1997; SOUSA, 2012). No entanto, nesse mesmo dia seis, em homenagem a Santos Reis, saindo na calçada da casa de Dona Toinha, que já é rua, duas formas de pagamento¹²⁵ serão licenciadas: o beija-santo, no altar de Santos Reis (pagamento como esmolas, devoção); e o leilão, que será *gritado*¹²⁶ (pagamento em dinheiro, diversão). Esse é um ritual profano que, por meio do que se paga, dá poder ao homem, e aquele, um ritual religioso que, pela esmola que se oferta, louva o santo. Esses dois momentos do dia seis acontecem após a procissão e a reza do terço.

A procissão do dia de Reis saiu da casa de Dona Toinha às 18h, em 2017, uma hora mais tarde do que saiu em 2016. A bandeira com o santo vai à frente e as pessoas vão logo atrás. O grupo é composto por moradores, *brincadores*, devotos e espectadores em geral, que seguem caminhando *pelas esquerdas*¹²⁷. Poucas mulheres cantavam benditos, e percebi que eles eram praticamente os mesmos que são cantados nos festejos de santos nas casas e nas romarias. Na mesma hora em que caminhava a procissão havia muitas conversas, *brincadeiras* e pessoas fazendo pilhérias muito próximas ao grupo menor que rezava ou cantava. Ao contrário do que comumente se vê em uma procissão, o barulho das falas e risos se sobressaía aos benditos e rezas e dava a impressão de que o lado profano falava mais alto no Reisado do Mutirão.

O cortejo seguiu dando uma volta pelo bairro Parque Vaquejador (ver Mapa 2) e retornando ao bairro Mutirão, um giro em torno de 600 metros. Nesse percurso,

¹²⁵ Os termos que envolvem pagamento estão analisados na seção intitulada “O pagamento no Reisado do Mutirão”, no capítulo 3 deste estudo. De todo modo, é certo pensar que a gratuidade da comida na casa de Dona Toinha está condicionada ao nível de proximidade da relação social com os donos da *brincadeira*. “Tudo é troca; tudo é pago”.

¹²⁶ “Gritar o leilão” é o termo que se usa para a ação de anunciar e negociar as joias do leilão. No Reisado do Mutirão, o “gritador” do leilão é Raimundo Ivan.

¹²⁷ Ressalto que a procissão sai “pelas esquerdas”, em contraponto ao “pelas direitas” que se estabeleceu em alguns rituais de peregrinação (STEIL, 1996; PEREIRA, 2011), em que o sagrado (direito) precisa ser ostentado como superior (HERTZ, 2016) ao profano (esquerdo). “Pel as direitas” é termo que expliquei na seção Romarias e festejos, capítulo 2 deste estudo. Percebi que seguem “pel as esquerdas”, embora não tenha ouvido comentário de ninguém sobre essa consciência na saída da procissão, como ouvi na saída da romaria.

tradicionalmente o reisado *tira* em três casas: na casa do João Mariano¹²⁸, na casa do Manoel Pelônio¹²⁹ e depois na casa do Marcelo Pilica. Em todas as casas do dia seis, os *caretas* se apresentam e os *bichos* são dançados por completo¹³⁰.

O encerramento na frente da casa de Dona Toinha começa com a reza do terço. Em 2016 a reza foi toda cantada, puxada principalmente por Dona Ana e Carlito e acompanhada por um grupo grande de pessoas, na sua maioria senhoras do bairro Mutirão. Em 2017, Dona Ana não pôde estar presente e o terço foi rezado e novamente puxado por Carlito e acompanhado pelos presentes. Alguns benditos são cantados no encerramento do terço.

Após a reza do terço, o grupo de reisado canta a *cantiga do Reis* e acontece um *beija-santo*¹³¹ diferenciado, em que cada pessoa se ajoelha em frente ao altar, se benze e oferta alguma *esmola* em dinheiro ao santo. Nessa ocasião, todos os *caretas*, um a um, se ajoelham e se benzem. É o único momento do ritual em que simbolicamente a máscara é tirada. Depois dessa parte começa o leilão. O leilão é *gritado* por Ivan Vaqueiro, e em alguns momentos o *careta* Odílio interfere recitando algumas estrofes de vaquejada. As pessoas presentes se divertem e incentivam Odílio a cantar mais. Ele aproveita para lembrar que “*depois do leilão ainda vão matar os bichos e repartir o Boi*”.¹³²

Após o leilão, o reisado é apresentado pela última vez. Segue a mesma sequência: *cantiga do Reis*, dança da Burrinha, dança do Jaraguá e dança do Boi. O diferencial desse do dia seis de janeiro é que o Boi, além de ser acolhido por aboios e versos de vaquejada, de dançar e de brigar, ele morre simbolicamente, parte do ritual performatizada pelo *careta* mais velho, que reparte o Boi e oferece, por meio dos versos cantados, cada pedaço a uma pessoa¹³³. Depois da repartição do Boi, este simbolicamente “ressuscita” e volta a dançar ainda com mais entusiasmo, ao som de *cajueiro abalou*¹³⁴.

A última parte do ritual, espécie de despedida do ciclo, é o *tira-saia* dos *caretas*, em que os *caretas* dançam um baião, um a um, em frente ao santuário da parede da sala de

¹²⁸ João Mariano é João Bezerra Lima, irmão de Dona Toinha.

¹²⁹ Manoel Pelônio é esposo de Dona Maria. Na casa deles é festejado o dia de Todos os Santos, como abordei na seção “Romarias e festejos” (2.1) deste capítulo.

¹³⁰ “Por completo” eu me refiro à apresentação dos *bichos* do reisado que está identificada como modalidade “bota tudo e separado”, classificação que analiso na seção “O pagamento do Reisado do Mutirão”, capítulo 3 deste estudo.

¹³¹ Expliquei o termo “beija-santo” em nota de rodapé no item “Dinâmica do ritual” (1.2), no primeiro capítulo deste estudo.

¹³² Áudio da fala de Odílio Bezerra Lima registrado por Antonio Vagner Ribeiro Lima, no dia 06/01/16, em Demerval Lobão (PI).

¹³³ Apresento a repartição do Boi, de forma mais detalhada, na seção “Dinâmica do ritual”, no item “O que diz a cantoria”, no primeiro capítulo deste estudo.

¹³⁴ Expliquei o termo “cajueiro abalou” em nota de rodapé, na seção Dinâmica do ritual (1.2), no primeiro capítulo deste estudo.

entrada da casa de Dona Toinha. Cada *careta* dança e vai desatando o cordão até a saia cair no chão. Quando a saia cai, o *careta* para de sapatear, tira a máscara e deixa-a cair sobre a saia. Daí segue para a cozinha, sem olhar para trás. Imediatamente Seu Chico Porva recolhe a saia e a máscara, deixando o espaço livre para o próximo *careta*, que cumpre a mesma sequência do ritual. Poucas pessoas presenciam esse gesto ritual, mas percebi que cada *careta* sai dali emocionado por ter cumprido mais uma missão. Alegoricamente há uma demarcação de passagem materializada nas saias abandonadas no chão da sala. E o fato de não olharem para trás indica que, a partir daquele momento, o reisado, ali representado pelos gestos dos *caretas*, cruzou a linha simbólica da “margem”, termo de Van Gennep (2013), e reintegrou-se ao cotidiano, pronto para seguir mais uma etapa na vida de seus participantes, renovados em múltiplos sentidos.

3 “SANTO REIS MANDOU DIZER PRA VOCÊ ME PAGAR”

Neste capítulo, analiso especificamente as relações de pagamento no Reisado do Mutirão. Sob a lente da etnografia e fundamentado em estudos sobre alianças e reciprocidades (MAUSS, 2003) e processos rituais (TURNER, 2013), proponho compreender que o pagamento no Reisado do Mutirão se reveste de práticas, comportamentos e valores, que, mesmo carregados de relações religiosas simbólicas, não estranham as relações ditas financeiras, as ponderações econômicas nos contratos informais de negociação.

Ao analisar as relações com o pagamento, seja no que diz respeito à *penitência*¹³⁵ que Dona Toinha diz ter para com Santos Reis todos os anos, seja no que concerne aos donativos, esmolas, cachê dos *tocadores*, gastos com a confecção dos brinquedos, pagamentos nas casas, refleti sobre os custos da *brincadeira* do Reis e a influência que isso tem sobre o “pagamento” da promessa e sobre a *performance* do ritual. Contudo, para chegar às análises deste fenômeno de estudo, desenvolvi junto ao Reisado do Mutirão a experiência de observação participativa que me colocou no lugar da *brincadeira*, vivenciando de perto cada dinâmica do ritual, com suas simbologias significadas pela ação dos *brincadores*, na eficácia das palavras entoadas na *cantoria* de cada *bicho* ou falada na *performance* de persuasão dos *caretas*.

Em peregrinação com um grupo de pessoas do bairro Mutirão, tive a oportunidade de sentir na prática certos significados partilhados entre os participantes do reisado nas suas relações sociais com a comunidade. Desse modo, vivenciei, na atualização de alianças estabelecidas em eventos realizados fora da época natalina, a evocação constante de elementos oriundos da festa de Reis, que acionados em práticas do cotidiano, dada a riqueza de detalhes, transcendem o que seriam apenas observações ou apontamentos teóricos, o que caracterizou uma experiência geradora de conhecimentos e sentidos diversificados.

Nas romarias que fizemos fora da cidade de Demerval Lobão e nos festejos dos santos nas casas, percebi formas de atualização de tradição e reafirmação de fé. Com isso, a trajetória que percorri até aqui junto ao Reisado do Mutirão me licenciou a chegar perto e apreender análises valiosas a partir do pagamento, objeto foco deste estudo. Assim, identifiquei diferentes dimensões e formas de pagamento, observei que há critérios para negociar e que há diferença entre negociar com o sagrado e negociar com o profano. Para negociar com o sagrado, esses critérios dependem de uma análise sob a ótica maior da devoção, das diversas

¹³⁵ A categoria “penitência” aqui está com o sentido que foi explicado por Dona Ana (no item 2.1, intitulado “Romarias e festejos”, deste estudo), de devoção de ação contínua, diferente da promessa, que pode ser paga e se acabar. A penitência figura como devoção mais duradoura que a promessa. No geral, trata-se de um propósito para toda a vida.

necessidades dos envolvidos nesse contexto. Subjetivamente, Dona Toinha leva em conta as condições sociais e de saúde de quem recebe o reisado, se há crianças interessadas em assistir à *brincadeira*, se o ambiente é receptivo, se o dono da casa é parente, compadre ou amigo, dentre outras variáveis. Para negociar com o profano, a exemplo dos contratos informais com *brincadores*, tocadores, serviços de transporte, compra de alimentos e outras necessidades, os valores são avaliados em acordo com as condições locais, embora seja possível, no universo do reisado, que esses sejam influenciados pelo diálogo inevitável entre a promessa e a realização da *brincadeira*.

Dadas a estrutura de grande interatividade e a dinâmica de atuação, próprias das atividades de *tirar Reis*, invisto na ideia de que o reisado, dentre os grupos de expressões de religiosidade popular da região, apresenta-se como prática social que promove expressiva mediação entre o que é sagrado e o que é profano, o que se recebe e o que se paga nesse processo ritual de saber o que pode vir depois e o que deve ser primeiro. Nesse sentido, pautei minhas análises em duas categorias: a primeira diz respeito à obrigação em relação à devoção; e a segunda evidencia o pagamento sob três aspectos: o cumprimento da promessa a ser paga, o contrato com os *brincadores* do reisado e a autorização da *brincadeira* nas casas, conforme abordarei a seguir.

3.1 “Primeiro a obrigação pra depois a devoção”

Os conceitos de “obrigação” e “devoção” estão aqui pensados na perspectiva de Marcel Mauss (2003), para quem a obrigação se desdobra em três dimensões simbólicas: dar, receber e retribuir. De acordo com esse autor, a obrigação de dar figura como essência desse sistema de dádivas trocadas.

É um constante “dar e tomar”. É como que atravessada por uma corrente contínua e em todos os sentidos, de presentes dados, recebidos, retribuídos, obrigatoriamente e por interesse, por grandeza e por serviços, como desafios e garantias (MAUSS, 2003, p. 226-227).

A obrigação do dar, observada pela maneira com que os homens trocam as coisas, pode ser pensada como um alerta. Explica Mauss (2003, p. 202): “recusar dar, negligenciar convidar, assim como recusar receber, equivale a declarar guerra; é recusar a aliança e a comunhão”. Portanto, o prestígio nasce com a dádiva e com aquele que tomar a iniciativa. Nesse sentido, o dar não é desinteressado; as dádivas estabelecem hierarquia. Nessa perspectiva, Mauss (2003, p. 305) aponta que “dar é manifestar superioridade, é ser mais, mais elevado, *magister*”.

De acordo com o autor, a obrigação atua como uma força de retribuir o que foi recebido. Nesse sentido, “a obrigação de receber não é menos constringente. Não se tem o direito de recusar uma dádiva [...]. Agir assim é manifestar que se teme ter de retribuir, é temer ter de ‘ficar calado’ enquanto não se retribuiu” (MAUSS, 2003, p. 247). O autor salienta ainda que “aceitar sem retribuir, ou sem retribuir mais, é subordinar-se, tornar-se cliente e servidor, ser pequeno, ficar mais abaixo, *minister*” (MAUSS, 2003, p. 305). Assim sendo, no caso do Reisado do Mutirão, a obrigação está relacionada ao cumprimento da promessa de Dona Toinha em homenagear Santos Reis, assim também como o dono da casa, na condição de devoto, sente-se na obrigação de receber o reisado como dádiva. Das pessoas que acompanham o reisado, boa parte delas o faz por devoção, muitas estão ali por diversão e algumas participam por pagamento de promessa, o que caracteriza certa obrigação. Para Dona Toinha pagar sua dívida religiosa de promessa, ela tem que pagar um preço, no sentido financeiro mesmo, para dar cumprimento.

“Aí me senti mal do último menino. Aí eu fiz uma promessa a Santo Reis. Aí eu num sei esse ano [2016/2017]. Só se me derem uma ajuda. Se num me derem eu tô fraca. Tem que pagar o tocador. Tem que pagar o rapaz que bate o pandeiro. O que bate o triângulo... tem que pagar. O cantador tem que pagar. E aí, do dinheiro das esmolas, o que você acha? E aí tem que comprar o que comer. Porque eu vou lhe dizer: começa aqui no dia 25 de dezembro, aí pronto. Té o dia 6 de janeiro. [A casa] Lotada, lotada, lotada! É lotada! Aqui não tem de comer que chegue. E chega porque a gente vai na rua, compra um fardo de arroz, bota aí, e é feijão, e é uma carne, é tudo. E a casa é lotada. A casa é lotada. Lotada. E graças a Deus nunca faltou.”¹³⁶

Nesse entendimento, no pagamento da promessa existe a obrigação de festejar o santo e isso implica outros deveres – o cuidado com os amigos, vizinhos e parentes nas redes de solidariedade e convivência –, assim como conflitos e tensões que nascem dessas relações. Sobre isso, um ponto me chamou atenção, o diálogo entre o que é sagrado e o que é profano na realização da *brincadeira*, para então analisar a linha tênue do reisado.

Nessa perspectiva, meu estudo junto ao Reisado do Mutirão contemplou com acuidade os detalhes do ritual de obrigação e devoção religiosa em contraponto com os elementos profanos da *brincadeira*. Daí foi possível pensar sobre essa linha tênue que separa os universos conceituais religioso e mundano, mediante as relações com o pagamento.

Ao abordar o pagamento no Reisado do Mutirão, preciso enfatizar que a negociação do pagamento é marcada por diversos fatores que conduzem a afirmação da protagonista

¹³⁶ Entrevista coletiva com Dona Toinha (Antonia Bezerra Lima) e Seu Chico Porva (Francisco Martins de Sousa), concedida a Kevin Moraes, em Demerval Lobão (PI), no dia 28/09/2016.

Dona Toinha, ao ressaltar que no reisado todos os participantes devem ter a certeza de que “primeiro deverá respeitar a obrigação pra depois a devoção”. Nesse universo ritualístico, Dona Toinha refere-se ao reisado como “minha promessa”, ou seja, algo que se comprometeu em cumprir “enquanto vida tiver”. Isso explica certamente a ênfase dada à valorização da obrigação enquanto pagamento da promessa. Para isso, as relações de Dona Toinha com Santos Reis e assim também todas as ações dos *brincadores* e participantes do reisado devem observar prescrições rituais que preservem a noção de “separado”¹³⁷ do cotidiano, que remete ao que é sagrado.

Nesse sentido, destaco o cuidado de analisar a categoria principal deste estudo, o pagamento, inicialmente como elemento sagrado, no momento em que está inserido em um ritual, ou seja, em que recebe um sentido de um todo cerimonioso do qual ele é parte. O que envolve dinheiro nas práticas habituais é profano, no entanto, em se tratando de um ritual religioso, caso do reisado, esse objeto está apartado do seu uso cotidiano, tanto o é que é chamado de “esmola”, termo familiar a esse universo. É o que destaca Rodrigues (2006) sobre a razão proposta por Radcliffe-Brown (1973) em chamar de “atitude ritual” ou “relação ritual” a referência ao modo de proceder com respeito, atitudes obrigatórias e especiais que devem ser observadas. “A terminologia de Radcliffe-Brown tem, ademais, o mérito de não permitir que a sacralidade seja centrada no objeto, mas na atitude, na relação” (RODRIGUES, 2006, p. 31). Desse modo, o pagamento no Reisado do Mutirão que analiso aqui, embora lide com o dinheiro, a *esmola* em espécime, transcende o caráter de mera troca mercadológica e atinge reciprocidades e trocas sociais resultantes das negociações simbólicas com o sagrado. Em algumas situações do ritual analisado neste estudo, o pagamento pode atingir a noção de dádiva (MAUSS, 2003), configurando o oposto da troca mercantil e atendendo mais ao caráter universal da tríplice obrigação: dar, receber e retribuir. Nesse entendimento, o dinheiro pode tocar elementos sagrados e pode fazê-lo de várias formas, desde que atenda às necessidades próprias dessa negociação (BAPTISTA, 2007). Insisto, e está expresso no título do trabalho, que o pagamento é analisado a partir do ritual do Reisado do Mutirão.

De modo semelhante, o valor funcional da dança, assim como o dinheiro, de forma descontextualizada, nada acrescenta do seu valor em si, mas dentro de um processo ritual, reinventa-se a partir dos sentidos que se afiguram sobre essa cerimônia. Exemplo é o que Evans-Pritchard (2014) analisa sobre a dança dos *zande*, nas tarefas rituais que se colocam como obrigação, inserida, nesse caso, no contexto de uma dança nativa. A dança da cerveja *zande* acontece em festas dedicadas aos espíritos dos mortos. “Erigir sobre o túmulo de uma

¹³⁷ Penso em “sagrado” no sentido de “separado”, da tradução grega de *kadash*, aquilo que está apartado do cotidiano.

pessoa morta um monumento feito de uma pilha de pedras é uma obrigação sagrada para seus parentes, e pode ser cumprida entre o primeiro e o quinto ano após o funeral” (EVANS-PRITCHARD, 2014, p. 36). Para ele o observador destreinado está tão pouco acostumado a considerar as instituições à luz do seu valor funcional que o seu relato comumente deixa de oferecer ao pensador teórico o único fator capaz de capacitá-lo a estimar sua significação: a ocasião da dança. No Reisado do Mutirão, essa “ocasião” é o que faz sentido pensar na autorização da dança dos bichos que é acionada pelo “pagamento” em uma das dimensões analisadas sobre essa categoria neste estudo.

A obrigação traz no bojo desses significados um termo congênere, que é a “desobriga”, entendida como não ser mais forçado a uma obrigação (por exemplo, pagar uma dívida de promessa); historicamente remonta a uma espécie de evento comunitário, performatizado em lugares de difícil acesso, onde a presença do padre era aproveitada para “pagar” várias “obrigações” religiosas, dentre outras atividades sociais e culturais¹³⁸. Nesse ambiente do reisado, e por extensão de sentido, a desobriga é uma forma de o fiel se desobrigar do dever, pagando-o. No Reisado do Mutirão, para pagar a dívida de Dona Toinha com o santo, o grupo faz durante cinco a nove dias a peregrinação de casa em casa, na zona rural e urbana, sempre à noite, em louvação a Santos Reis, ocasião em que angariam donativos em dinheiro ou objetos para a realização da festa de Reis, no dia seis de janeiro. É certo que não dá para realizar a festa antes de “preparar” tudo que o ritual exige. A proposição “primeiro as obrigações pra depois as devoções” é conhecida como lição de “moral” e “respeito” com o ritual da festa, que se reflete do cotidiano dos arranjos sociais envolvidos.

Em relação à obrigação e à diversão, ficam claras as ideias antagônicas que nem sempre apresentam uma separação definida entre o sagrado e o profano. As práticas ritualísticas das *tiradas* de Reis inseridas no universo social do Reisado do Mutirão contribuem para essa conjugação entre o profano e o sagrado. Importantes elementos que reforçam essa estreita relação entre esses dois planos estão no universo da linguagem, a exemplo das falas ritualísticas dos *brincadores*. As *loas*, também conhecidas como *lodaças*, *leriados*, troças ou lorotas, são termos usados para denominar o recital protagonizado pelos *caretas*. Neste estudo, o que dizem os *caretas* está aqui analisado na sua relação com o pagamento, tendo em vista que é a partir da *performance* convincente desses personagens que

¹³⁸ Essas celebrações ainda são desdobramentos da conquista dos espaços coloniais portugueses pela evangelização e catequese dos índios e pelos serviços religiosos prestados aos colonos pela Igreja Católica em todo o Brasil. Conforme Áurea Pinheiro (2012, p. 1) aponta, “no Piauí a atuação da Igreja Católica nos séculos XVII e XVIII precedeu a constituição das vilas e cidades, pois, antes da instalação oficial da Capitania de São José do Piauí, os missionários já pregavam aos índios e faziam as desobrigas, percorrendo o sertão e administrando os sacramentos”.

o reisado vai configurando suas diferentes formas de apresentação e é a partir dessa perspectiva também que o grupo garante financeiramente sua continuidade.

“Tem um careta bom, o bicho puxa negócio. Mas se o careta é um Mané da Vazante, chega pra tu, ‘boa noite, meu capitão...’ num te diz nada, aí o caba fica... um careta desse num vale é nada, isso aqui é um Mané da Vazante. O caba chega na porta da casa, tu é o dono da casa, chegamo aqui com reisado, eu sou um careta, tem um pé na cantiga que eu digo e tu lá de dentro tá assuntando, te chamando pra tu abrir a porta pra receber Santo Reis. [Já começando a chamar o dono] Quando tu abre a porta que recebe Santo Reis eu te digo aquele pé que tu abriu a porta e recebeu Santo Reis [inaudível] então quando tu sai na porta... né? Qual é a do careta? É te contar uma história pra tu cumprimentar ele.”¹³⁹

A fala de Chico Sanfoneiro deixa clara a responsabilidade do *careta* em manter o diálogo favorável ao reisado em sua negociação com o pagamento. Os *caretas* representam a liminaridade mais expressiva do brincador no reisado. Em poder das *loas*, na ambiguidade e encantamento das falas performáticas, esses animadores promovem eficácia simbólica da linguagem, no já comentado “dizer é fazer” (AUSTIN, 1990), em que a magia e a *brincadeira* se fundem no sentido de transformar responsabilidades ordinárias (CORNÉLIO, 2009) em gozos do “bom viver”. Ocorre, pois, um licenciamento para que os *caretas* com suas *loas* construam e performatizem roteiros que somente são possíveis na imaginação da situação de margem. São situações de discurso e esse discurso precisa ser persuasivo, tendo em vista convencer o dono da casa a pagar a *brincadeira*, proporcionar ao público assistir às *performances* e até participar das danças. Trata-se de versos agonísticos, que, igualmente ao que se verifica com as *cantigas*, funcionam como artifício dos *caretas* para persuadir o dono da casa a entrar na *brincadeira*. Nessa perspectiva, os *caretas* portam a iniciativa da dádiva como sistema de troca que promove reciprocidade e não deve ser quebrado. Desse modo, o Reisado do Mutirão articula seu processo ritual que o dono da casa deve receber como oferta. A *performance* do *careta*, nesse sentido, está ancorada nas trocas simbólicas estudadas por Mauss (2003, p. 224), em que aceitar uma oferta “é mostrar que se está disposto a entrar no jogo, quando não a permanecer”. Os *caretas* empreendem jogos retóricos, geralmente baseados em estrofes reproduzidas em diversas artes verbais populares por meio da memória coletiva¹⁴⁰. O *careta* Chikin explica a sequência da *brincadeira* do Reisado do Mutirão:

¹³⁹ Entrevista concedida por Francisco Cipriano dos Santos (Chico Sanfoneiro) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, no povoado Chapadinha Sul, entre Demerval Lobão e Teresina, em 24/12/2015.

¹⁴⁰ A categoria “memória coletiva” aqui está pensada de acordo com Maurice Halbwachs (2004, p. 75-76), para quem as memórias de um indivíduo não pertencem somente a ele, pois nenhuma lembrança, dessa forma, está isolada dos contextos sociais. Segundo esse autor, “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”.

“Canta o Reis, aí depois do Reis a gente vai, diz as lorota pro dono da casa. [...] Tem aquela parte de jogar o lenço, aí diz um leriado lá até que chega na hora dele jogar o lenço.”¹⁴¹

No momento em que cada *careta* utiliza seu espaço de tempo para convencer o dono da casa, os outros *caretas* e pessoas presentes interagem com repetições de palavras que reforçam a retórica aplicada pelo *brincador* da vez.

É bastante flexível a forma como os versos são organizados. De acordo com as situações, os *caretas* se utilizam de improvisos, da tradição, de figuras de linguagem e de outros recursos igualmente persuasivos do ponto de vista do discurso. Por exemplo, após a *Cantiga de Reis*, na saudação de chegada, a loa do *careta* deve conquistar o dono da casa no sentido de pagar a *brincadeira*. Esse “boa noite” inicia uma série de outros rituais que necessitam de autorização para serem realizados.

*“Boa noite, Iaiá! Boa noite, meu Capitão!
 Seu bom careta chegou
 Calçado de meia e bota
 Vestido de paletó
 Por ali mermo num quer que eu vá
 Por ali mermo é que eu vou
 Pelo apelido me chamam
 Canário Beija-Fulô¹⁴²
 Não precisa amarelar
 Nem também mudar de cor
 Eu sou gente batizada
 Sou home igual o senhor
 Sei como é que vai eu
 Como é que vai o senhor?
 E depois do chá*

*Amelhorou da dor?
 Ô, meu capitão véi,
 Coma ‘tripa assada?’ ”¹⁴³*

Os versos apresentam um jogo dialético na condição do *careta* que ora é servo obediente (“Seu bom *careta* chegou”) e ora é desobediente (“Por ali mermo num quer que eu vá / Por ali mermo é que eu vou”). Associa a atitude do *careta* ao que Turner (2013) analisa como “rituais de reversão de *status*”, em que a permissão acionada pelo *careta* de agir como

¹⁴¹ Entrevista concedida por Francisco Martinho de Sousa Filho (Chikin) a Antonio Vagner Ribeiro Lima no dia 04/06/2015, em Demerval Lobão (PI).

¹⁴² Este verso, por vezes, pode ser trocado por “*careta* namorador”.

¹⁴³ Trecho de loas recitadas pelo *careta* Chikin na apresentação do Reisado do Mutirão em Buriti Alegre, Beneditinos, em 27/06/2015. Áudio capturado e transcrito pelo autor.

se fosse estruturalmente superior está condicionada ao seu *status* mais baixo. Nos versos “Não precisa amarelar” e “Nem também mudar de cor” há uma tendência agonística que culmina com a reivindicação de um lugar social (“Eu sou gente batizada / Sou home igual o senhor”) que se relaciona com o sagrado. O texto dessa *lorota* como um todo exemplifica bem a condição liminar do *careta* de transitar entre o servo e o capitão. É típica essa atuação ambígua que respeita o dono da casa, mas a qualquer momento pode vencê-lo simbolicamente numa clara inversão de poder que se tece com a eficácia das palavras. No dizer de Turner (2013, p. 163), “nada realça melhor a regularidade que o absurdo ou o paradoxo”. Os versos empreendidos pelo *careta* como rituais de reversão de status, ao tempo em que conciliam aspectos de tornar “o baixo alto e o alto baixo, reafirmam o princípio hierárquico” (TURNER, 2013, p. 163). Nos últimos versos da *loa*, o jeito rápido de perguntar confunde o capitão a entender “como tem passado?” ao invés de “coma tripa assada”. E assim trocadilhos e piadas vão se desenvolvendo no decorrer da apresentação dos *caretas*. Na *performance* da *loa*, o *careta* faz adaptações do texto quando o contexto é propício a suscitar gargalhadas dos espectadores ou mesmo conquistar a simpatia do dono da casa. Como exemplo, o verso “Canário Beija-Fulô” por vezes é cantado como “*careta* namorador”, no entanto cada sentido é pensado de acordo com a casa visitada.

Variados são os conteúdos que podem ser utilizados nas *lorotas*, com o objetivo de divertir o público presente e com isso conquistar melhor pagamento. Há muitas reproduções e recriações de estrofes e fórmulas verbais tradicionais. Em algumas ocasiões, tais *leriados* podem ser improvisações¹⁴⁴. Isso depende da habilidade do *careta*. No exemplo abaixo transcrevo um trecho de *lorota* narrada pelo *careta* Chechéu, quando perguntei sobre que *loa* ele costumava dizer na sua vez de *jogar o lenço* no ombro do capitão:

“*Dum tiro matei 100 ema
100 gavião empenado
200 ovêia fêmea
300 carneiros macho
Um gavião de ripina
Que tava no gaió de baixo
Na casca de minha bala
Meu ombro traz um pedaço
Eu vou dar um tiro nele
Pra saber se o cabra é macho
Eu não sei se atiro in riba
E também se atiro embaixo*”

¹⁴⁴ Guardadas as grandes diferenças com o repente dos violeiros nordestinos (SAUTCHUK, 2012), nas *lorotas* dos *caretas* o improvisado também pode ser uma composição que implica agilidade de pensamento para elaborar respostas condizentes com as situações a partir de formas e conteúdos tradicionais.

*Eu vou dar¹⁴⁵ no pé do ouvido
Pra sair lá no espinhaço.”¹⁴⁶*

Falando de facécias como caçador e valentão, o *careta* usa os versos como artifício retórico para compor uma imagem de pessoa corajosa. A ousadia também é expressa no sentido de angariar valores maiores possíveis nas investidas, quando por meio da expressão metafórica “dar um tiro nele” o *careta* almeja “acertar” a sensibilidade do dono da casa para pagar valores mais “generosos”. Os temas hiperbolizados numa jocosa autoexaltação chamam atenção, não só por seu conteúdo, mas pela rapidez com que tantos versos são recitados em pouco tempo, pelo seu efeito sonoro, habilidade de dicção e capacidade imaginativa ampliada nessas construções. Tais efeitos estéticos em algumas práticas já enunciam explicitamente a intenção de convencimento em logro do que se almeja, o pagamento. Assim ouvi nas linhas:

*“A onça eu mato de tiro
De faca o maracajá
Toco fogo no fubá
E salvo o arapuá
Nossa Senhora mandou dizer
Pra você me pagar.”¹⁴⁷*

Ao recitar “Nossa Senhora mandou dizer / Pra você me pagar”, o *careta* expressa, sem reservas, não só o apelo ao negócio, mas também versifica um clima velado de ameaça, pois a alegoria do grupo é representativa de figuras divinas (Nossa Senhora), de poder (e temor) religioso. Outro aspecto a ser notado é o grau de intimidade com que o *careta* forja sua relação com o divino. Refiro-me ao trecho acima em que ele aparece como portador do recado de Nossa Senhora, lembrando a ideia e função de anjo enviado.

Destaco aqui que no Reisado do Mutirão o *careta* é protagonista e assim transita pela sua *performance* entre “anjo enviado” e “imagem”¹⁴⁸, negociante do pagamento e brincador, devoto pagando promessa e improvisador de versos. Nesse sentido, dizer que primeiro vem a obrigação para depois a devoção, como é representado pelos donos do reisado, não se aplica, de acordo com as falas dos *caretas* e o que presenciei em campo, na prática ritual desse reisado. A quantidade de estrofes de conteúdo profano e persuasivo que é recitada, assim como as *brincadeiras* nas danças e as *cantigas* realizadas durante o ritual são muito mais

¹⁴⁵ “Dar” significa aqui desferir um golpe.

¹⁴⁶ Entrevista concedida por João Bezerra Lima Filho (Chechéu) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), no dia 04/06/2015.

¹⁴⁷ Entrevista concedida por João Bezerra Lima Filho (Chechéu) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), no dia 04/06/2015.

¹⁴⁸ Lembro que o sentido de “imagem” aqui está ironizado para “imagem do cão”, em contraponto à ideia religiosa de “imagem e semelhança de Deus”.

expressivas em relação ao pagamento do que o gesto humilde de pedir esmola e a reza do terço, como exemplo, que são a parte essencial da obrigação de pagar a promessa.

Fica, portanto, evidente que a diversão é o que mais chama a atenção no Reisado do Mutirão. Nesse contexto de diversão, descrevo a seguir algumas ocasiões em que o *careta* Odílio canta estrofes de vaquejada não mais para convencer o dono da casa com o pagamento, objeto primeiro de nossa análise, mas para simplesmente entreter o público presente. Essa inversão do protagonismo da diversão sobre a obrigação primeira é certamente o que atrai ao Reisado do Mutirão um maior número de pessoas.

Nesse universo brincante, os *caretas* percorrem variadas temáticas que são improvisadas de acordo com lugares e públicos que acompanham a *brincadeira*. A *performance* de Odílio chama atenção pelo humor que provoca a diversão. Nesse entendimento, leva-se a crer que não há limites para os conteúdos abordados nas estrofes, como podemos observar a seguir:

*“Garrote da vaca preta
Onça pintada não come
Quem casar com mulher feia
Não tem medo doutro homem
Mulher bonita é uma rosa
E mulher feia é lobisomen”¹⁴⁹*

*Ceará pra criar gado
Maranhão pra valentão
Teresina pra justiça
Campo Maior pra cidadão¹⁵⁰
Pra falar da vida alheia¹⁵¹
Só em Demerval Lobão.”¹⁵²*

Na *brincadeira*, ao atuar na seara do burlesco, Odílio também joga com as palavras, improvisa versos, conforme as reações da plateia. Com essa técnica, ele contextualiza os sentidos, dá o tom personalizado da prosa, provoca risos e, caso alguém do público se sinta incomodado pelo sentido jocoso da estrofe, com astúcia e imaginação no improviso da

¹⁴⁹ Entrevista concedida por Odílio Bezerra Lima a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval lobão (PI), no dia 27/06/2015.

¹⁵⁰ Este verso por vezes, dependendo do lugar ou de quem esteja por perto, pode ser substituído por “Campo Maior pra ladrão”.

¹⁵¹ Na conjuntura dessa estrofe, conforme a situação, Odílio trocaria esse quinto verso por “*Para encontrar mulher bonita*”. Observe-se que, nessas predicções, o sentido já se transmuta para o teor elogioso.

¹⁵² Áudio da fala de Odílio Bezerra Lima registrado por Antonio Vagner Ribeiro Lima, durante as visitas do reisado às casas, em Demerval Lobão (PI). Trata-se de versos chamados “de vaquejada”, não exatamente como parte conteudista do ritual, mas como entretenimento da audiência, na espera entre uma cena e outra ou durante os deslocamentos entre as casas.

oratória se esquivava de possível comprometimento pessoal. Assim faz nos versos acima com os lugares e as imagens de masculino e de feminino ali evidenciados. Esse tipo de verso parece transitar no imaginário popular da poesia oral, assim como registra Leonardo Mota (1982, p. 394) em uma longa estrofe de vinte versos toponímicos, nos quais se enunciam peculiaridades, no caso, não das cidades, mas dos estados da Federação Brasileira:

São Paulo para café
 Ceará pra valentão
 Piauí pra vaca brava
 Pernambuco pra baião
 Rio Grande pra cavalo
 Paraná pra chimarrão
 Em Minas carne de porco
 Rio de Janeiro eleição
 Alagoas, povo macho
 Mato Grosso pra brigão
 Amazonas pra borracha
 Paraíba pra algodão
 Para castanha o Pará
 Para arroz o Maranhão
 Bahia para mulata
 Sergipe cana e feijão
 No Rio Grande do Norte
 Jerimum e violão
 Em Goiás moça bonita
 E rapaz sem coração.

Tais correspondências de ideias e paralelismos sintáticos dos versos declamados por Odílio na poética do Reisado do Mutirão são igualmente notados na quadrinha a seguir, também catalogada por Mota (1982, p. 393):

Piauí pra criar gado
 Rio do Peixe pra algodão
 Cariri pra rapadura
 Pajeú pra valentão.

Esses versos de conteúdo maledicente são *brincadeiras* comumente encontradas no universo rural brasileiro. Dentro e fora do reisado, a prática de falar *lorotas* é acionada a qualquer momento, mostrando-se dinâmica nas atualizações dos versos recitados; são assuntos de conversações do dia a dia, e neles, por limite muito tênue, está ausente o teor religioso. É importante marcar aqui a conveniência desses discursos nos dois polos de uma gradação: o sagrado e o profano no ritual do reisado.

Sobre a separação de lugares entre o que é do santo e o que é do homem, muito me marcou uma visita do Reisado do Mutirão à comunidade Chapadinha Sul, mais precisamente ao Bar do Reis, estabelecimento comercial de um devoto de Santos Reis que convidou o reisado para cantar em seu bar, que também é parte de sua casa. No bar – também chamado de bodega, quitanda, venda, “pé de fuxico” e boteco –, as trocas sociais proporcionadas pelo encontro no “pé do balcão”¹⁵³ conformam representações muito similares ao que acontece na *performance* do reisado. “Esse é o do santo” (expressão que evoco também por minha “observação” como filho de quitandeiro) é saudação de respeito e ao mesmo tempo de intimidade do freguês do bar¹⁵⁴ com os elementos do sagrado. Comparo essa frase com o estilo de conquista usado pelos *caretas* nas chegadas às casas. No reisado, os *caretas* recitam versos que impressionem o dono da casa para conseguir pagamento pela *performance* e, no universo da quitanda, o clichê pode funcionar como código criativo para pechinchar a cachaça. O que destaco aqui é o jogo de trocas simbólicas dos fregueses na quitanda, no ambiente profano de consumo de bebida alcoólica que muito se assemelha ao momento de abordagem do *careta* frente ao dono da casa quando este recebe a *cantoria* do reisado. Essa mesma percepção de respeito e intimidade, gentileza e disputa é citada por Sérgio Buarque de Holanda (1995) em sua composição do *ethos* de um “homem cordial” brasileiro. A propósito disso, marca a busca acentuada das pessoas no Brasil de estabelecer familiaridade nas relações, investindo nesse apego de convívio que também se estende aos santos. Tal comportamento de religiosidade e trato social é expresso nas palavras do autor:

Um negociante de Filadélfia manifestou certa vez a André Siegfried seu espanto ao verificar que, no Brasil como na Argentina, para conquistar um freguês tinha necessidade de fazer dele um amigo.

Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos (HOLANDA, 1995, p. 149).

Essas construções de amizade e aproximação de pessoas e santos presentes tanto na *performance* do *careta* no reisado quanto na fala do freguês no bar exploram o domínio da linguagem (HOLANDA, 1995) na elaboração de palavreados que servem para familiarizar os

¹⁵³ “Pé do balcão” é expressão que se refere ao lugar onde se consome bebida alcoólica em um bar. Esse lugar tem caráter intimista porque cliente e vendedor estão muito próximos, separados apenas pelo balcão. Muitas conversas podem ser partilhadas ali. O contrário de “pé do balcão” em um bar é uma mesa isolada em lugar mais distante do vendedor.

¹⁵⁴ Utilizo a expressão “bebedor de cachaça” como categoria (nativa) de experiência próxima (GEERTZ, 1983) para me referir ao “consumidor de bebida alcoólica”, que também pode aparecer como categoria analítica no texto.

contatos, forjar um compadrio ou até mesmo parentesco de consideração. A estrofe a seguir exemplifica o tipo de abordagem, geralmente proclamada em voz impostada e recitativa, nesse caso direcionado a um freguês que se encontra na quitanda:

*“Fui ontem pra voltar anteontem
Mas como não pude vir
Estou chegando agora
Você vai me desculpar
Porque foi minha demora
Passei lá no pé da serra
Onde o fogo labora
Casa da Maria Neve
Que é mãe do Luis Dora
Ela mandou lhe dizer
Que pague uma¹⁵⁵ pra mim agora.”¹⁵⁶*

Os versos são construídos, em métrica, rima e sentido, como forma de prender a atenção do espectador. Ressalto a evidência do “pagamento” expresso nos versos “Ela mandou lhe dizer / Que pague uma pra mim agora”, que a propósito estabelecem relações de aproximação com o título deste estudo. Dessa maneira, o recitador dos versos na quitanda, assim como a figura do *careta*, monta seu palavreado no sentido de impressionar o interlocutor e obter como prêmio uma oferta de bebida sem parecer peditório inconveniente. Na tentativa mesma de não dessacralizar o gesto, a pessoa prefere assumir as duas situações de modo familiar e dialético. Parece evidenciar-se aqui uma ação mundana sob a autorização do sagrado. Verifica-se mesma intenção discursiva na estrofe abaixo, geralmente recitada em frente ao balcão do bar, que encerra uma espécie de pedido de licença para beber.

*“Cachaça é moça branca
Filha de um homem de bem
Bebe o rico e bebe o pobre
Bebe quem tem seu vintém
E o padre na hora da missa
Bebe o ‘vin’ dele também.”¹⁵⁷*

Na análise da estrofe se percebem os elementos do profano (“cachaça”, “vintém”) se harmonizando, em rimas e sentidos, sem causar estranheza, com elementos do sagrado (“missa”, “padre”, “vinho consagrado”). Sendo assim, trazer o sagrado (o “padre”) para

¹⁵⁵ Este “uma” se refere a “uma cachaça”, objeto de conquista no contexto.

¹⁵⁶ Entrevista concedida por Elias Ribeiro Lima a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Piripiri (PI), em 23/12/16.

¹⁵⁷ Entrevista concedida por Elias Ribeiro Lima a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Piripiri (PI), em 23/12/16.

licenciar o profano (a “cachaça”) demarca e sustenta a interdição, proibição essa que o plano da linguagem abranda ao pedir essa licença.

Na poesia anônima e popular versada a seguir, a comparação de poder entre sagrado (“Deus”) e mundano (“cachaça”), à semelhança do que figura no imaginário do freguês no bar ou do *careta* do reisado, soa como mais um exemplo de mediação profano-religiosa:

A cachaça a Deus do Céu
Tem o poder de empatar
Porque se Deus dá juízo
Cachaça pode *tirar*.¹⁵⁸

O jogo poético, enquanto possibilidade da linguagem, promove a licença necessária para o empate simbólico entre os poderes (“Deus”/“cachaça”) e ao tempo em que, pela jocosidade parece romper, também demarca e sustenta o interdito exposto por Rodrigues (1975) entre um sagrado que não pode ser tocado e nem manter aproximação com o que é profano. Assim também ouvi de um *careta*, em momento de descontração:

“Cachaça alma de Cristo
Sangue do satanás
Setenta capeta junto
Não faz o que ela faz
Porque a gente puxa pra frente
E ela pra frente e pra trás.”¹⁵⁹

A relação da cachaça com o sagrado e, neste caso em especial, com o reisado, aparece também no registro de Mello Moraes Filho (1902, p. 69), ao divulgar o “Baile da Aguardente”, auto dos bailes pastoris encenados diante dos presépios no ciclo do Natal. Destaco o seguinte trecho:

Olhem, moças, como bebem
Ponderem o tempo presente
Não bebam demasiado
A cayana mata a gente.

O consumo de aguardente é evidenciado em várias passagens do auto, e, de certa forma, associado à mediação profano-sagrado: “Oh! que bebida tão santa!” No Reisado do

¹⁵⁸ Esses versos estão na obra “Prelúdio da cachaça”, de Câmara Cascudo (2014, s.p.), no item 7, intitulado “Bebida de “cabra”.

¹⁵⁹ Entrevista coletiva com *caretas* do Reisado Reis de Ouro, durante apresentação em Teresina, no dia 06/01/2011, concedida a Antonio Vagner Ribeiro Lima.

Mutirão, a relação dos *brincadores* com a cachaça é em parte controlada por Dona Toinha, mas não totalmente proibida. Há sempre uma licença com recomendação, como pondera Odílio:

“*Se anda pedindo aquela irmola, deixe pra beber quando terminar [...] Eu bebia, eu sendo careta eu bebia, mas aí eu fui pensar... mas nunca tombém, nunca deixei um dono de Reis estrepado lá pra dizer mermo assim: eu tô sentado aqui numa casa... não... eu num vou brincar porque eu num guento... Não!*”¹⁶⁰

Odílio dá a impressão de atender ao depoimento de que “o brasileiro é devoto da cachaça, mas não é cachaceiro” (CASCUDO, 2014), embora os *brincadores* de reisado não consigam tanta moderação nesse consumo. Nesse caso a licença pode ser suspensa.

Conforme notei em outras práticas sociais análogas ao reisado, como na Roda de São Gonçalo¹⁶¹, na Divindade¹⁶² e na Marujada¹⁶³, a licença está presente em qualquer espaço e tempo em que haja relação de contato com pessoas e santos. O pedido de licença media essa relação, a exemplo do que registrou Bitter (2008, p. 58) sobre o *palhaço* que anuncia sua chegada, pedindo licença ao *dono* da casa para entrar no recinto:

Naquela noite, o *palhaço* Pimentinha introduziu a seguinte seqüência de versos:

Êta ferramenta! Êta ferramenta!
... dou 10, dou 20, dou 30, de 40 gastei 80.
Ô patrão dá licença pra chegada do Pimenta?...

¹⁶⁰ Entrevista concedida por Odílio Bezerra Lima a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), no dia 04/06/2015.

¹⁶¹ A Roda de São Gonçalo é uma prática social que envolve dança e pagamento de promessa. A tradição herdada de Portugal consiste em louvores e pedidos cantados e dançados por homens e mulheres em homenagem a São Gonçalo. A dança apresenta movimentos sincronizados entre dois cordões de pessoas, guiados por mestre e contramestre, que realizam as jornadas, coreografias próprias acompanhadas, geralmente, ao som de sanfona e de pandeiro. Durante minha investigação com o reisado, presenciei festividades da Roda de São Gonçalo na zona rural das cidades piauienses de Angical, José de Freitas e Campo Maior.

¹⁶² Divindade, também chamada de Divino Espírito Santo, Folia do Divino ou Festa do Divino é uma prática de pagamento de promessa que envolve peregrinação, arrecadação de donativos e cantoria em homenagem ao Divino Espírito Santo. A Igreja Católica realiza cerimônia correspondente chamada de Pentecostes (cinquenta dias depois da Páscoa), que celebra a manifestação de descida do Espírito Santo à Terra. Na cidade de Demerval Lobão (PI), presenciei duas localidades que *tiram* Divindade com data diferenciada do calendário católico. Dia 12 de agosto é encerramento da peregrinação do Divino de Dona Joana Aquino, na localidade Santa Rita e dia 31 de agosto é o encerramento do Divino de Raimundo Crispiano, no bairro Piaçava. Nos dois exemplos, os *tiradores* de Divindade mantêm a tradição de angariar, durante o dia, recursos (esmolos) para realização da festa que se encerra com reza, cantoria ao som de caixa e rabeca e distribuição gratuita de comida às pessoas presentes.

¹⁶³ A Marujada, também chamada de Nau Catarineta ou Dança de Marujos no Brasil, é folguedo de dança ritmada ao som de matracas, coreografias que simulam movimentos do mar e diálogos que narram em cantos e falas as desventuras de uma nau perdida, relações de fragmentação humana, tentações e milagres de Nossa Senhora. O auto dramatiza conflitos entre mouros e cristãos. Não presenciei marujadas em atividade na região de minha investigação com o reisado. Apenas encontrei brincantes dispersos e um registro cinematográfico que documenta a marujada do bairro Califórnia, na cidade piauiense de Campo Maior (SARACENI, 1976).

*Eu comprei uma casa
Lá do lado do sertão
Bebo sangue do caboclo
Arranco fora o coração
Patrão, me dê licença
Pra passar no seu portão?*

Ao mesmo tempo em que a licença permite a aproximação do profano com o sagrado, atua na função de mediadora e demarca as possibilidades no trânsito desses espaços. Embora elementos do sagrado ocupem mesmo espaço do profano, há sim distinção respeitada pelo homem (*brincador*) no seu relacionamento com esses rituais. Sagrados ou profanos aqui convivem em harmonia, mas cada um tem sua conveniência. Apesar desse entendimento, Rodrigues (1975, p. 25) aponta uma divisão entre o sagrado e o profano, situando-os como completamente diferentes e opostos: “O sagrado é o ser proibido que não pode ser violado, do qual não ousamos nos aproximar, porque ele não pode ser tocado”. No entanto, no Reisado do Mutirão, o santo (imagem de Santos Reis), que se encontra colado na bandeira e se confunde com ela, é o símbolo mais substancialmente representativo do sagrado que acompanha o grupo e é exatamente a bandeira que é tocada, recebida e conduzida pelos devotos como forma de maior aproximação com o sagrado. Assim, “presentificado na bandeira, o santo passa a interagir com pessoas, foliões e moradores” (CHAVES, 2014, p. 253). Para mediar esses sentidos, ou seja, para entender como o sagrado, que pertence a outro plano, pode conviver com o profano, mesmo dele apartado, retomo o já comentado conceito de “atitude ritual”, de Radcliffe-Brown (1973), citado por Rodrigues (2006, p. 31). Nesse entendimento, é no proceder com respeito e temor diante do objeto que está essa ligação com o sagrado e não no objeto em si. E, assim sendo, o reisado configura-se, a partir dessas relações rituais, como fenômeno de mediação cultural que permite tanto ao religioso brincar (profano), quando, por exemplo, se tomam as loas para gerar risos, quanto ao *brincador* fruir uma experiência religiosa (sagrado), quando, por exemplo, se usam as louvações da *cantiga* do Reis, os benditos cantados ou a reza do terço no dia do encerramento para deixar o devoto em estado de contrição.

Conforme comentei anteriormente, o Reisado do Mutirão é formado por relações de amizade, vizinhança, compadrio e parentesco e também que as atividades do reisado estão carregadas de pautas rurais e por isso essa prática social compartilha vivências e ações relacionadas com a ética moral própria do campesinato. O pagamento está condicionado a essa mesma ética. Relaciono aqui o que observou Klaas Woortmann (1990) no seu artigo

“Com parente não se neguceia: o campesinato como ordem moral”, em que esse autor localiza a categoria “sítio” em um complexo de sentidos e significados, apontando que em todos os sentidos o termo remete ao parentesco. No Reisado do Mutirão, em que a relação de espaço e parentesco sapateia com vivacidade na realização da *brincadeira*, chamo a atenção para as relações de negócio com o pagamento, analisando sua dimensão como cumprimento de promessa, assim também como arrecadações com as esmolas e gastos com o dinheiro. Woortmann (1990) arremata que “sítio” e “família” são termos polissêmicos e paralelos, mas que essa polissemia “unifica” categorias de espaço e de parentesco. Destaca-se, porém, que devemos pensar a relação entre negócio e parentesco considerando-se que

o negócio é pensado como imoral pelo próprio negociante, pois também para ele, que é igualmente sitiante, só o ganho obtido pelo trabalho sobre a terra – *a terra de trabalho* – é moralmente legítimo (WOORTMANN, 1990, p. 38).

No Reisado do Mutirão, o termo pagamento se forja nas relações sociais que envolvem o grupo por meio de contratos informais que são acordados sob a orientação de Dona Toinha e Chico Porva. Presenciei alguns contratos ou mesmo a compreensão do não cumprimento desses em função de ponderações feitas a partir de relações que envolvem aspectos da ética do campesinato, como no exemplo a seguir:

“[E o homem lá que disse que ia pagar os 50?] Pagou nada. [Mas ele disse pra você ir] Disse pra nós ir no dia 5 [E se num fosse] Era eu que ia pagar ele [risos], mas você vai ver dinheiro... [risos] Mas nós num fomo lá porque o pai do tocador morreu. E ele queria vim, o tocador. Mas se... o pai dele morto e ele vim tocar o reisado, num é doido?! Eu digo: nã... Ele disse: ‘Dona Toinha, e aí eu perdo uma noite’. Eu digo: ‘Não, você perde uma noite porque você perdeu seu pai, mas não se preocupe não que dá pra gente pagar sua noite, você saiu foi por causa de morte, num foi pra ir beber cachaça nem andar com cachorraria não’.”¹⁶⁴

Nesses acordos, fica claro que Dona Toinha flexibiliza o contrato para não fugir de algo mais significativo que o rígido cumprimento do pagamento que levasse em conta apenas o caráter financeiro do que foi combinado. Embora o contrato esteja feito, acima dele está a ética moral que regula as ações tanto da contratante quanto do contratado, pois o sanfoneiro Chico Constâncio também demonstrou sua ética em não querer faltar ao trabalho acertado.

¹⁶⁴ Entrevista concedida por Antonia Bezerra Lima (Dona Toinha) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), no dia 13/01/2016.

Esse sanfoneiro¹⁶⁵, enquanto integrante do grupo, agora transita nos espaços da casa, e isso “implica maior intimidade e menor distância social” (DAMATTA, 1997, p. 95). Esse pertencer ao espaço coletivo da residência de alguma forma exerce um controle social sobre essas relações. Eles, a esse propósito, não comungam apenas de mesmo espaço físico, mas, sobretudo, da mesma ética. O sanfoneiro tem uma relação de amizade com a família de Dona Toinha, que não contrataria alguém que não compartilhasse dos mesmos princípios. Nessa compreensão, percebi que, em vários momentos de contato com o universo do reisado, o sentimento de pertencimento é mantido tanto na casa quanto nas retiradas. “Minha casa é o local da minha família, da ‘minha gente’ ou ‘dos meus’, conforme falamos coloquialmente no Brasil” (DAMATTA, 1997, p. 95). Essas observações me levam a compreender que, nessa ética do campesinato, a aproximação tende a criar laços de intimidade de forma mais rápida. Assim ocorreu nos meus primeiros contatos com pessoas da romaria que participei e que expus no capítulo 2 deste trabalho, quando ouvi em várias ocasiões: “Aqui é como uma família; ninguém esconde nada”.¹⁶⁶

Em outro dia, por ocasião da falta do sanfoneiro, o reisado de Dona Toinha não saiu em peregrinação. O grupo ficou reunido numa espécie de confraternização no quintal de Dona Toinha. Era um momento de descontração na cozinha da casa. Decidiu-se *tirar* o Reis no próprio terreiro da residência, com quase tudo o que o ritual manda: a *cantiga* do Reis, dança dos *bichos* e sapateado dos *caretas*. Foi então que me convidaram para tocar sanfona com os *brincadores*. O que me chamou atenção em tal atitude foi não só a forma tão rápida como passamos de diversão para obrigação (ou devoção), mas também a confiança de me integrarem naquele dia como participante da *brincadeira*, certamente pela sintonia adquirida pelo meu contato frequente com essa família. Essa cena me despertou para refletir sobre o tempo e o espaço e, principalmente, o que é sagrado e o que é profano no ritual do reisado.

A ideia de família e espaço é determinante na configuração das diferentes formas de negociar o pagamento no reisado. Essas relações contratuais não tão precisas influenciam nas negociações de pagamento com o santo, com o dono da casa, com os devotos e *brincadores*, sempre balizados na ideia de que, conforme ressalta Sousa (2012, p. 49), nessa convivência familiar,

¹⁶⁵ O sanfoneiro dessa análise é Chico Constâncio (2015/2016), no entanto a observação é válida para todos os outros que já tocaram, tocam ou poderão ainda tocar com o Reisado do Mutirão. Nesse sentido, destaco João Erundino, que tocou durante 14 anos, e Lorim, que tocou vários anos, passou um período sem tocar por contendas com o grupo e, em 2017, reatou a aliança com Dona Toinha e foi readmitido na função de tocador. Lorim é o atual sanfoneiro desse reisado.

¹⁶⁶ Entrevista concedida por Benedito Patrício a Antonio Vagner Ribeiro Lima, na Gruta da Betânia, em Monsenhor Gil (PI), no dia 22/10/2016.

todos se conhecem e andam segundo alguns acordos e hábitos definidos pelo grupo: é um espaço de confiança e segurança mútua. “Negócio” é seu oposto: dá-se entre desconhecidos e inspira desconfiança recíproca, pois ambas as partes defendem seus interesses individuais.

No cerne da relação família, confiança e negócio, o que vale aqui não é só o dinheiro, o que me despertou uma reflexão acerca do pagamento no Reisado do Mutirão em que não basta falar em preço. O que se cobra e o que se gasta no reisado, grosso modo, está relacionado com o espaço de atuação, com as pessoas envolvidas e com os significados dessas trocas simbólicas. No dizer de Mauss (2003, p. 212) sobre essas relações,

misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca.

De acordo com o autor, essas relações não são apenas de indivíduos, mas coletividades que se obrigam mutuamente. Qualquer quebra de aliança provoca o não querer se misturar, não querer negócio com aquela pessoa. Observei em campo no Reisado do Mutirão que quando o pandeirista Manoel Beira-Rio entrou em contendas com o *careta* Chechéu por ocasião de algum pertence extraviado, Dona Toinha, seguida por todo o grupo, reprovou a atitude do *tocador* com sanções e distanciamento da casa, onde o brincador, por algum tempo, não foi mais recebido para rancho, nem pôde gozar das regalias que tinha como membro considerado da família do reisado. O contrário disso é a reciprocidade maussiana, que pressupõe um importar-se com o outro para estabelecer valores afetivos ou éticos, paz, confiança, amizade e compreensão mútua, reciprocidade de dádivas que produz valor moral.

Tais valores podem também ser chamados de “honra” e “vergonha”, pois as famílias bem-definidas e com alto sentido de casa e grupo são coletividades que atuam com uma personalidade coletiva bem-definida. De tal ordem que elas são uma “pessoa moral”, algo que age unitária e corporativamente, como um indivíduo entre outros (DAMATTA, 1994, p. 16).

A partir dessa coletividade familiar definida, pautada pela “honra” e “vergonha”, destaco o apreço e a consideração dispensada ao sanfoneiro Chico Constâncio, evidenciando que o que se troca entre pessoas morais não é só o que se contrata, mas também o que se considera. Desse modo, compreendo que as relações são fortalecidas quando se aproximam do parentesco. Um exemplo significativo é a atuação pessoal e coletiva do *careta* Odílio, irmão de Dona Toinha. Foi ele quem ensinou o ritual do reisado ao sobrinho Chikin e ao

primo¹⁶⁷ Chechéu, com quem forma o trio de *caretas* do Reisado do Mutirão. Relaciono aqui a noção de parentesco estudada por Batalha (1995, p. 751), a de “parentesco como conjugação de dois princípios: afinidade e consangüinidade”. Ressalto que o fato de Chechéu ser o *careta* mais novo e chamar seu primo Odílio de tio aponta para os casos comuns de grupos cujas relações são significadas mais pelas construções de convivência e estabelecimento de consideração do que pelas relações ditas biológicas. Nesse sentido, “a complexidade dos sistemas de parentesco não resulta do gênio inventivo dos nativos, mas sim de um processo de adaptação da organização social e determinadas condições técnico-ambientais” (BATALHA, 1995, p. 762). No Reisado do Mutirão, ressalto o caso já referido de que o *careta* Chechéu é primo de Dona Toinha, mas é considerado sobrinho, e, assim também, Manoel Miguelim, tio de Dona Toinha, é considerado irmão, como exemplos de relações não determinadas, porém consideradas.

Outra forma de pensar o parentesco é articulada por Woortmann (1994) ao reeditar a categoria “árvore” como metáfora de família. Árvore é uma forma de pensar o tempo, um tempo genealógico (WOORTMANN, 1994, p. 7). No contexto do Reisado do Mutirão, Dona Toinha retoma a tradição do reisado vinda do pai, procurando com a realização da *brincadeira* manter a memória de sua família: “*É que os outro aí diz que não tem esse negócio, mas aqui tem, porque tudo é amigo e tudo já sabe o jeito, desde quando o papai tirava reisado que a casa do papai ficava lotada de gente e aí, aqui é tudim*”¹⁶⁸. José Mariano, pai de Dona Toinha, figura na memória da família por causa de sua identificação com o Reisado do Mutirão, considerado raiz dessa genealogia. Mesmo para aqueles pertencentes à família que não são brincantes, a memória dessa raiz é acionada em função das lembranças contadas e recontadas pelos seus membros. A família nuclear de Seu Chico e Dona Toinha tem a seguinte árvore genealógica, descrita no Quadro 4, a seguir:

¹⁶⁷ Chechéu é primo de Odílio, embora na consideração, se tratem como tio (Odílio) e sobrinho (Chechéu).

¹⁶⁸ Entrevista concedida por Antonia Bezerra Lima (Dona Toinha) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), no dia 01/10/2016.

Quadro 4 – Genealogia da família nuclear de Dona Toinha (ordem decrescente de idade)

Nome	Descrição ¹⁶⁹
Mariana	Mais velha, mora em São Paulo; já é avó.
Manelzim	Faleceu quando criança.
Cláudio Bezerra (Cadim)	Pai de Dodô (Boi); mora perto da beira do rio; já é avô.
Raimundo	Tá largado no mundo.
Joaninha	Casada com Raniery, que trabalha na prefeitura.
Chiquinha	Mora em São Paulo; já é avó.
Chikim	<i>Careta</i> do reisado. Casado com Lidiane e pai de Ana Beatriz. Mora em Demerval Lobão.
Mauro	É o “bode azul”, porque anda demais.
Maurício	Filho mais novo e motivo da promessa, por causa de complicações no pós-parto.
Junim	Faleceu quando criança.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao falarem dos filhos, Seu Chico e Dona Toinha não demonstram tanta preocupação em dar conta de como estão exatamente encaminhados na vida¹⁷⁰. O casal fala sorrindo do assunto para dar a entender que há “desvios” de conduta de alguns membros da família, tanto da nuclear quanto da constituída por consideração. Usam a expressão “*Tá largado no mundo*” para dizer que esse parente não está integrado às normas próprias da sociedade. Nesse caso,

a emergência da vontade individual, em detrimento dos interesses do grupo vista como perigosa, conduz à dissolução do modelo de organização social do grupo. Ela é vista também como motivo de condutas morais negativas (WORTMANN, 1990, p. 9).

Junto com o parentesco, a relação de compadrio e de amizade também são artifícios muito presentes nesse contexto da ética moral em que atua o reisado. Observei, sustentado na fala do *careta* Chico Sabino, a seguir, que a forma de negociar o pagamento entre pessoas que mantém essas relações também forçam reciprocidades e tratamento diferenciado.

“Eu fui tirar um divino agora no mês de agosto [de 2015] pra um cidadão a cinquenta reais o dia, que só achava homem de sessenta. Ele veio aqui na minha procura. Eu mais ele, nós num somo compade, mas nós se trata de compade. Eu digo ‘vou, compade’. É o Raimundo Crispiano lá da Piaçava, [Sim] que também tira reisado. Os dois reisados que têm aqui em Demerval Lobão é o do Chico Porva e o dele. Aí eu fui, nós saímos no derradeiro de julho pra começar no dia primeiro de agosto, mas eu tinha que vim pra reza da mamãe no dia doze. Eu

¹⁶⁹ Preferi manter as expressões originais usadas por Dona Toinha e Seu Chico ao falarem de onde e como estão os filhos; uma construção da ideia de árvore genealógica a partir da visão deles.

¹⁷⁰ De acordo com Dona Toinha, dois de seus filhos faleceram quando ainda crianças: Manoelzim (2º na sequência dos nascidos) e Junim (10º).

peguei um mototaxi pra vim me deixar pro trinta reais [De lá...] De lá de encostado de Beneditinos, que nós tava [No dia doze né?], deixei um cara lá pra cantar no dia doze e no dia treze. Paguei duzentos reais. [Pro cara? Cem reais por dia?] Cem reais por dia. Quando foi pra mim ir no dia treze paguei cinquenta reais pro mototaxi ir me deixar lá. [Assim sai caro, né?] Aí eu digo: mas eu tenho que ir, que o trato eu fiz mais o home e eu tinha o dinheiro, né? Eu vou. [Mas ele tava pagando cinquenta por dia, né?] Era. Aí o cara lá cobrou foi duzentos contos os dois dias, duzentos reais. Ainda diz que é meu amigo... [risos] o cara lá.”¹⁷¹

A fala do *careta* Chico Sabino coloca em evidência as relações de compadrio, o zelo pelos contratos e pelas amizades ao se tratar de negócios com o pagamento. Por uma questão de “honra” ou “vergonha”, o brincador preferiu pagar mais caro pelos serviços de seus amigos e, em algumas situações, até arcar com prejuízos do que deixar de cumprir o que foi contratado. Ancorado nessa ética também é que esse *careta*, em tom de desapontamento, ironiza o valor cobrado por “um cara”, que nem lhe valeu citar o nome, ao pronunciar “*Ainda diz que é meu amigo... [risos] o cara lá*”, desse modo transparecendo não se “misturar” (MAUSS, 2003) em atitude e consideração a esse seu contratado, uma vez que estão no universo religioso e familiar da ética do campesinato.

As relações com o parentesco estão bem presentes nas concessões que se dá na apresentação do reisado. Acompanhei uma ocasião em que Dona Toinha concordou em fazer a matança do Boi na casa de seu tio Manoel Miguelim, embora essa parte do ritual atualmente só seja realizada no dia do encerramento. Nesse caso, fica evidente a consideração pela relação de parentesco, vista por Woortmann (1994) em seu estudo sobre os imigrantes teuto-brasileiros, como “árvore”, categoria central a ser considerada como mais importante. O parentesco concebido como árvore, de acordo com a autora, aponta que, para que se entenda um sistema de parentesco e a relação entre ele e a memória, é preciso conhecer suas categorias culturais. Foi nesse sentido que destaquei em minha construção etnográfica junto ao Reisado do Mutirão as categorias como instrumentos da memória e ao mesmo tempo produto dela. Nesse sentido ainda, a autora fala de memória seletiva, que ela define como sendo

o que deve ser retido e o que deve ser esquecido. Daí o parentesco é construído. Dependendo do valor que representa para os agentes de cada geração. Distingue a: 1) memória de – que situa o retido do passado no passado; 2) memória para – que projeta o passado no presente. [...] A memória social do grupo constitui-se num potencial que, na medida em que

¹⁷¹ Entrevista concedida por Chico Sabino a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), em 13/01/2016.

é acionado, substancializa-se em “matéria-prima” com a qual são construídas e atualizadas as práticas de parentesco. Essas últimas, por sua vez, são responsáveis pela seletividade da memória: o que dela será acionado, tendo em vista as circunstâncias (WOORTMANN, 1994, p. 1).

Seu Chico Porva e Dona Toinha sempre me falaram sobre pessoas e referências de atuação em práticas culturais na região que tenham alguma relação com o Reisado do Mutirão. Daí foi possível identificar as reciprocidades de visitas e participação nas rezas dos festejos ou romarias, assim também como a atuação de *brincadores* que em geral participam ou participaram de outros reisados. Nesse ponto, foi interessante observar que falaram e citaram muita gente, mas, como exemplo da “memória seletiva” (WORTMANN, 1994), não me falaram da Festa do Divino¹⁷² de Dona Joana. Quando insisti diretamente em perguntar pela Divindade de Dona Joana e, por consequência, pelo *careta* Chico Sabino, a resposta de Seu Chico Porva foi rápida e sem chance para detalhes: “*Perdeu tudo na cachaça. A cachaça acabou com ele, dominou ele*”. Depois de várias entrevistas entendi que a reserva de Seu Chico Porva se deu porque Chico Sabino (cantador, careta e filho de Dona Joana do Divino) foi casado com uma sobrinha de Seu Chico Porva. Em outras palavras, seu Chico Porva preferiu apagar da memória o tempo de convivência de sua família com o *careta* Chico Sabino enquanto este foi casado com sua sobrinha; ele não quis projetar no presente uma memória desagradável do passado. No caso, as relações de parentesco não são constituições definidas; elas são acionadas de acordo com a conveniência de serem selecionadas ou esquecidas como memórias.

Nessa linha de reflexão, em que pese a temática aqui estudada, o pagamento no Reisado do Mutirão está condicionado a todas essas variáveis que implicam uma ordem do campesinato, uma ética moral canalizada pelas relações de parentesco, compadrio, vizinhança e amizade. Foi a partir dessas considerações que me propus direcionar um olhar mais apurado na categoria que elegi como cerne das análises.

3.2 O pagamento no Reisado do Mutirão

O pagamento neste estudo está pensado sob três aspectos: o cumprimento da promessa a ser paga, o contrato com os *brincadores* do reisado e a autorização da *brincadeira* nas casas. Malinowski (1978, p. 142), em seus estudos nas ilhas Trobriand, destaca a função de

¹⁷² Já expliquei o que é a prática social e religiosa do Divino no início desta seção “Primeiro a obrigação pra depois a devoção”.

presentes cerimoniais que objetivam estreitar laços sociais que dão origem às obrigações; daí tem-se o “mapula”, o pagamento das obrigações. No reisado, essa dimensão do pagamento trata da retribuição, da ação de pagar uma promessa, da prestação de conta do que se prometeu ou de retribuição pelo que se recebeu por doação. Mauss (2003) reflete sobre o direito maori de retribuir. Se o presente recebido, trocado, obriga, é que a coisa recebida não é inerte. A própria coisa tem uma alma. “É preciso retribuir a outrem o que na realidade é parcela de sua natureza e substância; pois, aceitar alguma coisa de alguém é aceitar algo de sua essência espiritual, de sua alma” (MAUSS, 2003, p. 200).

Desde as primeiras investidas no campo de estudo, comecei a observar mais atentamente alguns elementos que permeiam a relação dos que fazem o reisado. As negociações com o “pagamento” estão presentes para os promesseiros, para os *brincadores*, para os donos das casas e para os espectadores.

3.2.1 O pagamento para os *promesseiros*

Na festa de Santos Reis, a obrigação e a devoção podem ser fruídas de diferentes maneiras, conforme se é devoto e está em desobriga pagando promessa ou se é apenas um espectador, um pesquisador ou alguém que conhece e gosta da tradição. As atividades rituais do Reisado do Mutirão atuam com eficácia em suas dimensões de obrigação e também de diversão. Nesse sentido, tanto as visitas do reisado nas casas quanto a festa do dia de Santos Reis conferem uma espécie de “eficácia simbólica”¹⁷³ pela tradição ao compartilhar significados com espectadores, promesseiros, devotos e moradores das casas visitadas, eficácia definida e operada a partir do rito do reisado.

O *promesseiro* que identifiquei neste estudo é aquele responsável pelo reisado no compromisso de pagamento da promessa. Em muitos casos ele é o “dono da promessa”, o que no Reisado do Mutirão corresponde à figura de Dona Toinha, a dona desse reisado. Apesar do termo “promesseiro” se referir à ideia de “promessa”, ele se equivale ao penitente, portanto pagador de uma penitência¹⁷⁴, compromisso, grosso modo, assumido por tempo indeterminado, no dizer de Dona Toinha: “*Enquanto nós guentar andar*”. O pai de Dona

¹⁷³ O conceito de eficácia simbólica que pensei segue os estudos de Lévi-Strauss. “Trata-se de suscitar uma experiência, e mecanismos situados fora do controle do sujeito se ajustam espontaneamente para chegar a um funcionamento ordenado” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 229).

¹⁷⁴ Dona Ana entende a distinção entre promessa, compromisso de curto período que pode ser pago e encerrar, e penitência, compromisso de longa duração que pode ser para toda a vida (ver item “Romarias e festejos” deste estudo).

Toinha, José Mariano, primeiro dono do Reisado do Mutirão, é exemplo de um pagador de promessa que encerrou sua obrigação dentro de um tempo previsto. Dona Toinha explica:

“[O reisado] era meu mermo. O do papai ele tirou três ano aí acabaram, né? Aí com quatro ano que ele tinha terminado aí eu fui pra Teresina fazer uns exame aí quando chegou lá foi pra ser operada, aí lá eu fiz a promessa com Santo Reis. Aí quando foi um ano e sete mês, de novo, fui operada, aí quando foi no outro ano aí eu tirei o reisad, aí pronto, num parei mais.”¹⁷⁵

Na fala de Dona Toinha, fica evidenciada a diferença de compromisso no pagamento de promessa. Ao afirmar “Num parei mais”, ela se coloca como “penitente”, atualizando por tempo indeterminado a sua obrigação, diferentemente do pai, José Mariano, que considerou cumprida sua promessa e se desobrigou do compromisso assumido em “três ano”. Desse modo, *tirar* Reis por promessa tem como meta o cumprimento de uma obrigação que se completa tão logo encerra o tempo de desobriga.

“[A maioria dos reisados é promessa ou tem deles que tiram sem ser promessa?] É promessa. ‘Tem deles que fazem a promessa e depois se avicea e fica tirando. Tem deles que diz assim: eu vou tirar Reis pro resto da vida, enquanto eu puder. E outros: eu vou tirar cinco anos, aí tira aqueles cinco anos e aí continuam’, comenta uma senhora. É... continua – retoma Dona Zezé. [Por que eles acham bom?] Oxe! É porque é bom, é muito animado, é muita alegria, satisfação de fazer aquilo ali, né?”¹⁷⁶

As palavras da informante conotam críticas à prática de continuar com a festa de Reis mesmo quando finalizada a promessa. Sobre *tirar* Reis, para além do pagamento da promessa, há uma clara ideia de satisfação que não está ligada à promessa diretamente, mas ao desejo e ao prazer de dar continuidade ao evento. Isso expressa que nem sempre a festa de Reis é caracterizada pelo pagamento da promessa, elevando a uma atualização dessa prática anualmente, o que marca uma tradição, conforme abordado por Caddah (2015).

Em relação a esse aspecto, promessa e tradição, observei que o Reisado do Mutirão é interpretado como promessa quando era do pai de Dona Toinha. Contudo, a partir de 1993, ano em que Dona Toinha assumiu o reisado, prosseguiu como promessa, permeado por tradição, embora não seja uma característica considerada por Dona Toinha, tendo em vista que ela vê esses dois aspectos dissociados e que esse segundo sucumbe o sentido do primeiro,

¹⁷⁵ Entrevista concedida por Dona Toinha a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), em 13/01/2016.

¹⁷⁶ Entrevista cloletiva concedida por Dona Zezé e duas outras senhoras a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), em 17/06/17.

que para ela é o que há de mais importante na festa de Reis. Nas representações atribuídas pelos participantes do reisado, porém, há uma clara defesa de que o Reisado do Mutirão não significa só uma “tradição” (nesse sentido pejorativo de “ganhar dinheiro” como meio de vida), mas reafirmam que pagam uma promessa. “Minha promessa”, como diz Dona Toinha.

Relacionado com o pagamento de promessa, destaco também o papel do devoto como o sujeito que acompanha o reisado e por vezes paga uma promessa, mas não é necessariamente o *promesseiro* ou dono do reisado; ele aproveita a oportunidade de alguém que está tirando Reis para também pagar a sua promessa. Em 2017, no dia seis de janeiro, observei que o gritador do leilão, Raimundo Ivan, se destacou notadamente como “devoto” e pagou sua promessa acompanhando rigorosamente a peregrinação do Reisado do Mutirão na procissão de encerramento. Na ocasião, percebi que ele ficou mais atento em todo o percurso do reisado, comportando-se com perceptível crença religiosa em cada parte do ritual, de forma contrita, dando a impressão de que cumpria concentradamente tudo que combinou com Santos Reis em sua promessa. A postura de Raimundo Ivan me chamou atenção porque no ano anterior, enquanto somente *gritador* do leilão, ele não dedicou a mesma atenção ao ritual do reisado, como o fez no ano em que, além de *gritador* do leilão, era um devoto pagando promessa.

Devo destacar que o *promesseiro* ora é aquele que se porta como devoto e participante da prática, ora é o maior responsável pela realização do *tirar* Reis. Aqui, esse segundo papel, conforme já mencionado, cabe a Dona Toinha, que, além de evidenciar o compromisso com a promessa, ela também se responsabiliza, contrata os trabalhadores, seleciona pessoal e avalia os gastos com a *brincadeira*, mesmo diante das dificuldades.

“[E o Delo - rabequeiro tocador de Divino? Teve aqui na reza passada?] Não, veio não. [Dona Joana responde] Tá caro. [Tá caro, é?] Tá. [Tudo é caro, não é?] Pior é que é, viu? [Chico continua] Pra ele passar um dia tocando ele cobra é sessenta reais, moço. [O Delo, né? É uma diária mesmo...] É. E num dá pra fazer o dinheiro num dia não, meu amigo. [Dá não?] Dá não. E o pior [continua Dona Joana] é quando a gente num pode pagar direitim, cobram da gente, tem negócio de dizer ‘quem tiver suas promessa que pague...’ [risos] É... [Quem tiver suas promessas, que pague] É...”¹⁷⁷

Dona Joana, que é promesseira do Divino, na mesma cidade de Dona Toinha, também expõe como obstáculos as preocupações financeiras, que marcam simbolicamente um conflito expresso em situações como “quem tiver suas promessa que pague”. Com base nessa

¹⁷⁷ Entrevista concedida por Joana Monteiro de Aquino (Dona Joana) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, na comunidade Santa Rita, em Demerval Lobão (PI), no dia 13/01/2016.

percepção, constatei que várias dificuldades permeiam a promessa: não só ter boa aceitação religiosa na comunidade, mas cumprir com a obrigação de pagar o santo e pagar os trabalhadores.

Nessa perspectiva, Joaquim Patrício, do Reisado da Boca do Mato, também compartilha dos impasses em relação ao custeio da *brincadeira* enquanto *promesseiro*.

*“Em Beneditinos tem careta bom, que pisa miúdo. Agora, só é caro os tocador. Os tocador pra lá não querem mais tocar de mil não, só querem é mil e duzentos. E cantador tem que ser do mesmo preço. Não tem quem aguente não.”*¹⁷⁸

As palavras do promesseiro reforçam essas dificuldades em manter a *brincadeira* do reisado com segurança, o que promove conflito quando se tem uma obrigação a cumprir. Com isso reforço o entendimento de que o processo ritual de um reisado tem muito a ver com a relação de significados para os que fazem a *brincadeira*. Nas palavras de Dona Toinha, as dificuldades em manter seu reisado se renovam toda vez que é questionada:

*“Aí, eu num sei esse ano [2016/2017]. Só se me derem uma ajuda. Se não me derem eu tô fraca. Tem que pagar o tocador, tem que pagar o rapaz que bate o pandeiro, o que bate o triângulo [...] Porque eu vou lhe dizer: começa aqui no dia 25 de dezembro, aí pronto. Té o dia 6 de janeiro [a casa] lotada, lotada, lotada! É lotada! Aqui num tem de comer que chegue. E chega porque a gente vai na rua, compra um fardo de arroz, bota aí, e é feijão, e é uma carne, é tudo. E a casa é lotada. A casa é lotada. Lotada. E graças a Deus nunca faltou.”*¹⁷⁹

No contexto desse reisado, Dona Toinha está lidando com a parte mais onerosa da organização, o que envolve arrecadação e pagamento, tanto dos contratos com pessoal quanto dos recursos materiais. Importante marcar que o mais importante no pagamento da promessa é a reza do Dia de Reis e, assim, quando Dona Toinha não quiser mais peregrinar, ela continuará, pelo menos, com essa reza. No entendimento de que “primeiro vem a obrigação pra depois a devoção”, o mais importante para o compromisso de Dona Toinha é a reza (obrigação). Essa é provável que não deixe de acontecer “enquanto vida tiver”.

Sobre os valores arrecadados no Reisado do Mutirão, Dona Toinha comenta de forma imprecisa, mas sempre coloca a dificuldade com as despesas. Ela afirma que os *brincadores dos bichos* são os que mais ganham (média final de 600 reais cada um, segundo ela) e o santo

¹⁷⁸ Entrevista concedida por Joaquim Patrício a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Juazeiro, no dia 25/10/2016.

¹⁷⁹ Entrevista concedida por Antonia Bezerra Lima (Dona Toinha) a Kelvin Moraes, em Demerval Lobão (PI), no dia 28/09/2017.

é o que menos recebe. “Se recebeu 500 reais foi muito”¹⁸⁰. A preocupação de Dona Toinha se dá pela necessidade de pagar os gastos com a festa. Por exemplo, dos gastos com a comida distribuída no dia da festa, listei: dois porcos, grande quantidade de arroz, farinha, legumes, verduras etc. A dona do reisado sustenta o discurso de dificuldade, a escassez do dinheiro e a falta de ajuda do poder público. Confesso que em meu primeiro contato com essas relações de pagamento (dinheiro) no reisado imaginava que a prática seguisse o sentido de certa caridade tradicional católica, de solidariedade e gratuidade. Porém foi importante perceber que as convivências se obrigam mutuamente, que as trocas geram reciprocidades e que as relações não são desinteressadas. Nesse sentido, embora haja voluntariado, na prática muitas ações passam por marcador de preço e de valor financeiro como condição para ser realizado. “Tudo é pago”, desabafa Dona Toinha. Ela refere-se ao gritador do leilão, ao transporte do grupo, ao *careta* Chechéu que assou os assados para o leilão, ao sanfoneiro, aos *cantadores* e aos *brincadores*. Quando questiono se *deu* para pagar as despesas, Dona Toinha diz:

*“É, deu só a conta, num sobrou nada, e ainda tem gente que fica falando: ‘ora o prefeito tava aí. O reisado é um mêi de vida’.”*¹⁸¹

Dona Toinha demonstra certa irritação com os comentários que supostamente ouviu e até chega a dizer que não quer mais continuar a promessa – “Quero mais *tirar* reis não” –, no entanto ela sabe que não é bem assim. O Reisado do Mutirão é uma tradição que envolve interesse de muitas pessoas. Os filhos de Dona Toinha, tanto os biológicos quanto os agregados por vizinhança e parentesco, vivem a *brincadeira* de maneira muito atuante e significativa; são várias redes (para além das de “tira de pano” que Dona Toinha tece com Chico Porva e vende em casa) sociais, disputas, interesses, valores e ações que estão em jogo.

Percebi que o leilão de encerramento (em 2016) arrecadou 1.340 reais. Com esse valor somado às esmolas que recebeu o santo (que Dona Toinha não demonstrou saber a quantia exata) e outras doações voluntárias, o reisado conseguiu pagar o que gastou. Nas palavras de Dona Toinha, “deu só a conta”. Não foi minha intenção aqui fazer contabilidade formal da festa, pois não é meu foco neste estudo, mas me interessou refletir sobre como se acomodam esses fluxos do que se ganha e do que se gasta no Reisado do Mutirão, o significado dessas

¹⁸⁰ Toda a arrecadação (em dinheiro ou produtos alimentícios) “do santo” será usada para fazer a festa de Santos Reis no dia seis.

¹⁸¹ Entrevista concedida por Antonia Bezerra Lima (Dona Toinha) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), no dia 13/01/2016.

relações para os que fazem parte da festa e as implicações do pagamento nas suas variadas dimensões.

3.2.2. O pagamento dos *brincadores*

Sobre o pagamento dos *brincadores*, destaco os contratos formais e informais com os participantes do Reisado do Mutirão. Esse ponto ganhou minha atenção quando ouvi Dona Toinha falar: “Tá no contrato, tá recebendo dinheiro”, referindo-se com reprovação à ausência de um brincante do reisado.

Com relação ao contrato e ao pagamento de *brincadores*, as relações são informais e acordadas de acordo com a ética do campesinato, em que a palavra é considerada registro e documento para se cumprir o que se contratou. Destaco o relato do *careta* Chico Sabino ao ilustrar uma situação de contrato entre promesseiros e *brincadores*.

“*Careta hoje não ganha mais nada não, moço. Aí o contrato que eu tive com ele é porque eu fui contratado. Eu tava sentado bem aqui assim nessa cadeira quando ele chegou na moto na minha procura, ele não sabia que eu tava acidentado. ‘Chico Sabino, rapaz, o home que tu tocou reisado pra ele aqui em Demerval Lobão morreu. Eu tô aqui na sua procura pra tu ir cantar o reisado, sapatear de careta’ [...] Aí eu digo: ‘João Erundino, eu num posso sapatear. Eu me acidentei. Você tá vendo eu sentado aqui nessa cadeira eu com a perna em cima doutra cadeira? Ainda tinha até um ponto aqui na minha perna... Cê tá vendo isso aqui?’ ‘Tô, Chico Sabino’. Eu digo: ‘Rapaz eu num posso’. ‘Não rapaz, mas... vá pelo menos pra cantar o meu reisado e os bicho, que os careta lá num sabem cantar’ Eu digo: ‘Começa que dia?’. ‘Dia 27. É 27 de dezembro’. Eu digo: ‘Você vem me pegar aqui?’. ‘Venho’. ‘Você vem me deixar quando terminar o reisado?’. ‘Venho’. Aí eu disse: ‘Pois eu vou por 250 conto’¹⁸². Que era nove noite, né? Ele disse: ‘Pois eu venho lhe pegar no dia 27’. Num marquemo foi o horário dele vim me pegar, né? Nós saimo daqui depois que nós almoçemo. Aí antes de nós atravessar o rio ele disse: ‘Chico Sabino, lá não começa hoje, eu vim pelo trato que eu fiz com você. Lá só começa amanhã’. Eu digo: ‘Tudo bem eu já tô por sua conta’. Aí quando nós chegamo lá na casa dele aí a Joana, muié dele: ‘Chico Sabino, você veio mermo’. Eu digo: ‘Eu num vim; me trouxeram’.”¹⁸³*

De acordo com o que falou Chico Sabino, a responsabilidade de contratar os *brincadores* é do *promesseiro*. Em “[...] eu já tô por sua conta” o *careta* deixa claro que não dependerá de contingente para cumprir sua obrigação, no caso, de cantar no reisado. Por outro lado, fica claro que o *promesseiro* contratante deve se esforçar para realizar sua promessa,

¹⁸² 250 “conto” refere-se a duzentos e cinquenta reais.

¹⁸³ Entrevista concedida por Chico Sabino a Antonio Vagner Ribeiro Lima, na Comunidade Santa Rita, em Demerval Lobão (PI), no dia 13/01/2016.

independente de aumento de valores ou condições adversas. O contrato, mesmo informal, é garantia para que o brincador receba condignamente por seu trabalho. Essa forma de pagamento acertado também é encontrada em outras práticas sociais como, por exemplo, na cantoria de repente nordestino, que aqui pode ser observada na análise de Sautchuk (2012, p. 206):

A forma corriqueira de remuneração do *cantador* nordestino é, desde o século XIX, a bandeja. O pagamento na bandeja guarda semelhanças com outras formas de remuneração de artistas no sertão nordestino em que o público divide o ônus da apresentação – como as “cotas” que os homens pagam aos sanfoneiros nos forrós. Os ouvintes pagam normalmente logo nos primeiros baiões, quando é colocada a bandeja [...] Uma paga de bom valor serve como signo de status diante de todos.

O pagamento na bandeja, como descreve o autor, acaba por criar uma situação de expectativa e incerteza, visto que a contribuição espontânea depende da generosidade de quem participa. Ressalto que, no reisado, essa característica de não se saber ao certo sobre o valor de arrecadação para os *brincadores* e para o santo continua nas esmolos, na gorjeta adquirida nos lenços dos *caretas* e no beija-santo, tanto da peregrinação nas casas quanto no altar de reza do dia seis de janeiro. Portanto, a negociação de contrato informal que aqui destaco, a partir da fala de Chico Sabino, é um ponto de reflexão, adaptação e construção de formas estabelecidas para negociar e definir o pagamento no reisado. Mais uma vez recorro à cantoria do repente nordestino estudado por Sautchuk (2012, p. 207 e 208), que atribui ao *cantador* pernambucano Ivanildo Vilanova a inovação de exigir que as cantorias fossem “de contrato” ou “justas”, isto é, com o cachê dos *cantadores* previamente ajustado, incluindo também melhor possibilidade de simetria na divisão do cachê entre a dupla. Essa simetria na divisão do dinheiro na cantoria é acompanhada de um ideal de simetria também nas alianças profissionais.

Com os *brincadores* do Reisado do Mutirão o pagamento é diferenciado, ficando a cargo de Dona Toinha a negociação dos valores. É ela quem realiza a pagamento, de acordo com a função e o “contrato” que fez com cada um, inclusive a decisão de pagar ou não alguma ausência de *brincador*.

“[Como é que foi a virada de ano, Dona Toinha?] Foi bom. [E o reisado tá bom esse ano?]. Só que os meninos tão numa cachaça danada. Quando o caba pensa falta um, cum pouca falta dois, o Macambira num veio. Amanhã eu vou dar um jeito. O Mauro já tá no lugar do Macambira. Eu vou pagar o Mauro. Porque o Macambira tá, uma hora tá bebendo cachaça. Como é que pode?! Tá contratado,

meu amigo, contratado eu tenho que arrumar o dinheiro por riba de um e de outro eu tenho que arrumar o dinheiro pra pagar, né? Aí fica faltando, sai oito horas da noite... não... [Era pra sair mais cedo, né?] Era, nós era acostumado nós sair seis horas. [Mas quem faltou foi o Macambira?] O Macambira e o Gordo.”¹⁸⁴

Dona Toinha reclama sobre o descompromisso dos *brincadores* e o acusa pelo uso da cachaça, preocupação que faz muito sentido, pois o bom desempenho na *performance* do grupo pode render mais notoriedade e recursos ao reisado. Se as apresentações são bonitas, mais gente vai querer ver e participar da festa. Assim, aumentam a rede de relações e trocas sociais, os donativos, a arrecadação do leilão, credibilidade no ritual do grupo, entre variadas contribuições e reciprocidades.

Entendo aqui que, em se tratando de pagamento, para os promesseiros, como contratantes, é uma obrigação de dar e, para os *brincadores*, como contratados, cabe o empenho de receber como serviço ritual, mas ambos, aqueles e estes, estão igualmente vinculados na mesma obrigação em louvar os Santos Reis.

3.2.3 Pagamento nas casas

No ritual do reisado, o pagamento nas casas está diretamente ligado ao pedido de esmolas. Seja com bandeira, santo e dança dos bichos à noite, seja só com o santo durante o dia, o ritual de pedir esmolas, tradicionalmente conhecido como pagamento do santo, é imprescindível no cumprimento da promessa. No Reisado do Mutirão, a arrecadação das esmolas do santo nas casas está acompanhada de várias formas de apresentação dos personagens da *brincadeira*, em que cada modalidade que for acertada tem um preço a ser pago pelo dono da casa. Ressalto que o valor das esmolas do santo também sofre variação e, em geral, não resulta em quantia suficiente para pagar todos os gastos da festa do santo.

De acordo com Dona Toinha, os custos do Reisado do Mutirão são dispendiosos porque há muitos gastos: “tem que pagar”, por exemplo, “o cantador” e “o que comer”¹⁸⁵. A dona do reisado deixa claro que o valor das esmolas arrecadadas não paga as despesas de realização da festa. Nesse entendimento, o pedido de esmola é parte simbólica do ritual que precisa ser cumprida no pagamento da promessa. Para Dona Toinha, também tem utilização

¹⁸⁴ Entrevista concedida por Antonia Bezerra Lima (Dona Toinha) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em Demerval Lobão (PI), no dia 01/01/2016.

¹⁸⁵ Entrevista de Antonia Bezerra Lima (Dona Toinha) concedida a Kelvin Moraes, em Demerval Lobão (PI), no dia 28/09/2017.

financeira, porque cobre uma parte dos gastos. Outro depoimento, o de Dona Zezé, uma moradora que fala da experiência de *tirar* reisado de sua mãe, reforça o entendimento:

“Aí minha mãe se apegou com Santo Reis que se meu pai curasse aquele sangramento do dente dele, que ela ia tirar um ano de reisado. Tirava um ano na época do reisado, ela ia tirar, né? As esmolas do santo¹⁸⁶. Aí ela tirou, mas foi só um ano que ela tirou, mas foi de dia. [E aí foi ela mesmo] Ela mesma tirou, ela levou a gente, era tudo menina nessa época, aí a gente ia com ela. Ela ia com a sombrinhazinha, o santo, tiremo as esmola, mas ela não rezou, ela deu a esmola pra senhora dona do santo. [É como se ela tivesse ajudando] Essa mulher mora na Cidade Nova, a dona desse santo, ela ainda nem morreu, o nome dela é Sinhá¹⁸⁷. Ela tá muito velhinha, mas ela... Outro dia eu vi ela, não achei nem ela muito velha, uma senhorona dura. Pois é, o santo foi dela, e a mamãe tirou e entregou as esmolas pra ela.”¹⁸⁸

Ao dizer “tiremo as esmola, mas ela não rezou, ela deu a esmola pra senhora dona do santo”, Dona Zezé relata que sua mãe recolheu as esmolas do santo e isso bastou como cumprimento da promessa. Nesse caso, pedir esmolas denota atitude de humildade, postura cara para os significados do ritual do reisado. Dona Zezé não precisava financeiramente do valor das esmolas, mas apenas cumprir o protocolo religioso por obediência à obrigação no pagamento da promessa.

A arrecadação por meio do pedido de esmolas durante o dia pode fazer alguma diferença no resultado financeiro. Sobre essa modalidade de *tirar* Reis, o *tocador* Chico Sanfoneiro comenta:

“Num querendo pagar [a promessa] de noite pode pagar de dia que o santo é o mermim. Aí, de noite no dia você reza, junta os careta pra fazer brincadeira, aquela coisa e pronto: cê pagou sua promessa. Inda é mais bonito. Porque de depende sabe o quê?! De mais dificuldade. Porque de noite você vai labutar com quê? Vai labutar com três careta, um cantador, são quatro, né? Pra trabaia de noite. E tu indo pagar tia promessa de dia, com santim na mão, sacolinha dependurada, toda casa que tu chega ‘uma esmolinha pra Santo Reis’, todo mundo tá sabendo: no mês de janeiro, é tu sozim. Num amanerou setenta por cento?”¹⁸⁹

¹⁸⁶ Sobre “*tirar* as esmolas”, ver Pereira (2011, p. 248).

¹⁸⁷ Dona Sinhá é do Buriti Alegre, mas mora no Parque Vaquejador, próximo ao Pedro Romão, em Demerval Lobão (PI).

¹⁸⁸ Entrevista concedida por Maria José Veloso (Dona Zezé) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, no Bairro Boa Esperança, em Demerval Lobão (PI), no dia 17/06/2017.

¹⁸⁹ Entrevista concedida por Francisco Cipriano dos Santos (Chico Sanfoneiro) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, em 24/12/2015, na Chapadinha Sul, zona rural do município de Teresina. Pela proximidade geográfica a localidade Chapadinha Sul vivencia maiores trocas culturais com a cidade de Demerval Lobão.

De acordo com as palavras do informante, o pedido de esmolas no reisado torna-se mais eficaz durante o dia, porque o santo é a única atração do cortejo. Não é necessário, portanto, pagar pela apresentação de *tocadores*, *caretas* e nem *brincadores* dos *bichos*.

Dona Zezé é devota do Reisado do Mutirão, acompanhou a passagem do reisado em 2016, mas em 2017 só viu atuação de outro reisado durante o dia:

*“Aqui é bairro Boa Esperança. [Em 2017] passou só o reisado durante o dia, só uma mulher com o santim mesmo, tirando a esmola com o santim. Mas não era aquela cultura dos caretas, do Jaraguaiá, Boi, esse ano aqui na nossa rua não passou. [Ah, então, passou um de dia] Passou de dia o reisado. Só a mulher com o santim, com uma sombrinha, um santim, aí recebe a esmola e a gente dá.”*¹⁹⁰

Pela descrição de Dona Zezé, na passagem do reisado durante o dia, houve pagamento de esmola do santo, embora não tivesse acompanhado de outras atrações. Posso inferir que o ato de pedir esmolas tem força representativa no reisado, justamente pela imagem do santo que se mantém, independentemente da presença dos outros personagens da *brincadeira*.

Nesse mesmo sentido, destaco que o pagamento da promessa do Reisado do Mutirão, na parte do ritual que se refere ao pedido de *esmolas*, segue o mesmo que observou Pereira (2011, p. 248) nas folias de Urucuia (MG), ao relatar:

Um capitão de folia de Urucuia me contava a história de um imperador que, por ser rico, queria abrir mão das ofertas durante uma folia.

“Aqui tem o senhor rico aqui, ele até já morreu. Ele tinha uma promessa de reis pra pagar e arreuniu os folião [...] mas ele era bem rico, ele não precisa de esmola. Aí ele falou pro seu Manoel: ‘Olha, o senhor não precisa de sair pedindo esmola, porque não precisa, porque tem umas coisas aí, e coisa e tal’. Ele nem falou aquilo por maldade. Mas o seu Manoel falou pro seu Luís: ‘Oh, seu Luís, não é porque o senhor precisa não. Isso é obrigação. Os mago fizeram assim e ele são santo. Pra o senhor pagar sua promessa, o senhor precisa pedir esmola’ [...]”.

O pedido de esmolas parece mais importante simbolicamente para a folia do que efetivamente para seu financiamento econômico.

Pereira enfatiza na fala de seu informante que o ato de pedir esmolas é parte imprescindível, independente da necessidade de uso financeiro das esmolas. No caso do Reisado do Mutirão, o valor de arrecadação do leilão, na festa de encerramento, é que se soma ao valor das esmolas para, então, cobrir os gastos da festa.

¹⁹⁰ Entrevista concedida por Maria José Veloso (Dona Zezé) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, no dia 17/06/2017, em Demerval Lobão (PI).

O Reisado de dia desponta, assim, como opção mais viável ao pagamento de uma promessa, se o pagador não dispõe dos recursos necessários para a realização do reisado convencional, *tirado* à noite, considerado grosso modo mais trabalhoso, principalmente pela carência de bons *caretas*, sanfoneiro e cantador. Nesse caso “faz só um terço no dia. Só um tercim, um café”, como comentou Noé Crispiano¹⁹¹ sobre a incerteza de Dona Toinha *tirar* o reisado no ciclo 2016/2017. Em minha investigação no campo do Reisado do Mutirão, percebi essas dificuldades de o grupo garantir o pagamento das despesas necessárias. O *careta* Chikin analisava o melhor trajeto a ser percorrido pelo grupo. Ele tinha em mente contemplar todos os devotos que previamente tinham pedido para o reisado passar por suas casas. Para o grupo, isso significava uma certeza de serem recebidos e garantirem o pagamento. Por vezes Dona Toinha hesitava em cantar em alguma casa: “Será que tem alguém aí?” E chegava a perguntar a alguém por perto sobre o morador, se gostava de reisado, se era “crente”, se receberia o grupo. Compreendo que seria mais cansativo e menos produtor não se certificar do acolhimento da casa. Isso também seria decisivo na quantia que seria ofertada ao santo, *bichos* e *caretas*. Nesse momento o grupo assemelha-se a um precatório errante que se arrisca numa aventura de cantar na porta certa ou não. Quando não se avisa que vai visitar, corre-se o risco de encontrar o potencial “devoto” despreparado para receber o reisado. Na conquista da casa, entra em cena o *careta*, que tem o compromisso de, se valendo das muitas possibilidades de linguagem, endereçar sua melhor lábia e ganhar o direito de dançar o reisado, de ganhar aplausos e de ganhar o dinheiro quando joga seu lenço. Em se tratando de apurado, havia, de fato, uma atenção ao que se poderia ganhar. Além do que os *caretas* já haviam conquistado no lenço, também pleiteavam pagamento para a dança dos bichos e a esmola que Dona Toinha negociava no beija-santo¹⁹².

Na autorização da *brincadeira* nas casas, a relação com o dinheiro se dava de forma não revelada, embora se tratasse de uma negociação importante para decidir os rumos da *brincadeira* em cada lugar que o reisado se apresentava. A partir dessa decisão de negócio com o dinheiro, percebi que o Reisado do Mutirão poderia brincar com diferentes formatos de apresentação numa mesma noite. Nesse entendimento, a negociação não é exata e os valores dependem do que o dono da casa autorizar para dançar, o que gira em torno de 30 a 50 reais pelas apresentações. É o que Dona Toinha pede, de forma bem discreta, para, com a

¹⁹¹ Entrevista concedida por Noé Crispiano a Antonio Vagner Ribeiro Lima, durante o ensaio do Reisado de Raimundo Crispiano, na Piaçava, em Demerval Lobão (PI), 27/11/2017.

¹⁹² Beija-santo é expressão para dizer que o dono da casa aceitou receber o reisado. No geral o devoto faz o sinal da cruz, beija a imagem e coloca uma oferta (em dinheiro) aos pés do santo. Ritual parecido com o que encontrei na Divindade, em que o *cantador* dizia nos versos “quem tem dinheiro beija e bota, quem não tem beija também...”

pechincha, chegar aos 25 ou 30 reais. A definição do valor da apresentação depende em parte do local e da sensibilidade de quem autoriza a *brincadeira*. Identifiquei, em campo, as seguintes modalidades de apresentação e de pagamento do reisado: a) **bota tudo e separado**: cada *bicho* se apresenta em separado, na sequência: primeiro a Burrinha, depois o Jaraguá e, no encerramento, o Boi. Em seguida há o sapateado dos *caretas*, que dançam separadamente e terminam a seção dançando juntos. O preço varia entre 40 e 50 reais, mas, dependendo de sua generosidade, o dono da casa pode pagar mais. Na ocasião, presenciei uma oferta de 80 reais; b) **tudo junto**: os *bichos* dançam todos de uma vez, por um valor menor em dinheiro. Os *caretas* aqui também dançam juntos. O valor gira em torno de 25 reais; c) **só os bichos**: os *caretas* cantam a música de cada figura que se apresenta, não falam lorotas e não jogam o lenço. Eles também interagem na dança dos “Passarim”¹⁹³. Os valores dessa modalidade variam entre 20 e 30 reais; d) **só os caretas**: cada *careta* se apresenta separadamente, seguindo a ordem do mais novo para o mais velho, contam suas lorotas e depois dançam juntos. Os valores podem ser pagos para cada um no lenço ou entregues para rateio entre eles; e) **só o do santo**: pagamento (esmola) para o dono da promessa usar na festa do dia 6 de janeiro. Dinheiro separado que não pode entrar na divisão dos *brincadores*. Nesse caso ninguém dança. O valor médio que se paga ao santo é 10 reais, porém às vezes se paga 5 ou 2 reais; e f) **só um bicho**: apenas um dos bichos dança, geralmente o Boi. O valor é negociado entre 10 e 20 reais.

Os valores aqui estimados variam muito, visto que em algumas situações se “dança até de graça”, comenta Chikin, fazendo entender que o reisado “não é só por dinheiro”. Na minha observação, esses entendimentos sobre o pagamento têm influência direta na manutenção da tradição, porque garantem a continuidade tanto nas atividades que necessitam de dinheiro quanto nos rituais de obrigação da promessa.

Na sua experiência e lida com o reisado, Dona Toinha me relatou valores de despesas com pessoal, por mim sistematizados da seguinte forma¹⁹⁴:

¹⁹³ Outra denominação para os *bichos* do reisado, principalmente quando pensados em conjunto: “Os passarim”.

¹⁹⁴ Esboço do que efetivamente Dona Toinha pagou no ciclo natalino 2015/2016 como contrato informal para os participantes do reisado.

Quadro 5 – Gastos com pessoal (ciclo natalino 2015-2016)

PESSOAL	VALOR (R\$)
Sanfoneiro	400,00
Trianguista	150,00
Pandeirista	150,00
<i>Careta</i> Odílio	250,00
<i>Careta</i> Chikin	150,00
<i>Careta</i> Chechéu	150,00
Xavier (carro)	200,00
Ivan (leilão)	50,00
Assador do leilão	150,00
TOTAL (R\$)	1650,00

Fonte: Elaborado pelo autor.

É importante salientar ainda, em relação ao pagamento nas casas, que essa negociação ocorre muitas vezes através de diálogos velados. Para isso os *caretas* e a dona do reisado disfarçam o interesse financeiro e destacam o valor simbólico. Distanciados do público, negociam em tom de voz baixo. Afinal, nesse ambiente religioso, momento em que santo e bandeira estão muito próximos, falar de dinheiro em primeiro plano vai de encontro aos elementos sagrados do reisado.

No entanto, presenciei momentos em que não foi possível negociar de forma velada porque a dona do reisado e os *caretas* foram surpreendidos com a pergunta do dono da casa em tom de *brincadeira*: “Quanto é pra dançar o reisado todo?” Diante dessa situação, os *caretas* protagonizam diálogos de persuasão e reagem com humor para desconversar. O *careta* Chikin relatou-me uma situação dessas:

*“E aí às vezes ele [o dono da casa] ainda pergunta: ‘Quanto que é?’ E aí a gente: ‘Rapaz, ó... cê dá a casa pra gente aí e tá tudo certo’ [risos] [Mas... é caro? Não?] Não, não... a gente brinca, às vezes a gente já brincou até de graça. ‘Rapaz, eu queria... meu filinho... eu queria ver mas não tenho dinheiro’. Eu digo: ‘Rapaz, nós bota’. [...] Agora tem gente que pergunta: ‘Quanto é?’ Aí a gente diz: ‘Rapaz, quanto é que você dá?’. ‘Eu dou tanto, dou tanto’. Aí nós brinca. E assim vai. [...] Tem gente que chega pra cantar o Reis, aí eles diz: ‘Não, não precisa nem cantar não, tá aqui só a esmola do santo, não precisa nem cantar’.”*¹⁹⁵

Chikin relata possíveis saídas de situações constrangedoras no diálogo sobre o pagamento com o dono da casa. A ironia expressa em “Rapaz, ó... cê dá a casa pra gente aí e

¹⁹⁵ Entrevista concedida por Francisco Martinho de Sousa Filho (Chikin) a Antonio Vagner Ribeiro Lima no dia 04/06/2015, em Demerval Lobão (PI).

tá tudo certo” demonstra a capacidade do *careta* de improvisar e de ser persuasivo. No mesmo relato, ele aponta uma segunda situação em que os *caretas* se sensibilizam com a escassez de recursos do dono da casa e apresentam alguma parte da *brincadeira* como cortesia. No final do relato Chikim ainda narra situações em que o dono da casa não quer fazer gastos com a *brincadeira* e evita a negociação antecipando como pagamento somente a esmola do santo.

Pautado nessas falas, certamente os *caretas* precisam de um “jogo de cintura”, como se diz popularmente, para mostrar o seu trabalho de convencimento. Eles são o “cartão de visita” do grupo, embora Dona Toinha se adiante em termos práticos como porta-bandeira, a que carrega a imagem do santo, a que chega primeiro. Aqueles convencem mais pela astúcia do palavreado e esta pela autoridade representada na imagem que ela conduz – a autoridade do santo fala por si, através de um discurso silencioso, oculto e compartilhado na crença patenteada pela tradição. Digo seguramente, após presenciar reiteradas vezes, que o trabalho dos *caretas* é mais difícil, pelo improvisado e por ter que dar mais de si nesses momentos – é a própria imagem deles que está em jogo.

Aliada à forte presença da imagem do santo, a capacidade de negociação de Dona Toinha também merece destaque. Foi o que observei na fala de Chico Porva sobre concorrência, flexibilidade e traquejo na negociação do pagamento do reisado protagonizados pela esposa:

“Aí, se aqui tem outros reisado que tira ou tirava, aí eles vão chega na casa, ‘quanto é a brincadeira?’. ‘É cinquenta reais’. ‘Não, quero não’. Teve um reisado aí que um dia se invocou com o daqui. Os careta dele. O dono não. Foi os careta. Eles ia na frente e a Toinha atrás. Aí foi lá na frente eles voltaram. Quando chegou lá os careta aqui tinha cantado, encostaram e num queria que eles cantassem. E a Toinha encostou com o reisado dela e cantaram. ‘Quanto é que vocês brinca?’. ‘rapaz, num sei’. Aí chega numa casa, o menino chega... ‘Quem é o dono do Reisado?’. ‘É a Toinha aqui’. Aí num pergunta pros careta não. ‘Dona Toinha, quanto é que os careta brinca aí?’ E aí a Toinha disse: ‘Rapaz, quanto é que você tem pra dar?’. ‘Tenho vinte, tenho trinta, eu tenho quarenta, tenho cinquenta pra dá aqui...’. ‘Nós brinca!’.”¹⁹⁶

Observei que aqui está em jogo a capacidade de negociação de Dona Toinha com o dono da casa. Quando seu Chico diz que o dono da casa “num pergunta pros *careta* não” e sim para Dona Toinha, ele destaca a perspicácia da esposa, porque nesse contexto ela consegue melhor resultado. Da própria experiência, ela confia a técnica:

¹⁹⁶ Entrevista concedida por Francisco Martins de Sousa (Chico Porva) a Kevin Moraes Campelo, em Demerval Lobão (PI), no dia 28/09/2016.

“*Tem deles que faz mermo só a proposta: ‘Eu tenho vinte conto pra dá pra brincadeira deles. Eles brinca?’. ‘Brinca! Bora! Eles brinca!’.* Tem vez: *‘Dou vinte reais pra brincar. Brinca?’.* *‘Brinca! Bota aí!’.* Quando é no fim ganha cinquenta, cinquenta reais... *Eles falam mermo só pra ver o que que diz, se é uma brincadeira ou se é...*”¹⁹⁷

No tocante às negociações com o pagamento, Dona Toinha evidencia na fala acima que o objetivo é brincar, não importando se para isso tenha que baratear o preço informalmente estabelecido pela apresentação do grupo. Essa estratégia também demonstra a confiança de Dona Toinha na *performance* convincente dos *brincadores* em conseguir melhor pagamento. “Eles falam mermo só pra ver o que que diz” é uma percepção que Dona Toinha reflete com experiência de outras ocasiões e hoje são ensinamentos no trato com o pagamento. A perspicácia da linguagem exige rapidez de pensamento para fazer um bom negócio. Em se tratando de devotos, dinheiro do santo, meandros de produtos sagrados, Dona Toinha empreende dialeticamente elementos da ética moral (o santo que traz de casa) com o tino comercial próprio dos vendedores ambulantes (a *brincadeira* que está na rua)¹⁹⁸. Interessante diálogo com a *psicologia* dos vendedores é acionado para resolver questões sutis de persuasão, em que se vendem dimensões sagradas e profanas em um mesmo produto, o reisado. E isso ocorre em diferentes contextos, na horizontalidade das relações sociais, tanto é que Dona Toinha compara a diferença da quantia arrecadada nas casas da zona rural e urbana: “Na Chapadinha, teve dia que nós *tiremos*¹⁹⁹ 180 [reais]; ontem [referindo-se ao dia 01/01/2016 – reisado tirado em casas da cidade] só *tirei* 40 [reais]. Mas é isso mesmo”.²⁰⁰ As negociações de pagamento no reisado, assim como as decisões sobre valores que envolvem dinheiro, são sempre muito cautelosas no Reisado do Mutirão. Na argumentação de Chikin, isso se dá porque “o reisado não é só por dinheiro; a gente toca até de graça, dependendo da pessoa”.²⁰¹

¹⁹⁷ Entrevista de Antonia Bezerra Lima (Dona Toinha) concedida a Kevin Moraes Campelo, em Demerval Lobão (PI), no dia 28/09/2016.

¹⁹⁸ Destaco a capacidade de uso das palavras com precisão persuasiva, ao modo dos “caixeiros viajantes” nas feiras das pequenas cidades brasileiras, que não podiam estocar mercadoria (algumas perecíveis) e, portanto, precisavam dar cabo ao que vendiam em tempo hábil, sem, contudo, parecer que venderiam a qualquer preço, para não desvalorizar a mercadoria naquele espaço. Literalmente um “rito de passagem”, para não esquecer Van Genneep (2013) nessas ações rituais.

¹⁹⁹ O verbo “*tirar*” aqui tem o sentido de lucrar, conseguir alguma vantagem a partir de um investimento. É termo muito próximo do “*tirar reis*”, que expliquei na página 12, nota 3, deste estudo.

²⁰⁰ Dona Toinha, dona do Reisado do Mutirão. Conversa livre captada por Antonio Vagner Ribeiro Lima em 02/01/2016, na cidade de Demerval Lobão (PI). Caderno de Campo.

²⁰¹ Entrevista concedida por Francisco Martinho de Sousa Filho (Chikin) a Antonio Vagner Ribeiro Lima no dia 04/06/2015, em Demerval Lobão (PI).

*“Se não um tempo nós chegamo lá nessa casa, ele procurou, aí eu disse: ‘Seu menino, quanto é que você dá?’ Aí ele disse: ‘Dona Maria, eu dou cinquenta real: vinte pro santo e trinta pra eles [caretas e/ou bichos]. Eles brinca?!’ Eu digo: ‘Brinca! Bota, bota, bota’. Aí brinca. Chegemo na outra casa foi do mermo jeito, na outra casa do mermo jeito, na outra casa foi do mermo jeito.”*²⁰²

A satisfação de Dona Toinha ao narrar investidas de sucesso na negociação de pagamento com o dono da casa está evidenciada em suas palavras. Ressalto que essas relações continuam a ser consideradas de reciprocidade porque partem do princípio da dádiva: “dar, receber e retribuir” (MAUSS, 2003), mas também assumem caráter de disputa, forjada nas estratégias de negociação, em que a linguagem funciona como mediação catalisadora, que transforma, em menor espaço de tempo, relações de reciprocidade em trocas agonísticas.

As investidas de persuasão estão presentes no jogo de palavras que servem ao argumento de Dona Toinha, resultando em situações jocosas (como fazem os *caretas*) ou até desconcertantes, quando não se chega a um acordo de pagamento com o dono da casa. Os valores dependem muito do lugar e da contribuição de quem acolhe. Importante ressaltar que, em algumas casas, as pessoas não abrem a porta e não contribuem “nem com o do santo”. Em outras situações, presenciei algumas doações isoladas. Como exemplo, o *careta* Odílio recebeu 50 reais como doação espontânea de uma turista que assistia ao reisado. Isso o deixou muito feliz: “*Tá bem guardadim, lá em casa, cinquentinha*”²⁰³. Na Chapadinha, enquanto os *cantadores* e *tocadores* cantavam na porta da terceira casa da noite, Dona Toinha se esforçava no escuro, com ajuda de uma lanterna, para contar o apurado da noite até aquele momento. “*Cadê aqueles cinquenta que a menina deu?*”²⁰⁴. Dona Toinha confere com Leidiane, que ajuda a organizar a soma. Há mais de uma sacola para guardar o dinheiro. Lembro que não se mistura a esmola do santo com as quantias recebidas pelas danças dos *passarim* e os resultados dos *lenços* dos *caretas*.

“Eles [os caretas] bota o lenço no dono da casa, é quando o dono da casa só quer só as brincadeira dos careta, os parapapá deles né, aí eles joga o lenço no dono da casa. Mas já sendo acertado o preço que eles vão brincar, num joga o lenço não. Aí o dono da casa dá o dinheiro, quem pega o dinheiro é a Toinha e aí a Toinha já diz pros menino... Porque quem ajunta o dinheiro é a Toinha mesmo...”

²⁰² Entrevista concedida por Antonia Bezerra Lima (Dona Toinha) a Kevin Moraes Campelo, em Demerval Lobão (PI), no dia 28/09/2016.

²⁰³ ²⁰³ Transcrição de áudio da fala de Odílio Bezerra Lima, captado por Antonio Vagner Ribeiro Lima, registrado em Caderno de campo, no dia 01/01/2016, na cidade de Demerval Lobão (PI).

²⁰⁴ Entrevista concedida por Antonia Bezerra Lima (Dona Toinha) a Antonio Vagner Ribeiro Lima, na comunidade Chapadinha Sul, em 27/12/2015.

*Da brincadeira deles... Da noite todinha. Ai quando chega aqui ela entrega tudim. O dinheiro das brincadeira. Quando é as esmola do santo, é dela.*²⁰⁵

Na fala de Chico Porva, fica clara a autoridade de Dona Toinha sobre os pagamentos no Reisado do Mutirão. É ela, como dona do reisado, que paga seus contratados, decide sobre quaisquer outros gastos relacionados ao pagamento no Reisado do Mutirão. As palavras do marido Chico Porva “quando é as esmola do santo, é dela” são significativas para o entendimento de relações que envolvem o sagrado, conotado na esmola do santo, que Dona Toinha ritualisticamente não “mistura” com dinheiro, mas tem a função de discernir como empregar o pagamento do santo. Isso demonstra a grande importância que Dona Toinha assume como representante do Reisado do Mutirão.

Fotografia 7 – Dona Toinha recebendo pagamento da esmola do santo nas casas



Fonte: Acervo pessoal do autor.

As análises aqui apreendidas demonstram, por meio das observações, descrições densas e testemunhos nativos que capturei, durante inserção direta, que o pagamento no Reisado do Mutirão se reveste de práticas, comportamentos e valores, que, mesmo carregados de relações religiosas simbólicas, não se esquivam das relações ditas financeiras, as ponderações econômicas nos contratos informais de negociação. O pagamento, desse modo, reveste-se da noção de obrigação que é resultado da reciprocidade das dádivas, que no Reisado do Mutirão são vivenciadas em reiteradas trocas do dar, receber e retribuir.

²⁰⁵ Entrevista coletiva de Francisco Martins de Sousa (Chico Porva) e Antonia Bezerra Lima (Dona Toinha) concedida a Kevin Moraes, no dia 28/09/16, em Demerval Lobão (PI).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No campo da Antropologia Cultural, desenvolvi de maneira reflexiva e dialógica um estudo etnográfico sobre o pagamento no Reisado do Mutirão, no município piauiense de Demerval Lobão, onde o grupo atua desde os anos 1990, sob o comando de Antonia Bezerra Lima, a Dona Toinha, e o marido Francisco Martins de Sousa, o Chico Porva. Para tanto, pautei-me no seguinte objetivo principal a que me propus, neste trabalho de dissertação: investigar o pagamento, em suas variadas dimensões simbólicas e seus desdobramentos, no ritual do Reisado do Mutirão.

Desse modo, caracterizei um panorama para estudo etnográfico do reisado, com foco no pagamento, de acordo com a análise antropológica; abordei as construções sociais e as práticas culturais relacionadas às situações de tensão e os sentidos do que é profano e do que é sagrado para os participantes do reisado e suas relações com o pagamento. Além disso, muito serviu a este objeto de estudo a descrição na perspectiva etnográfica dos diferentes tipos de pagamento do reisado, a partir dos rituais, das práticas dos promesseiros, dos *brincadores* e dos donos das casas visitadas.

O Reisado do Mutirão, enquanto grupo, é construído por laços de parentesco, compadrio, amizade e vizinhança, caracterizando-se como fenômeno social que concilia obrigação (promessa) e diversão (lazer) na realização de ações rituais movidas por entretenimento e por religiosidade, amparadas em uma ética moral própria do campesinato. A prática do reisado constitui-se um marcador de temporalidade dos participantes da *brincadeira*, representando uma forma de vida social e de experiências coletivas. Desse modo, laços e marcadores sociais, assim como os sistemas de retribuição, são resultados de trocas simbólicas que geram nas pessoas envolvidas as obrigações, ao mesmo tempo em que negociam e indicam as diferentes dimensões e formas de pagamento como desobriga.

É importante considerar que, diante das inquietações referentes a esse objeto de estudo, orientei-me pelas formulações teórico-etnográficas que implicaram fundamentar os procedimentos metodológicos e as informações de campo, deixando este me conduzir a respostas (ou mais perguntas), através de diálogos, de vivência com o grupo sob observação participante, mediante o acesso aos seus rituais profanos e religiosos, detalhes presentes nos cantos, nas danças, nas *brincadeiras*, nos versos, nos cortejos de arrecadação de donativos, na circulação de bens e serviços e dádivas. Desse modo, o Reisado do Mutirão figura, a um só tempo, como elemento agregador de pertencimento e como prática ritual de trocas sociais e simbólicas, o que me exigiu esse olhar investigativo no cenário científico.

Nesse sentido, a etnografia me serviu de chave para que pudesse integrar o cenário de pesquisa e observar formas de negociar o pagamento. Atendendo ao questionamento norteador introdutório deste trabalho, percebi que o dinheiro, situado em um processo ritualístico, atua como sagrado no momento em que é esmola para o santo e atua como profano no momento em que é conteúdo do lenço para os *caretas* e pagamento para *brincadores* dos bichos no reisado.

Com base nos dados etnográficos percebi que o reisado aqui investigado dialoga nas trocas sociais e reciprocidades e, do ponto de vista do que é simbólico, vivencia o cotidiano e atualiza-se ritualisticamente em novas práticas. Ademais, o Reisado do Mutirão constitui um fenômeno caracterizado por um sistema de prestações e contraprestações por envolver alianças, negociações de contratos informais, pagamento do santo e dos *brincadores*, permeado por rezas, peregrinações, festejos, diversão e obrigação. O pagamento, pois, é interpretado sob três dimensões diferentes: pagamento da promessa (obrigação), pagamento dos *brincadores* nos contratos informais (trabalho) e o pagamento das esmolas (devoção) com a *brincadeira* nas casas (diversão). Essas duas últimas estão analisadas neste estudo como um mesmo pagamento, porque ele é negociado com o dono da casa e, via de regra, são pagos juntos.

O pagamento, portanto, nessas três dimensões – o da promessa, o dos contratos informais e o do ritual das esmolas –, me fez perceber que, enquanto objeto profano, convive com a religião, objeto sagrado, na realização da *brincadeira* do Reisado do Mutirão. Contudo, também pude constatar que os integrantes veem o pagamento como necessário, mas ao mesmo tempo entendem esse sistema de trocas como prática contrária à ética moral religiosa, própria do campesinato. Isso fica bem claro em virtude de a prática do pagamento ser disfarçada, oculta. Ressalto também que, no entendimento da pesquisa, dois desses três pagamentos estão particularmente relacionados à Dona Toinha, a proprietária do Reisado do Mutirão. É ela quem tem a obrigação religiosa de pagar a promessa a Santos Reis e é ela quem precisa pagar as despesas com a festa. Sendo assim, ela necessita realizar dois pagamentos, um de cunho sagrado e outro de teor profano. O pagamento do sagrado consiste na promessa que foi combinada com Santos Reis. Para efetuar o pagamento financeiro, Dona Toinha precisa que o público pague a dança ou doe esmolas ao santo, dinheiro esse que custeia parte dos gastos da festa.

Sobre o pagamento das esmolas do santo e da dança dos bichos, negociação essa feita entre a dona do reisado e a dona da casa, constatei durante as apresentações que os valores foram construídos com base em seis categorias: bota tudo e separado (entre 40 e 50 reais),

tudo junto (25 reais), só os *bichos* (entre 20 e 30 reais), só os *caretas* (entre 10 e 15 reais), só o do santo (entre 2 e 10 reais), só um *bicho* (entre 10 e 20 reais). Foram essas as modalidades de apresentação e de pagamento do reisado que consegui identificar na etnografia. O valor a ser pago, geralmente em dinheiro, fica a cargo do dono da casa, de acordo com a modalidade escolhida para ser apresentada. O acerto do pagamento negociado entre Dona Toinha e o dono da casa é o acionamento que autoriza a apresentação do reisado. Ressalto que os valores expressos são estimativas e que não seguem rigidez de mercado. Há uma ética moral que permeia essas decisões de valores e, embora exista um preço, o sistema financeiro é mediado pelo valor simbólico da dádiva. Nesse sentido, refleti o significado de “a gente dança até de graça”, um dos primeiros dados etnográficos que colhi em campo junto ao Reisado do Mutirão. Agora ele atua como indicador de que esse reisado vive a ética do campesinato, ao considerar mediação moral entre “pagamento” e “graça” e marcar diferença simbólica entre “dinheiro” e “esmola”.

Em relação às esmolas, identifiquei que quando se relacionam ao santo são parte mais ritualista e menos financeira do pagamento. O que se arrecada com as esmolas do santo é insuficiente para pagar os gastos da festa. A apresentação cultural dos bichos do reisado, caracterizada pelas falas, danças e cantigas, é a oferta que se lança para se colher mais donativos, ao mesmo tempo em que torna a *brincadeira* mais atrativa, marcante no imaginário popular, na memória afetiva das pessoas. Ao promesseiro cabe o desafio do dito: “quem tiver suas promessas que pague”. Desse modo, o promesseiro, papel que Dona Toinha representa neste estudo, tenta conciliar a desobriga do que prometeu ao santo e o custeio dos gastos do dia de Santos Reis, que nesta investigação também foi analisado como pagamento.

Ademais, diante dessa categoria de análise, a forma velada como Dona Toinha resolve essas contas, financeiras e obrigacionais, como liderança de uma prática coletiva, desperta inquietações sobre as prestações relacionadas ao pagamento nas três dimensões apontadas: o negociar com o santo, com os *brincadores* e com os donos das casas, aqui pensados como devotos. Ao atuar como família, sob a inspiração de crenças compartilhadas na ética moral, o Reisado do Mutirão cumpre seu papel de pagar a promessa de Dona Toinha e, por extensão, atua com eficácia na desobriga de outras promessas de devotos da cidade de Demerval Lobão.

À guisa de conclusão, reafirmo a importância de etnografar o pagamento no ritual do Reisado do Mutirão, experiência essa que me permitiu retirar de dois momentos relevantes dados para o entendimento do objeto. Acompanhei dois ciclos natalinos, o primeiro (2015/2016) com nove noites (novena), percorrendo as casas da zona rural e zona urbana de Demerval Lobão, e o segundo (2016/2017), com somente cinco noites (festejo), visitando

apenas casas da cidade. Pontuo aqui que observei diferenças de um ano para o outro e isso evidencia que essa prática social do reisado está viva, é dinâmica. Ela conforma fluxos de relações pessoais, alianças desfeitas, outras que se refazem, situações inesperadas, como a morte de alguém diretamente ligado ao reisado, dificuldades financeiras, dentre outros fatos que abordei na etnografia. Entendi, então, que o Reisado do Mutirão é um fenômeno que se atualiza o tempo todo. Há um processo ritual que encara muitas adequações e desafios, e essas conformações têm influência direta no pagamento, pensado nas suas diferentes dimensões.

Minhas observações, a partir dos dados analisados, me permitem afirmar que valer-se do pagamento como forma de angariar fundos para a festa do reisado não faz de Dona Toinha uma pessoa interessada em se aproveitar financeiramente da situação e acréscimo que, embora não tenha intenção de advogar em seu favor, entendo que ela assume os riscos materiais da festa, a partir de sua atitude responsável com o pagamento dos gastos. As críticas sobre o reisado como meio de vida, nesse entendimento, não cabem nas intenções de Dona Toinha. Ela não negocia “com” o sagrado e sim “pelo” sagrado. Nesse contexto, o pagamento passa a ser caracterizado sob a dinâmica de reciprocidade do “dar, receber e retribuir” e por isso encontra-se entranhado nas relações do reisado.

Na viagem da romaria pela rota religiosa do Ceará, estudei junto ao Reisado do Mutirão a sua vocação errante de romaria. Essas peregrinações estão além da ideia de reprodução e propagação de crenças religiosas da Igreja Católica, pois alguns participantes do reisado estavam motivados mais pela confraternização, embora mantenham relação com ações rituais de atualização, resistência e fé. A prática social e religiosa de fazer romaria guarda grande proximidade com a peregrinação de *tirar* Reis. Para o Reisado do Mutirão trata-se de passagem ritual que oportuniza o fortalecimento de alianças, assim também como ratifica que o ritual é que fornece base para a vida na sociedade. Dessa maneira, ainda foi possível notar que a romaria (ou o reisado em retirada) fomenta o sentimento de pertencimento social à comunidade do bairro Mutirão. Essa vivência intensa de rituais me fez perceber que tanto a romaria quanto o reisado operam a partir de um pagamento e o que se desdobra dessa obrigação promove eficácia na atualização e reafirmação de fé dos participantes. Infiro ainda que o processo marginal de *retirar-se* da casa e vivenciar a rua são passagens de mediação articulada pela noção de sagrado e profano, em constante diálogo com as oposições do cotidiano que, a partir dessas práticas rituais, atendem a novos significados.

Nesse percurso, pontuei com atenção o conteúdo e a *performance* das loas dos *caretas*, que, mais do que versos humorísticos ou sarcásticos, atuam como mediadores e demarcam possibilidades de trânsito de espaços sagrados e profanos. As falas convencem o dono da casa

a contribuir com uma das dimensões do pagamento da *brincadeira*, ao mesmo tempo em que forjam licença de aproximação do profano com o sagrado, desenhando uma harmonia mediada pela sua figura liminar de *careta*. Desse modo, o Reisado do Mutirão opera, pelo conjunto de suas ações rituais, como prática de mediação cultural capaz de conciliar respeitosamente a *brincadeira* (elemento profano) com a experiência religiosa (elemento sagrado), fruída de forma lúdica. Essa interação de expressões de arte popular com reflexão religiosa é característica marcante nesse reisado e tem o *careta* como a chave eficaz em consolidar essa *performance*.

Pelo que foi possível observar, o Reisado do Mutirão está condicionado à disponibilidade dos *brincadores*, mas também funciona como evento regulador dos mesmos. Reunir *brincadores* de variadas ocupações para atender às peregrinações durante a noite não é tarefa fácil. Portanto, além das negociações com o pagamento, a dona do reisado precisa negociar também o tempo e o espaço, no sentido de encontrar condições viáveis para *tirar* seu reisado e pagar sua promessa. Pagar os trabalhadores não é garantia de manutenção da prática do reisado, isso porque, pela dimensão simbólica da prática que mistura profano e religioso, os brincadores estão lá e cá; eles precisam do pagamento financeiro, mas também de se identificar com o fenômeno pelo sentimento de pertencimento e representação social. É uma via de mão dupla. Dessa maneira, a prática social do Reisado do Mutirão segue cumprindo seu papel de ritual, ao peregrinar, atualizar-se e retornar renovado ao cotidiano; de brincadeira, ao promover diversão e entretenimento aos moradores da cidade; e encerra-se como pagamento de promessa à obrigação de Dona Toinha e de outros devotos que, com uma graça alcançada, querem pagar, como forma de retribuição, a homenagem que constitui o papel de festa aos Santos Reis.

Para concluir, ressalto que o presente estudo não se pretende completo e, por isso mesmo, digno de ser continuado em investigações futuras. Nesse momento, penso ter contribuído até aqui, não com respostas definitivas, porque a abordagem antropológica transcende essa lógica, mas acredito que esta etnografia possa despertar provocações, projetos e reflexões sobre práticas rituais. É nesse sentido que disponibilizo minhas análises deste estudo prene de dimensões simbólicas, obrigações, dádivas e reciprocidades nas trocas sociais do reisado como forma de pagamento.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Porto alegre: Artes Médicas, 1990.

_____. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura popular na Idade Média e Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: UNB, 1987.

BAPTISTA, José Renato de Carvalho. Os deuses vendem quando dão: os sentidos do dinheiro nas relações de troca no candomblé. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 7-40, abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132007000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 jul. 2017.

BATALHA, Luís. **Breve análise sobre o parentesco como forma de organização social**. Lisboa: Instituto superior de Ciências Sociais e Políticas, 1995, p. 751-762.

BÍBLIA SAGRADA. **Novo Testamento**. São Paulo: Edições Claretiana, 2003, p. 1286.

BITTER, Daniel. Introdução. **A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis**. Rio de Janeiro: UFRJ, IFCS, 2008, p. 9-22.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Folia de Reis de Mossâmedes**. Cadernos de Folclore nº 20. Rio de Janeiro: Arte-FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

_____. **Memória do sagrado: estudos de religião e ritual**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BRANTES, Eloísa. A espetacularidade da *performance* ritual no Reisado do Mulungu (Chapada Diamantina - Bahia). **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 24-47, jul. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872007000100003>>. Acesso em: 5 abr. 2017.

CADDAH, Laila Ibiapina. **Memória Tradição e invenção no Reisado Boi Estrela do mestre Branquinho, comunidade Boquinha, Teresina – PI**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

CAMPELO, Kevin Moraes. **Memória e cultura do Reisado do Mutirão: fragmentos de tradição na cidade de Demerval Lobão (1993-2016)**. TCC (Graduação em História). Teresina: CCHL/UFPI, 2016.

CASCUDO, Luis da Câmara. [1954]. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2002.

_____. [1967]. **Prelúdio da caça**. Formato ePub. São Paulo: Global, 2014.

CHAVES, Wagner Neves Diniz. Canto, voz e presença: uma análise do poder da palavra cantada nas folias norte-mineiras. **Mana**, v. 20, n. 2, Rio de Janeiro, ago. 2014.

_____. **Na jornada de Santos Reis**: uma etnografia da Folia de Reis do Mestre Tachico. Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS, 2003.

CORNÉLIO, Paloma Sá de Castro. **Reisado careta: brincadeira para louvar Santo Reis**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais com especialização em Antropologia). São Luis: UFMA, 2009.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. A dança. In: CAVALCANTI, Maria Laura (Org.). **Ritual e performance**: 4 estudos clássicos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, p. 21-38.

FERNANDES, Rubem César. **Os cavaleiros do Bom Jesus**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GEERTZ, Clifford. “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico. In: GEERTZ, Clifford. **O saber local**. Petrópolis: Editora Vozes, 1983, p. 85-107.

_____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Kogan, 1989.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações etc. Petrópolis: Vozes, 2013.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Patrimônio cultural e narrativas nacionais. In: GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ; Iphan, 2002, p. 13-35.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HERTZ, Robert. **A preeminência da mão direita**: um estudo sobre a polaridade religiosa. 2010. Disponível em: <<http://garapuvu.files.wordpress.com/2010/04/a-preeminencia-da-mao-direita-robert-hertz.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

HOLANDA, Sérgio Buarque de [1936]. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAUED, André. **Queixada**. Disponível em: <<http://www.mundopercussivo.com/estudos-e-pesquisas/conhecaosinstrumentos/queixada/>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

LE GOFF, Jacques [1924]. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEACH, Edmund Ronald. Cabelo Mágico. In: DAMATTA, Roberto (Org.). **Edmund Leach**: Antropologia. São Paulo: Ática, 1983, p. 139-169.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LIMA, Antonio Vagner Ribeiro. **Caderno de anotações**. Entrevistas individuais e coletivas semiestruturadas com informantes do Reisado do Mutirão. Transcritos. Demerval Lobão: Ciclo natalino 2015/2016; 2016/2017.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003, p. 183-314.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. Projeto de História Oral. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MORAES FILHO, Mello. **Festas e tradições populares do Brasil**. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia. Editores, 1946.

_____. **Serenaras e Saraus**, v. I, Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

MOTA, Leonardo. **Adagiário brasileiro**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro, J. Olympio, 1982.

PAULINO, Rogério Lopes da Silva. **As máscaras dos palhaços da Folia de Reis**: imagens e ações do mal no catolicismo popular brasileiro. Trabalho apresentado na XXVI Reunião Brasileira de Antropologia, 2008.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**. [online]. Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 277-391, jul./dez. 2014.

PEREIRA, Francisco da Silva. **Bumba, meu boi!** (Cultura popular e a política cultural e eventos em Teresina/PI: encontros e desencontros na arena pública da festa). Dissertação de mestrado em Políticas Públicas / UFPI, Teresina, 2011.

PEREIRA, Luzimar Paulo. **Os giros do sagrado**: um estudo etnográfico sobre as folias em Urucua, MG. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

PINHEIRO, Áurea. **Sobre o Piauí**. Encontro Estadual de História, 2012. Fonte: Disponível em: <www.encontro2012.pi.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=899>. Acesso em: 7 jul. 2015.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Trad. Nathanael Caxeiro. Petrópolis: Vozes, 1973.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo** [on line]. 7th ed. Ver. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. Antropologia e Saúde collection. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 7 jul. 2015.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Edições Achuaré, 1975.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). **Mana**, v. 3, n. 1, 1997, p. 41-73.

SAUTCHUK, João Miguel. **A poética do improviso: prática e habilidade no repente nordestino**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

SEEGER, Anthony. Etnografia da música. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 17, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 5 set. 2017.

SEGALEN, Martine [1999]. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SILVA, Halan Kardeck Ferreira. **Representação e identidade cultural do vaqueiro no cinema novo**. Teresina: Nova Aliança, 2010.

SOUSA, Luciano de Melo. **Brincadeira do reisado na comunidade Cipó, Pedro II - PI: mediação cultural, tradição e modernidade**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), UFRN, 2012.

_____. O reisado do Cipó: resistência de uma sociabilidade tradicional. Composição: **Revista de Ciências Sociais da UFNS**, v. 12, p. 73-91, 2013.

STEIL, Carlos Aberto. **O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa, Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SARACENI, Paulo Cezar. **Laço de fita**. Direção: Paulo Cezar Saraceni. Brasil. Embrafilmes, Funarte, 1976.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 2013.

WOORTMANN, Ellen F. **A árvore da memória**. Série Antropológica UnB. Brasília: Editora da UnB / Tempo Brasileiro, 1994, p. 1-13.

WOORTMANN, Klaas. “Com parente não se negueia”: o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico/87**. Brasília: Editora da UnB/Tempo Brasileiro, 1990, p. 11-73.